

ESTUDOS & PESQUISAS
INFORMAÇÃO ECONÔMICA

30

ESTATÍSTICAS DE EMPREENDEDORISMO

2015

endeavor
BRASIL
HIGH-IMPACT ENTREPRENEURSHIP

IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Presidente da República

Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão

Dyogo Henrique de Oliveira

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente

Roberto Luís Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas

Claudio Dutra Crespo

Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática

José Sant`Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa do Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Pesquisas

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Diretoria de Pesquisas

Estudos e Pesquisas
Informação Econômica
número 30

Estatísticas de Empreendedorismo 2015

Rio de Janeiro
2017

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISSN 1679-480X Estudos e pesquisas

Divulga estudos descritivos e análises de resultados de tabulações especiais de uma ou mais pesquisas, de autoria institucional. A série **Estudos e Pesquisas** está subdividida em: Informação Demográfica e Socioeconômica, Informação Econômica, Informação Geográfica e Documentação e Disseminação de Informações.

© IBGE. 2017

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Capa

Marcos Balster Fiore e Renato Aguiar - Coordenação de *Marketing*/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Estatísticas de empreendedorismo : 2015 / IBGE, Diretoria de Pesquisas. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017.

95p. - (Estudos e pesquisas. Informação econômica, ISSN 1679-480X ; n. 30)

Inclui bibliografia

1. Empreendedorismo – Brasil - Estatística. 2. Pequenas e médias empresas – Brasil - Estatística. I. IBGE. Diretoria de Pesquisas. II. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/IBGE/2017-22

CDU 334.722.1(81)
ECO

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

Apresentação

Introdução

Conceito de empreendedorismo

A importância das empresas de alto crescimento

Tema específico

Notas técnicas

Bases utilizadas

Classificação de atividades econômicas

Âmbito do estudo

Alcance do estudo

Regras de arredondamento

Regras de desidentificação

Comentários gerais

Contexto econômico

Cenário internacional

Comércio Internacional

Taxa de câmbio (R\$ por US\$)

Taxa de juros (SELIC)

Crescimento anual da carteira de crédito

Taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto - PIB

Índice de preços e metas de inflação

Taxa de desocupação no Brasil, Economias avançadas e Área do Euro

Panorama geral das empresas ativas

Panorama geral das empresas de alto crescimento

Taxa de crescimento

Geração de postos de trabalho assalariados

Porte

Faixa de idade

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Empresas gazelas

Porte

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Análise setorial das empresas de alto crescimento

Número de empresas: representatividade por atividade econômica

Número de empresas: distribuição por atividade econômica

Pessoal ocupado assalariado: distribuição por atividade econômica

Geração de postos de trabalho assalariado por seções de atividade econômica

Salários e outras remunerações

Média de idade

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Empresas gazelas por seções de atividade econômica

Variáveis econômicas

Valor adicionado bruto

Produtividade do trabalho

Receita líquida

Panorama geral das empresas de alto crescimento contínuo

Seções de atividade econômica

Tema específico: Empresas de alto crescimento resilientes

Resiliência por atividade

Geração de empregos

Variáveis econômicas

Crescimento da receita líquida e do pessoal ocupado assalariado durante o alto crescimento (2011-2014)

Análise regional das empresas de alto crescimento

Grandes Regiões

Unidades da Federação

Conclusões

Referências

Glossário

Convenções

-	Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento;
..	Não se aplica dado numérico;
...	Dado numérico não disponível;
x	Dado numérico omitido a fim de evitar a individualização da informação;
0; 0,0; 0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente positivo; e
-0; -0,0; -0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente negativo.

Apresentação

Esta publicação divulga os resultados da sétima edição do estudo Estatísticas de Empreendedorismo, referente ao ano de 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com a cooperação técnica do Instituto Empreender Endeavor Brasil. A Endeavor é uma instituição global sem fins lucrativos de fomento ao empreendedorismo.

Este estudo foi elaborado a partir das informações do Cadastro Central de Empresas - CEMPRES e das pesquisas estruturais por empresa nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços, realizadas pelo IBGE, que contemplam informações sobre o segmento empresarial formalmente constituído da economia brasileira.

É apresentada uma contextualização do tema empreendedorismo, explicando a sua relevância e discutindo os conceitos de empresas de alto crescimento. Estas definições são integradas às recomendações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (Organisation for Economic Cooperation and Development - OECD). Também são incluídas as notas técnicas, abordando as bases das pesquisas por empresa utilizadas, a classificação de atividades econômicas, o âmbito do estudo e as variáveis investigadas. Ao final, a seção de comentários gerais discorre sobre o desempenho das empresas de alto crescimento, detalhado por um tema específico.

Claudio Dutra Crespo
Diretor de Pesquisas

Introdução

Esta publicação trata da exploração de variáveis que caracterizam empresas de alto crescimento, conceito que considera a geração de postos de trabalho assalariados ao longo do tempo. Os resultados são apresentados em comparações trienais. Os dados mais atuais disponíveis para descrever tal fenômeno se referem ao ano-base de 2015. Portanto, no seu conceito-chave, analisam-se dados do triênio 2013-2015.

Tal fato posiciona o estudo Estatísticas de Empreendedorismo 2015 em um momento posterior à crise na economia global ocorrida entre 2008 e 2009¹, que se desdobrou na crise de 2011 – caracterizada por altas taxas de desemprego nos países da Área do Euro. Em 2015, sete anos após a crise de 2008, o crescimento da economia mundial ainda refletia a lenta recuperação das economias avançadas – além do aprofundamento da desaceleração dos mercados emergentes. De acordo com o *World economic outlook* (2016), publicado pelo Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF), o cenário econômico global, em 2015, foi influenciado por algumas questões críticas: a lenta recuperação das economias avançadas; a desaceleração da economia chinesa; a queda dos preços das *commodities*, principalmente a queda do preço do petróleo e insumos energéticos;

¹ A economia mundial, que até 2007 experimentava um ciclo de expansão, iniciou, em 2008, um processo de retração, com redução das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto - PIB em todo o mundo. Entre 2009 e 2012, a Área do Euro apresentou um crescimento médio negativo do PIB (-0,4). No Brasil, a média foi positiva, abaixo do nível verificado no período anterior, no entanto, com uma redução do crescimento de 4,6% (2005-2008) para 2,7% (2009-2012). Vale ressaltar que, no caso brasileiro, essa desaceleração não veio acompanhada de altas taxas de desemprego como no caso das Economias avançadas (8,02%). Com exceção de 2009, a taxa de desemprego brasileira apresentou uma tendência decrescente em todo o período, atingindo mínimos históricos (WORLD..., 2016).

e a adoção gradual, por parte dos Estados Unidos, de uma política monetária mais contracionista que a verificada nos últimos anos. Assim, houve deterioração das condições macroeconômicas dos países emergentes – justificada pela redução dos preços internacionais das *commodities* – e, visível na maior volatilidade dos mercados financeiros, na redução do ingresso de capitais, e na desvalorização das taxas de câmbio.

Assim, em um cenário de baixo dinamismo das economias, a ideia de empreendedorismo como promotor do crescimento e da inovação vem ganhando destaque. Para Ahmad e Hoffman (2008), o empreendedorismo é um instrumento importante no aumento da produtividade, na competitividade e na geração de novos postos de trabalho. No entanto, se, por um lado, há uma vasta literatura destacando sua importância, por outro, é sabida a complexidade de sua mensuração.

Esforços recentes vêm sendo feitos no sentido de padronizar e delimitar o conceito de empreendedorismo. Desde o final da década passada (2001-2010) e o início da atual, o estudo do tema e a disponibilidade de informações se encontram em contínuo desenvolvimento (SANTOS et al., 2014). Com o intuito de facilitar a mensuração e possibilitar a comparação internacional, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD) publicou o estudo *Defining entrepreneurial activity: definitions supporting frameworks for data collection*, em 2008, elaborado por Ahmad e Seymour (2008), com definições necessárias para caracterizar tais aspectos. O Brasil tornou-se um parceiro da OCDE a partir de 2007, e o IBGE passou a fazer parte do programa em 2009, lançando, em 2011, seu primeiro estudo referente ao tema, denominado Estatísticas de Empreendedorismo 2008. Os estudos que se seguiram (ESTATÍSTICAS..., 2012; 2013; 2014; 2015; 2016) tinham como objetivo aprofundar a análise da dinâmica empreendedora no Brasil. No universo das empresas, optou-se pela utilização das empresas de alto crescimento como objeto de estudo. Tal foco justifica-se pela relevância dessas empresas no crescimento econômico, principalmente na criação de empregos (AHMAD; SEYMOUR, 2008). Dessa forma, ao longo da análise, adota-se o conceito de alto crescimento de empresas como uma aproximação do termo empreendedorismo.

Nas edições anteriores, assim como na atual, utiliza-se a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0², oficialmente adotada pelo Sistema Estatístico Nacional e compatível com a Revisão 4 da Clasificación Industrial Internacional Uniforme de todas las Actividades Económicas - CIU (International Standard Industrial Classification of all Economic Activities - ISIC).

Esta edição traz, como tema específico, o estudo das empresas resilientes – as empresas de alto crescimento de 2014 que continuaram crescendo 20% ou mais, em 2015. Considerando que a desaceleração econômica do Brasil impactou sobre o mercado de trabalho ao final de 2014, traçar o perfil das empresas resilientes nos permite observar quais empresas continuaram gerando novos postos de trabalho em um cenário adverso ao crescimento das empresas no Brasil.

² Para informações mais detalhadas sobre classificações adotadas pelo IBGE, acessar o endereço: <<http://concla.ibge.gov.br>>

Conceito de empreendedorismo

O termo "empreendedor" possuiu vários significados ao longo dos últimos séculos (HÉBERT; LINK, 1988). Tradicionalmente, a noção de empreendedorismo é creditada a Jean-Baptiste Say (1767-1832), mas foi o economista franco-irlandês Richard Cantillon (década de 1680-1734), quem introduziu, em 1755, o termo ao utilizá-lo para descrever "alguém que exerce um julgamento de negócios em face da incerteza" (BULL; WILLARD, 1993, p. 185, tradução nossa)³. A partir das contribuições de Cantillon, diversos autores se debruçaram sobre o tema, como Adam Smith (1723-1790), Jean Baptiste Say (1767-1832), Alfred Marshall (1842-1924), Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), Frank Hyneman Knight (1885-1972), Edith Elura Tilton Penrose (1914-1996) e Israel Meir Kirzner (1930-) (HÉBERT; LINK, 1988).

Os trabalhos do austríaco Joseph Schumpeter tiveram papel fundamental na consolidação do empreendedorismo como campo de estudo, ligando-o ao conceito de inovação. O empreendedor passa a ser visto, então, como o agente que utiliza de forma diferente os recursos, deslocando-os de seu uso tradicional a partir de novas combinações. Já Edith Penrose foi uma das primeiras autoras a introduzir conceitos ligados à atividade empreendedora e às capacidades empreendedoras dentro da organização, alterando o foco da análise da figura do empreendedor para a ideia do empreendedorismo inserido no contexto da firma (PENROSE, 1959).

Na literatura recente, o estudo do empreendedorismo aprofundou-se na análise das oportunidades empreendedoras, situações em que novos produtos, serviços, materiais ou métodos organizacionais podem ser introduzidos e vendidos por um preço maior do que o seu custo de produção (CASSON, 1982). No entanto, se, por um lado, há uma vasta literatura destacando sua importância, por outro, não há consenso sobre a definição do conceito de empreendedorismo. Wennekers e Thurik (1999), por exemplo, destacam as diversas dimensões envolvidas no conceito de empreendedorismo, dependentes do nível de análise (individual, firma e níveis agregados da atividade econômica) em foco.

No decorrer deste estudo, serão adotadas as seguintes definições propostas por Ahmad e Seymour (2008) em seu estudo publicado pela OCDE:

- **Empreendedores:** são pessoas, necessariamente donos de negócios, que buscam gerar valor por meio da criação ou expansão de alguma atividade econômica, identificando e explorando novos produtos, processos e mercados;
- **Atividade empreendedora:** é a ação humana empreendedora que busca gerar valor, por meio da criação ou expansão da atividade econômica, identificando novos produtos, processos e mercados; e
- **Empreendedorismo:** é o fenômeno associado à atividade empreendedora.

Pela definição, é possível que uma empresa tenha muitos empregados e ainda seja empreendedora, uma vez que o fenômeno não está associado a estratos específicos nem da atividade econômica, tampouco do porte e/ou idade da empresa. Tal fenômeno espalha-se por qualquer tipo de firma que seja capaz de expandir seus negócios por meio da geração de valor e criação de novos produtos, processos e mercados.

³ Traduzido a partir do texto original: *It [term entrepreneur] first appeared in the writings of Richard Cantillon in 1755 who used the term to describe someone who exercises business judgment in the face of uncertainty.*

Visando à construção de um modelo brasileiro de mensuração de empreendedorismo por meio da integração, organização e interpretação de informações sistemáticas referentes ao tema, e usando como fonte de informação as bases de dados já disponíveis no IBGE, este trabalho tem como objetivo geral dar continuidade à análise exploratória do perfil socioeconômico das empresas de alto crescimento, a partir do cruzamento de informações das bases de microdados do Cadastro Central de Empresas - CEMPRE, do IBGE, no triênio 2013-2015. Tal avaliação se dá com base, fundamentalmente, na apreciação de indicadores apontados como relevantes, pela literatura, tais como idade, porte e setor de atividade das empresas e pessoal ocupado assalariado nessas empresas (DEMOGRAFIA..., 2017).

A importância das empresas de alto crescimento

Ao longo do tempo, a análise do fenômeno do crescimento por meio de seus fundamentos microeconômicos tem colaborado para destacar o papel das empresas de alto crescimento. Nesse sentido, Acs, Parsons e Tracy (2008) ressaltam a necessidade de aprofundar a caracterização das empresas de alto crescimento. De acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics*, publicado em 2007, essas empresas desempenham papel fundamental no tratamento de questões essenciais de políticas públicas, principalmente pela sua participação na geração de emprego. No entanto, este é um objeto de análise ainda pouco tratado em pesquisas teóricas e empíricas. Pouco se sabe sobre as empresas de alto crescimento e ainda menos sobre os seus determinantes.

Segundo estudos empíricos (ACS; PARSONS; TRACY, 2008; AUDRETSCH, 2012), as empresas de alto crescimento, mesmo que representem uma parcela pequena do total de firmas, são responsáveis por percentual considerável da criação de empregos. Há estudos que apontam que tal desproporção é ainda maior no caso brasileiro, o que sugere o grau de importância das empresas de alto crescimento para a dinâmica da economia de países em desenvolvimento (SANTOS et al., 2014). No que concerne às características das empresas, parte da recente literatura empírica de crescimento de firmas corrobora a afirmação proposta por Ahmad e Hoffman (2008) de que há fatores determinantes da performance empreendedora.

A definição de empresas de alto crescimento adotada pelo IBGE está de acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics*. Uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos e tem 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação. Em linha com edições anteriores, o presente estudo se debruça também sobre as empresas gazelas, um subgrupo das empresas de alto crescimento, que abrange empresas com idade entre 3 e 5 anos, no ano de referência (2014) – e que apresenta crescimento médio anual superior a 20%, em um período de três anos (EUROSTAT-OECD..., 2007). Esta edição, assim como as anteriores, considera o grupo de empresas de alto crescimento contínuo, aquelas que tiveram crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, durante dois triênios seguidos. As empresas de alto crescimento contínuo são um fenômeno raro, segundo estudo divulgado pela OECD (HIGH-GROWTH..., 2010), e sua mensuração gera possibilidades de evidenciar comportamentos distintos do alto crescimento observado no total de empresas de alto crescimento.

Tema específico

A investigação das empresas de alto crescimento é importante para embasar a elaboração de políticas públicas que promovam a geração de empregos nas economias. A literatura sobre o alto crescimento revela uma demanda crescente por dados relacionados a agregações alternativas de empresas, uma vez que a utilização de novas perspectivas é uma maneira de compreender questões atuais que não estão explícitas nos recortes tradicionais (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016). Assim, esta edição apresenta como tema específico a análise das empresas resilientes, para além do recorte tradicional do estudo das empresas de alto crescimento.

Em 2015, existiam 25 796 empresas de alto crescimento, uma redução de 17,4% em relação à 2014 (31 223 empresas). Dado que as empresas de alto crescimento de 2015 são aquelas que possuíam ao menos 10 pessoas ocupadas assalariadas, e cujo número de pessoal ocupado assalariado cresceu em média 20% ao ano, durante três anos (2013-2015), a redução no número de empresas de alto crescimento refletiu os impactos da recessão econômica, a partir do final de 2014, sobre o mercado de trabalho. Neste cenário de desaquecimento do mercado de trabalho, o estudo Estatísticas de Empreendedorismo torna-se relevante para compreender a dinâmica de geração de empregos da economia brasileira.

A redução do crescimento da economia brasileira nos últimos anos, ilustrada nas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto - PIB de 0,1%, em 2014, e -3,5%, em 2015, impactou sobre o mercado de trabalho somente em 2015, quando a taxa de desocupação do Brasil passou de 6,8%, em 2014, para 8,5%, em 2015, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. O exercício proposto para esta edição foi observar, dentre as empresas de alto crescimento de 2014, quais tiveram aumento do pessoal ocupado assalariado de no mínimo 20% em 2015. Foi observado que apenas 3 965 empresas (12,8%) continuaram crescendo após o período de alto crescimento, e estas foram denominadas *resilientes* – pois continuaram crescendo em um ano desfavorável ao desempenho econômico das empresas no Brasil.

Assim, estudar as empresas resilientes se apresentou como um meio de analisar as empresas que continuaram gerando novos postos de trabalho em um cenário adverso. Foram observados: o perfil das empresas resilientes (idade, porte, e a distribuição em seções de atividade econômica); a resiliência setorial (quais atividades apresentaram a maior proporção de empresas resilientes); a geração de empregos por atividade; e as variáveis econômicas, em 2015. Por fim, foram observadas as taxas de crescimento de receita líquida e pessoal ocupado assalariado das empresas resilientes no seu triênio de alto crescimento (2012-2014).

Notas técnicas

O presente estudo é um levantamento sistemático de dados das empresas de alto crescimento. Uma vez que o conceito de empresas de alto crescimento se refere àquelas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação, os resultados são apresentados comparativamente entre as empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas ou com as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Outro conceito central para esta publicação é o de Unidade Local. Conforme já utilizado em outras publicações do IBGE, considera-se como tal o endereço de atuação da empresa que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as Unidades Locais estabelecidas no País.

Bases utilizadas

Para a realização deste estudo, foram utilizadas informações provenientes do Cadastro Central de Empresas - CEMPRE e das pesquisas estruturais por empresa do IBGE, de 2011 a 2014, nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços.

O CEMPRE engloba registros de pessoas jurídicas inscritas no CNPJ, independentemente da atividade exercida ou da natureza jurídica. Essas informações resultam da consolidação de registros administrativos, como a Relação Anual de Informações Sociais - RAIS e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, do então Ministério do Trabalho e Emprego⁴, com os das pesquisas por empresa realizadas pelo IBGE, dando-se prioridade aos dados obtidos por estas⁵. As informações cadastrais das empresas e outras organizações contidas no CEMPRE são: razão social, código da natureza jurídica, classificação da atividade econômica principal e ano de fundação, além de endereço completo e nome de fantasia para as Unidades Locais. O CEMPRE contém ainda dados econômicos, como pessoal ocupado total e assalariado, salários e outras remunerações e, para as empresas oriundas das pesquisas por empresa realizadas pelo IBGE, existem ainda dados sobre pessoal ocupado total; pessoal ocupado assalariado; número médio de pessoal ocupado no ano; custos e despesas de pessoal; outros gastos de pessoal, como Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS, contribuições para a previdência social, contribuições para a previdência privada, indenizações trabalhistas, benefícios concedidos aos empregados etc.; custos dos aluguéis e arrendamentos; custos das mercadorias adquiridas para revenda; custos das operações da atividade principal; outros custos e despesas; receita total; receita bruta; receita operacional líquida; produtividade; valor adicionado bruto⁶.

Uma vez delimitado o conjunto de empresas de alto crescimento pelo CEMPRE, pode-se explorar a estrutura econômica destas nas seguintes pesquisas estruturais por empresa do IBGE:

- Pesquisa Industrial Anual - Empresa - PIA-Empresa;
- Pesquisa Anual da Indústria da Construção - PAIC;
- Pesquisa Anual de Comércio - PAC; e
- Pesquisa Anual de Serviços - PAS⁷.

Classificação de atividades econômicas

As empresas e as respectivas Unidades Locais produtivas são classificadas de acordo com a principal atividade econômica desenvolvida, com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0, oficialmente utilizada pelo Sistema Estatístico Nacional e compatível com a Revisão 4 da Clasificación Industrial Internacional Uniforme de todas las Actividades Económicas - CIIU (International Standard Industrial Classification of all Economic Activities - ISIC).

⁴ A partir de 2016, o Ministério do Trabalho e Previdência Social passou a ser denominado apenas de Ministério do Trabalho.

⁵ Para informações mais detalhadas sobre aspectos metodológicos da constituição do CEMPRE, consultar a publicação *Demografia das empresas 2014*, divulgada pelo IBGE em 2016.

⁶ Para informações mais detalhadas sobre a conceituação das variáveis exploradas no estudo, consultar o **Glossário** ao final da publicação.

⁷ Para uma descrição completa das metodologias das pesquisas por empresas aqui apresentadas, consultar o portal do IBGE na Internet, no endereço: <<http://www.ibge.gov.br>>.

Âmbito do estudo

Em relação à natureza jurídica, esta publicação considera, no seu âmbito, somente as entidades empresariais, tal como definido na Tabela de Natureza Jurídica⁸.

Em termos de atividade econômica, o âmbito desta publicação, para resultados do CEMPRE, são todas as seções da CNAE 2.0. Quando se tratar de variáveis advindas das pesquisas por empresa, descritas anteriormente, o âmbito se restringirá ao das pesquisas⁹:

- PIA-Empresa: atividade principal compreendida nas seções B e C;
- PAIC: atividade principal compreendida na seção F;
- PAC: atividade principal compreendida na seção G, à exceção do grupo 452 e da classe 4543-9; e
- PAS: atividade principal compreendida nas divisões 37, 39, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 68, 71, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 90, 92, 93, 95 e 96, nos grupos 01.6, 02.3, 38.1, 38.2, 38.3, 45.2, 49.1, 49.2, 49.3, 49.4, 49.5, 51.1, 51.2, 69.2, 70.2, 81.2, 81.3, 85.5, 85.9 e nas classes 45.43, 69.11 e 81.11.

Alcance do estudo

A limitação de âmbito, quando se passa das variáveis do CEMPRE para as pesquisas por empresa, é evidente. O CEMPRE representa o universo de empresas do País em um determinado ano; portanto, os números absolutos dão conta de toda a economia brasileira para o ano-base em questão. Em contrapartida, as pesquisas por empresa seguem modelos amostrais, o que significa que, uma vez identificadas as empresas de alto crescimento e as gazelas nas pesquisas por empresa, cria-se um subconjunto que, na pesquisa, não contém todas as empresas daquele setor. A partir desse subconjunto, as estimativas para as empresas de alto crescimento do setor são produzidas utilizando-se o procedimento de pós-estratificação, que leva em conta o novo domínio: o universo de empresas de alto crescimento proveniente do CEMPRE. Posteriormente, são utilizados dois estimadores para a calibração dos pesos originais, dependendo do setor: estimador de total para subpopulações ou estimador de regressão. No caso do estimador de regressão, ajustam-se os totais obtidos com o estimador de subpopulação aos totais populacionais de número de empresas, pessoal ocupado e salário dos novos domínios, disponíveis no Cadastro Básico de Seleção - CBS. Por fim, na exploração dos resultados regionais, por Unidades da Federação, utiliza-se o conceito definido no início deste tópico: Unidade Local de empresa de alto crescimento. Os resultados estão apresentados, em cartogramas, ao final da publicação.

⁸ Consultar a Tabela de Natureza Jurídica 2014, organizada no âmbito da Comissão Nacional de Classificação - CONCLA, por meio da Resolução Concla n. 2, de 23.12.2013, publicada no *Diário Oficial da União*, n. 250, de 26.12.2013, com vigência a partir de 1º de janeiro de 2014, no portal do IBGE, na Internet, no endereço: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema>>.

⁹ Para uma descrição detalhada das divisões, grupos e classes da CNAE 2.0, consultar: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas/classificacao-nacional-de-atividades-economicas>>.

Regras de arredondamento

Tendo em vista que as informações monetárias da pesquisa foram coletadas em Reais (R\$) e tabuladas em mil Reais (R\$ 1 000), para cada linha das tabelas de resultados, as informações de uma determinada variável foram somadas, dividindo-se os valores por 1 000 somente no momento da totalização desta linha para esta determinada variável. O arredondamento, após a divisão, foi feito aumentando-se de uma unidade a parte inteira do total da variável, quando a parte decimal era igual ou superior a 0,5. Por esses motivos, podem ocorrer pequenas diferenças de arredondamento entre os totais apresentados e a soma das parcelas em uma mesma tabela, mas que correspondem ao mesmo conjunto de unidades de investigação.

Regras de desidentificação

Com o objetivo de assegurar o sigilo das informações individualizadas, de acordo com a legislação vigente, são adotadas regras de desidentificação na divulgação dos resultados. Quando, para um determinado detalhamento da atividade, existir apenas uma ou duas empresas, todas as informações da linha correspondente são assinaladas com (x).

Comentários gerais

Contexto econômico

Cenário internacional

Como mencionado na **Introdução**, o recorte temporal do presente volume compreende o triênio 2013-2015. A Tabela 1 apresenta a variação percentual do Produto Interno Bruto - PIB para: Brasil; Mundo; Área do Euro; Economias avançadas¹⁰ Mercados emergentes e economias em desenvolvimento¹¹; e América Latina e Caribe.

Na Tabela 1 é possível observar que desde 2012 a economia brasileira cresceu abaixo da média mundial. Em 2013, o Brasil acentuou o ritmo de crescimento econômico e se aproximou da média dos países da América Latina e Caribe e da média mundial. Entretanto, em 2014, o PIB brasileiro apresentou crescimento abaixo de todos os grupos analisados (0,1%), um recuo de 2,9 pontos percentuais em relação ao ano anterior. Nesse período o País se comportou de forma distinta da observada nos países da Área do Euro e nas Economias Avançadas, com avanços respectivos de 1,2 ponto percentual e 0,7 ponto percentual, enquanto a América Latina e Caribe e os Mercados Emergentes acompanharam o movimento brasileiro, com recuos de 1,7 ponto percentual e 0,3 ponto percentual, respectivamente.

¹⁰ Classificação do FMI para um grupo composto por 35 países, dentre eles: Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, Coreia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Portugal e Reino Unido (COUNTRY..., 2015).

¹¹ Classificação do FMI para um grupo composto por 152 países, dentre eles: Afeganistão, Argentina, Brasil, Chile, China, Índia e Rússia (COUNTRY..., 2015).

Em 2015, a economia mundial cresceu 3,1%, 0,4 ponto percentual abaixo das projeções realizadas no início do de 2015, refletindo o aprofundamento da desaceleração dos mercados emergentes, e a lenta recuperação das economias avançadas. De acordo com o *World economic outlook* (2016), publicado pelo Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF), o cenário econômico global foi influenciado por algumas questões críticas: a lenta recuperação das economias avançadas; a desaceleração da economia chinesa; a queda dos preços das *commodities*, principalmente a queda do preço do petróleo e insumos energéticos; e a adoção gradual, por parte dos Estados Unidos, de uma política monetária mais contracionista que a verificada nos últimos anos. Assim, houve deterioração das condições macroeconômicas dos países emergentes, justificada pela redução dos preços internacionais das *commodities*, e visível na maior volatilidade dos mercados financeiros, na redução do ingresso de capitais e na desvalorização das taxas de câmbio.

No caso do Brasil, a maior economia da América Latina e do Caribe, o ano de 2015 foi marcado por um período de crise no cenário político, combinado com um lento progresso nas reformas estruturais, redução das taxas de investimento e do crescimento da economia brasileira, além da alta inflação e aumento do desemprego. Ademais, a adoção de uma política monetária e fiscal mais restritiva a partir de 2014, com o objetivo de conter o crescimento do crédito e da inflação e melhorar as condições fiscais, contribuíram para a desaceleração da economia brasileira. (GLOBAL..., 2015). Além disso, a desaceleração do crescimento econômico da China – principal parceiro comercial do Brasil – e a redução dos preços de *commodities* com participação relevante na pauta exportadora brasileira, refletiram no desempenho da economia brasileira, cujo PIB apresentou uma queda de 3,5% em 2015. Este foi o pior desempenho desde 1990 (-4,3%), apresentando um recuo de 4,0 pontos percentuais em relação ao ano anterior, ao passo que na América Latina e Caribe a redução do PIB entre 2014-2015 foi de 1,4 ponto percentual. No caso da América Latina e do Caribe, sendo o Brasil um grande importador na região, a desaceleração da economia brasileira impactou no crescimento dos países vizinhos.

Tabela 1 - Variação percentual do Produto Interno Bruto - PIB Brasil, Mundo, Economias Avançadas, Área do Euro, Mercados Emergentes e Economias em Desenvolvimento, América Latina e Caribe - 2012-2015

Região/País	Ano			
	2012	2013	2014	2015
Mundo	3,5	3,3	3,4	3,1
Economias Avançadas	1,2	1,2	1,8	1,9
Área do Euro	(-) 0,9	(-) 0,3	0,9	1,6
Mercados Emergentes e Economias em Desenvolvimento	5,3	4,9	4,6	4,0
América Latina e Caribe	3,2	3,0	1,3	(-) 0,1
Brasil	1,9	3,0	0,1	(-) 3,5

Fonte: Brazil, world, advanced economies, Euro area, European Union, emerging market and developing economies, Latin America and the Caribbean. National Accounts. Gross domestic product, constant prices, percent change, 2012-2015. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: out. 2017.

Em 2015, o crescimento da economia brasileira foi negativo (-3,5%), sendo esse o pior resultado entre os grupos analisados. A economia da América latina e Caribe, após registrar crescimento de 1,3% em 2014, apresentou variação negativa de 0,1% em 2015. Com isso, os países em desenvolvimento reduziram a velocidade de crescimento de 4,6%, em 2014, para 4,0% em 2015. Por outro lado, as economias avançadas mantiveram relativa estabilidade no ritmo de crescimento entre 2014 (1,8%) e 2015 (1,9%). A Área do Euro mostrou crescimento mais intenso em 2015 (1,6%), quando comparado com 2014 (0,9%), sinalizando um maior dinamismo na trajetória de recuperação da crise de 2011, caracterizada por um cenário de endividamento público e altas taxas de desemprego nos países da Área do Euro.

Comércio Internacional

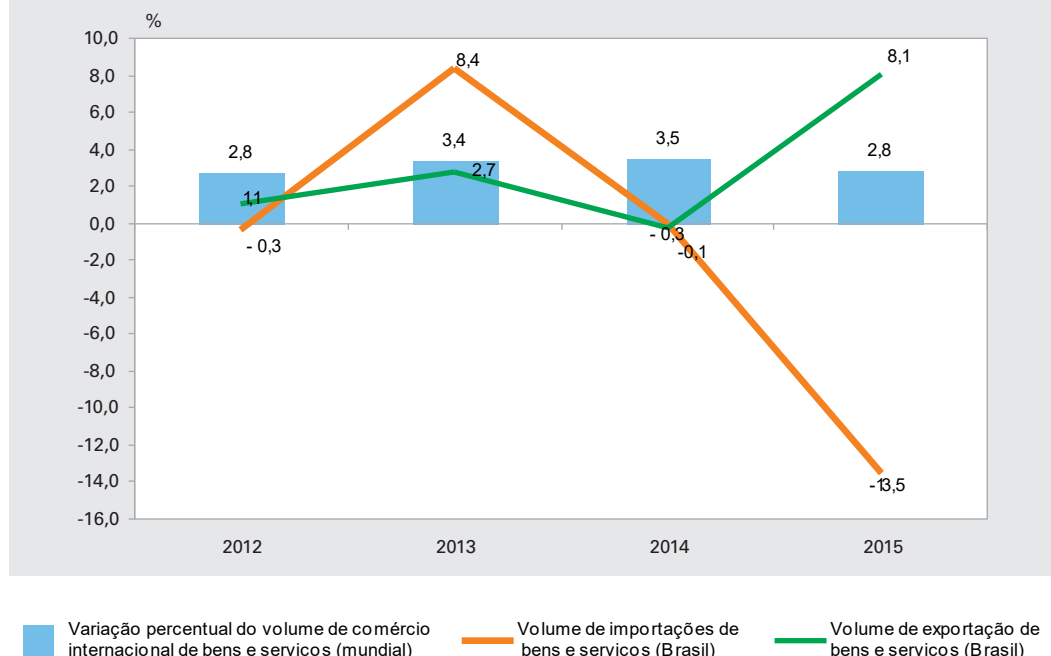
O Gráfico 1, a seguir, mostra que o volume de comércio internacional de bens e serviços (mundo) cresceu de 2,8% em 2012 para 3,4% em 2013. Esse avanço no ritmo do comércio internacional é explicado, em grande parte, pela recuperação da crise de 2011 dos países que compõem a Área do Euro. Em 2014, esta tendência se manteve, e a variação no volume de comércio internacional de bens e serviços foi de 3,5%. Em 2015, no entanto, o crescimento foi de 2,8%, menor que o verificado no ano anterior.

Segundo o *World economic outlook* (2016), o enfraquecimento da dinâmica do comércio internacional foi influenciado principalmente pela redução dos preços das *commodities*. Ademais, parte da redução do ritmo de crescimento do comércio mundial é explicada pela desaceleração do crescimento da economia mundial, como destacado anteriormente.

O Brasil, em 2012, apresentou taxa de crescimento em suas exportações de 1,1%, e no ano de 2013 o crescimento das exportações foi de 2,7%, acompanhando o ritmo observado no comércio mundial. Em 2014, com o menor ritmo de atividade econômica, as exportações registraram variação de -0,3%. Contudo, em 2015, devido à depreciação cambial, as exportações ganharam fôlego, registrando crescimento de 8,1% nesse ano. O crescimento das importações brasileiras passou de -0,3%, em 2012, para 8,4%, em 2013 - acompanhando o crescimento da atividade econômica. Em 2014, a variação no volume das importações foi de -0,1%, em função da depreciação cambial, que teve início no segundo semestre de 2014. Em 2015, as importações brasileiras tiveram uma queda de 13,5%, em função da depreciação cambial e do menor ritmo de atividade econômica. Assim, a desvalorização do real influenciou positivamente o saldo da balança comercial brasileira, sobretudo pelo impacto sobre as importações. Em 2015, a balança comercial registrou superavit de US\$19,7 bilhões, ante deficit de US\$4 bilhões em 2014 (BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015).

Na América Latina e no Caribe, a queda no volume das importações (-2,0%), e aumento no volume de exportações (3,7%), em 2015, também são explicados principalmente pela depreciação cambial nos países da região, como Argentina e Colômbia.

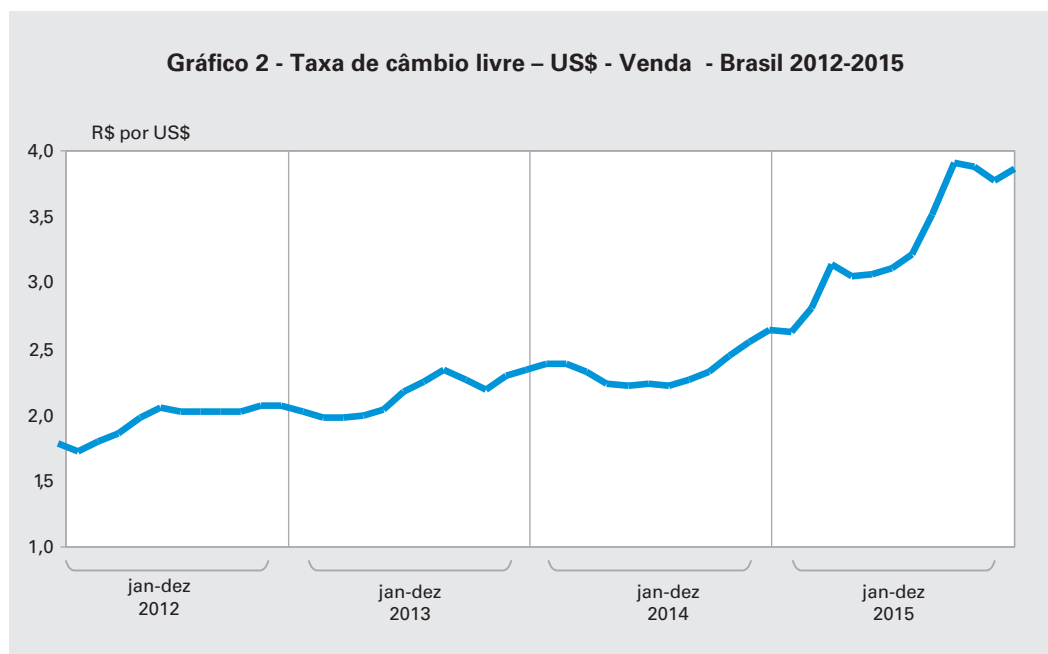
Gráfico 1 - Variação percentual do volume de comércio internacional de bens e serviços mundial e variação percentual do volume de importação e exportação de bens e serviços Brasil - 2012-2015



Fonte: Brazil, Latin America and the Caribbean. Trade. Trade volume of goods and services, volume of imports/exports of goods and services, percent change, 2012-2015. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: out. 2017.

Taxa de câmbio (R\$ por US\$)

A perda de valor do real frente ao dólar foi acentuada no período de 2012 a 2015, tendo a taxa de câmbio nominal (venda) registrado desvalorização de 109,0%, passando de R\$ 1,86/US\$ no início de 2012, e alcançando R\$ 3,90/US\$ em dezembro de 2015. Entre 2012 e 2013 taxa de câmbio livre não ultrapassou o patamar de preço de R\$ 2,40. Entretanto, a partir de setembro de 2014, após um primeiro semestre apresentando taxas de crescimento moderado, o câmbio iniciou um processo acelerado de depreciação. Em 2015, em função da desaceleração da economia chinesa e da redução da nota de crédito soberano do Brasil por importantes agências de *rating*, resultante de incertezas políticas e fiscais, a taxa de câmbio nominal (venda) registrou desvalorização de 47,0% no ano, passando de R\$ 2,65/US\$, ao final de 2014, para R\$ 3,90/US\$, ao final de 2015 (BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015). (Gráfico 2)



— Taxa de câmbio - Livre - Dólar americano (venda) - Média de período - mensal - u.m.c./US\$

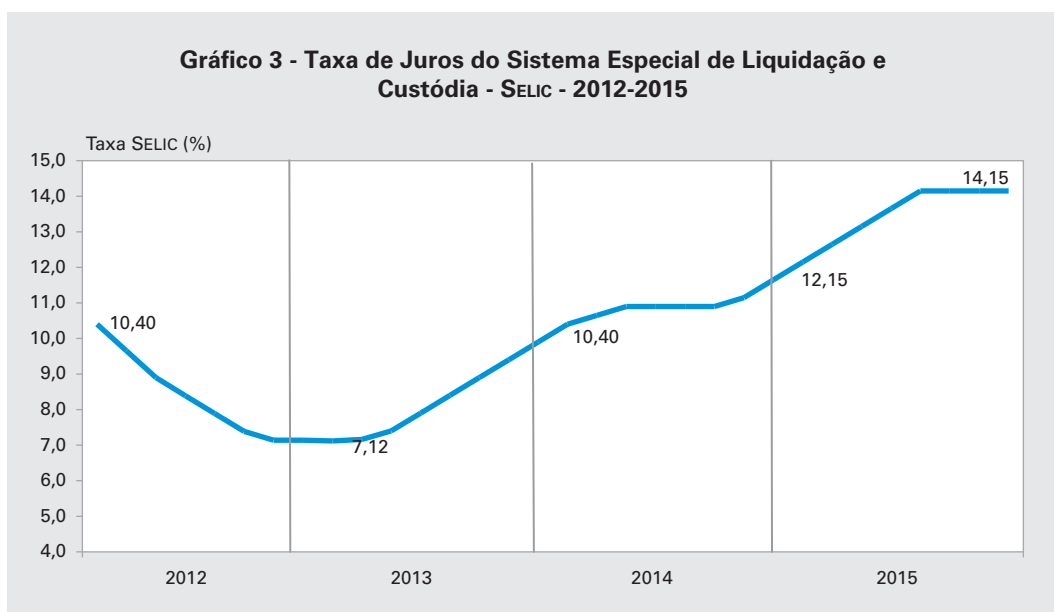
Fonte: Séries temporais. Setor externo. Taxas de câmbio. Taxas administrativas ou livres. Dólar americano (venda) - média de período - 3694 [2012-2015]. In: Banco Central do Brasil. SGS: sistema gerenciador de séries temporais. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/series/port/aviso.asp>>. Acesso em: out. 2017.

Taxa de juros (SELIC)

No que se refere ao comportamento da taxa básica de juros SELIC¹², definida pelo Banco Central do Brasil, o Gráfico 3 mostra o período 2012-2015. No ano de 2012, observa-se tendência de redução da taxa SELIC, que em janeiro registrou taxa de 10,40% ao ano e em novembro registrou 7,14% ao ano, reduzindo 3,26 pontos percentuais. Após estabilidade de outubro de 2012 a março de 2013, a SELIC passou por 19 aumentos consecutivos, chegando em julho de 2015 à taxa de 14,15% ao ano, e se mantendo estável até o final do ano – sendo essa a maior taxa de juros do período observado.

Ao longo do ano de 2015 a SELIC passou por cinco aumentos consecutivos, uma vez que a inflação se encontrava em patamar elevado devido, em parte, à ocorrência de dois importantes processos de ajustes de preços relativos na economia – realinhamento dos preços domésticos em relação aos internacionais e realinhamento dos preços administrados em relação aos livres. Ademais, o Copom entendeu que a manutenção desse patamar da taxa básica de juros, por período suficientemente prolongado, era necessária para a convergência da inflação para a meta no horizonte relevante da política monetária e ressaltou que a política monetária se manteria vigilante para a consecução desse objetivo (BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015).

¹² Taxa de referência do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia.



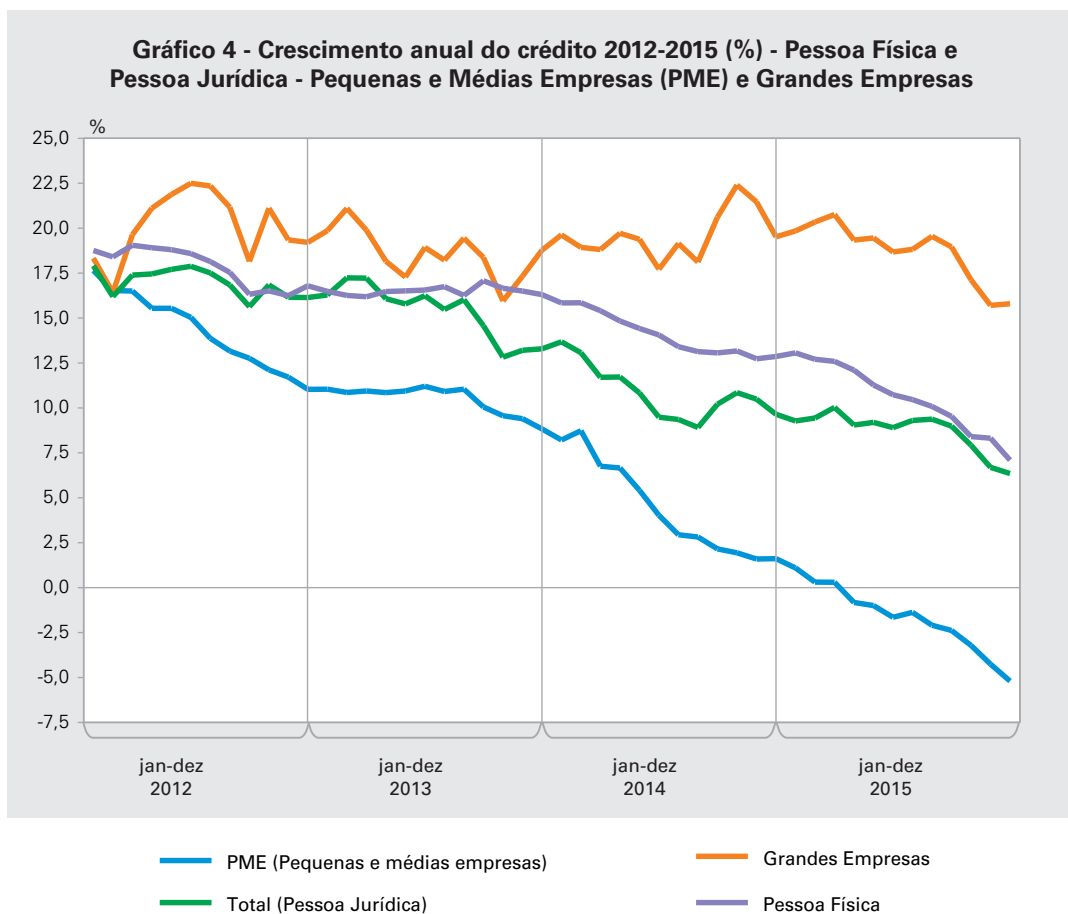
Fonte: Banco Central do Brasil. Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom e evolução da taxa Selic. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/Copom/Port/taxaSelic.asp#notas>>. Acesso em: out. 2017.

Crescimento anual da carteira de crédito

O Gráfico 4 apresenta a taxa de crescimento do crédito à pessoa física e pessoa jurídica, o último segmentado entre Pequenas e Médias Empresas - PME e Grandes Empresas. No período 2012-2015 houve redução das taxas de crescimento do crédito, no Brasil, em todos os grupamentos observados. O movimento de retração do crédito se acentuou a partir de 2014, em função do desaquecimento econômico, juros mais elevados, e redução no nível de confiança dos consumidores e dos empresários – tendências que se aprofundaram em 2015. Este cenário levou à redução na demanda por crédito e à adoção de critérios de concessão mais conservadores por parte das instituições financeiras, contribuindo para a redução da taxa de crescimento da carteira de crédito do Sistema Financeiro Nacional.

A taxa de crescimento do crédito concedido na carteira de pessoa física passou de 18,8%, em janeiro de 2012, para 7,1%, em dezembro de 2015 (11,7 pontos percentuais). Em 2015, as condições adversas de emprego, renda e altas taxas de juros acentuaram a desaceleração da carteira de crédito a pessoas físicas (RELATÓRIO DE ESTABILIDADE FINANCEIRA, 2015).

Na carteira de pessoa jurídica a variação foi de 11,6 pontos percentuais, passando de 17,9%, em janeiro de 2012, para 6,3%, em dezembro de 2015. A queda na taxa de crescimento do crédito à Pessoa Jurídica foi conduzida principalmente pela retração do crédito concedido às Pequenas e Médias Empresas, que passou a declinar a partir de outubro de 2013, apresentando taxas negativas a partir de abril de 2015. A variação do crédito às Pequenas e Médias Empresas foi a maior dentre as observadas, passando de 17,6% em janeiro de 2012, para -5,2%, em dezembro de 2015. Já o crescimento do crédito às Grandes Empresas apresentou relativa estabilidade – mantida principalmente pelos bancos públicos –, passando de 18,3%, no início de 2012, para 15,8%, ao final de 2015.



Fonte: Relatório de Estabilidade Financeira. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, v. 14, n. 1, mar. 2015. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2015_03/refP.pdf>. Acesso em: out. 2017.

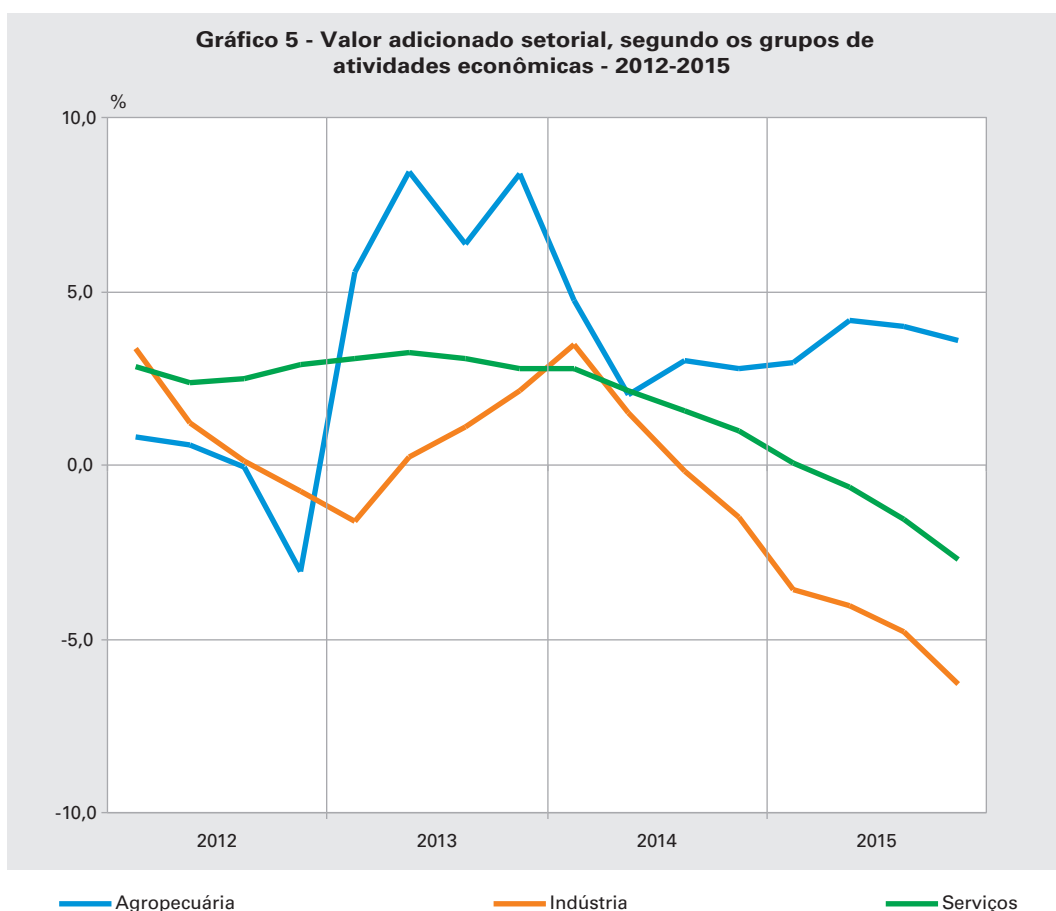
Taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto - PIB

O Gráfico 5 apresenta a evolução da taxa de crescimento do valor adicionado dos três principais setores econômicos: Agropecuária, Indústria e Serviços.

Em 2012, o setor de serviços manteve-se estável, registrando o melhor desempenho em comparação com os demais setores – que apresentaram taxas negativas de crescimento no último trimestre de 2012.

Em 2013, a economia brasileira apresentou uma leve recuperação, e os setores Agropecuária e Serviços registraram as maiores taxas observadas entre 2012-2015: 8,5% e 3,2%, respectivamente. A indústria também apresentou sinais de recuperação ao longo de 2013, chegando a uma taxa de 3,5% no primeiro trimestre de 2014 – a maior taxa registrada no período analisado. Contudo, a partir do segundo trimestre de 2014, o crescimento dos setores Indústria e Serviços desacelerou, e a partir do terceiro trimestre de 2014 a Indústria passou a apresentar taxas de crescimento negativas.

Em 2015, o ritmo de queda das atividades econômicas acentuou-se, registrando recuo de 3,5% no PIB, influenciado principalmente pela queda do valor adicionado dos setores Indústria e Serviços – que no último trimestre de 2015 apresentaram as menores taxas do período analisado (-6,3% e -2,7%, respectivamente). O fraco desempenho do setor industrial, em especial do setor automotivo, se deve, sobretudo, ao fim do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI reduzido, que terminou em 31 de dezembro de 2014. Dentre os setores observados, a agropecuária foi a única atividade que não apresentou taxas negativas em 2015, exercendo contribuição positiva para a evolução do PIB, em decorrência da safra de grãos recorde observada no País.



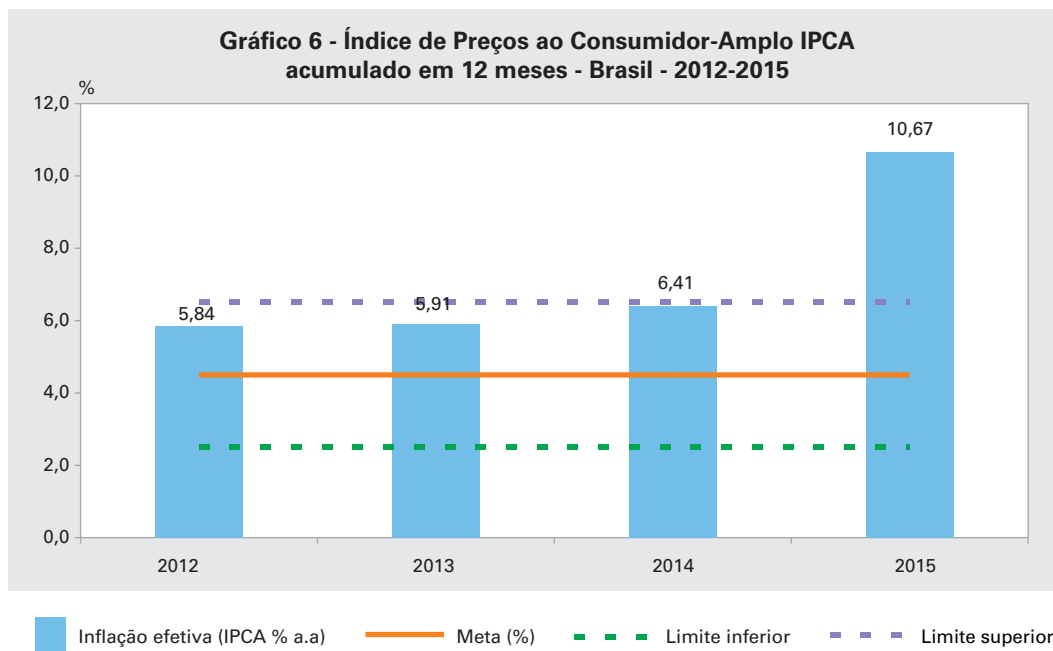
Fonte: Contas nacionais trimestrais. Tabelas completas 2012-2015. Rio de Janeiro: IBGE, [2017]. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

Nota: Taxa acumulada nos últimos quatro trimestres (em relação ao mesmo período do ano anterior).

Índice de preços e metas de inflação

O Gráfico 6 apresenta a série histórica anual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA, que mede a inflação efetiva, entre 2012 e 2015. Essa é a medida oficial utilizada pelo Banco Central do Brasil para o regime de metas da inflação, com seus respectivos limites inferior e superior. No período de 2012 a 2015 a inflação esteve sempre acima do centro da meta (4,5%), tendo em 2015 seu ponto mais alto, quando ultrapassou o limite superior da meta (6,5%). Em 2012 e 2013, a inflação esteve acima do centro da meta (4,5%) e abaixo do limite superior (6,5%). Em 2014, houve aumento da inflação (6,41%), se aproximando do limite superior da meta.

Os índices de preços ao consumidor aceleraram em 2015, evolução associada, em grande parte, aos efeitos de dois importantes processos de ajustes de preços relativos na economia – realinhamento dos preços domésticos em relação aos internacionais e realinhamento dos preços administrados em relação aos livres. Assim, em 2015 o IPCA atingiu 10,67%, situando-se 6,2 pontos percentuais acima do intervalo estipulado pelo Conselho Monetário Nacional - CMN no âmbito do regime de metas para a inflação.



Fonte: Sistema nacional de índices de preços ao consumidor. Série histórica do IPCA 2012-2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm>. Acesso em: out. 2017.

Taxa de desocupação no Brasil, Economias avançadas e Área do Euro

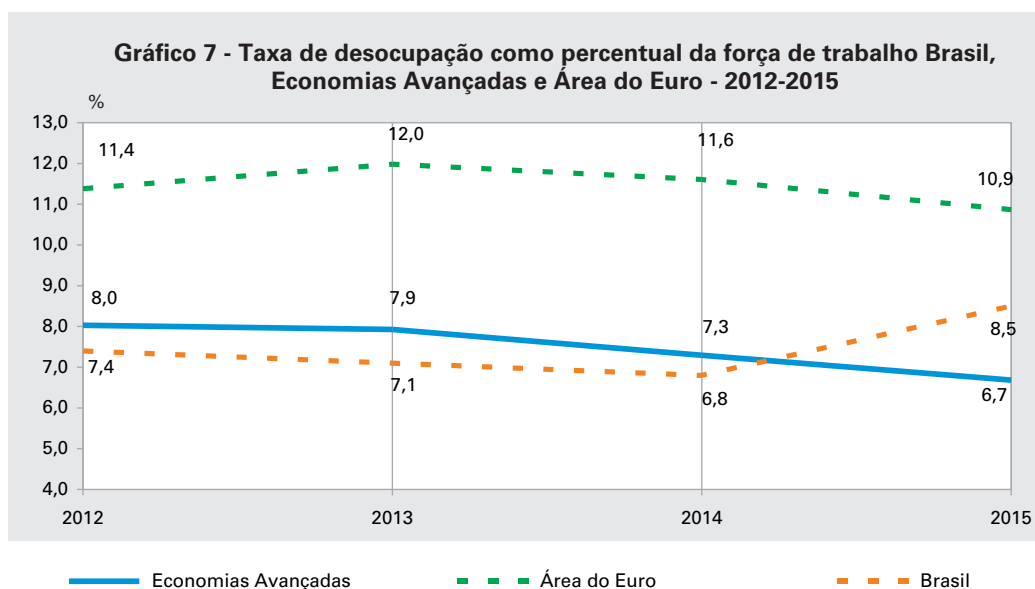
O Gráfico 7 apresenta a dinâmica do mercado de trabalho no Brasil, Economias Avançadas e países da Área do Euro, a partir da taxa de desocupação como percentual da força de trabalho¹³.

No Brasil, no período 2012 a 2014, a taxa de desocupação apresentou uma redução de 0,6 pontos percentuais, atingindo níveis historicamente baixos. Nota-se que esta dinâmica foi distinta da apresentada pelas economias avançadas e países da Área do Euro, principalmente os últimos, que apresentaram taxas de desemprego elevadas em decorrência da crise de 2011. Ao final de 2014, a taxa de desocupação no Brasil foi a menor registrada ao longo do período 2012-2014 (6,8%).

¹³ As taxas de desocupação do Brasil são disponibilizadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, investigada em periodicidade trimestral pelo IBGE.

Em 2015 as Economias Avançadas e os países da Área do Euro apresentaram melhora nas condições do mercado de trabalho, e as taxas de desemprego caíram 0,6 e 0,7 pontos percentuais em relação ao ano anterior, respectivamente. Por outro lado, o Brasil apresentou movimento inverso, aumentando em 1,7 pontos percentuais sua taxa de desemprego (8,5%), ultrapassando a taxa de desemprego das Economias Avançadas (6,7%).

Os indicadores de emprego do Brasil, em 2015, evidenciaram o aprofundamento do processo de distensão do mercado de trabalho, expresso em aumento da taxa de desemprego, recuo da participação do emprego formal e moderação do crescimento dos rendimentos do trabalho.



Fontes: 1. Advanced economies, euro area. Unemployment rate, percent of total labor force 2012-2015. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2016. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2016/01/weodata/download.aspx>>. Acesso em: out. 2017. 2. Indicadores IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil 2012-2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua_mensal/default_retrospectiva.shtm> Acesso em: out. 2017.

Em síntese, no ano de 2015 a economia do Brasil apresentou baixo desempenho, ilustrado por uma taxa negativa de 3,5% – inferior à taxa de crescimento mundial (3,1%), e dos países da América Latina e Caribe (-0,1%). Este recuo no PIB foi influenciado principalmente pela queda do valor adicionado dos setores Indústria e Serviços – que no último trimestre de 2015 apresentaram as menores taxas desde 2012 (-6,3% e -2,7%, respectivamente).

A depreciação cambial impactou positivamente sobre o volume das exportações brasileiras, que apresentou crescimento em relação ao ano anterior. O volume das importações brasileiras reduziu, em parte pelo movimento de depreciação do câmbio, que vinha ocorrendo desde 2012, e como reflexo do menor dinamismo da economia brasileira – agravado pela contração do crédito, resultado de uma política monetária restritiva de juros elevados, que impactou sobre o consumo. Ao longo do ano de 2015 a SELIC passou por cinco aumentos consecutivos, chegando em julho de 2015 à taxa de 14,15% ao ano, e se mantendo estável até o final do ano. A elevação dos juros, que vinha ocorrendo desde o início de 2013, tinha como objetivo conter a inflação, que em 2015 alcançou patamar de 10,67%.

Vale ressaltar que os efeitos da estagnação econômica sobre o mercado de trabalho só foram sentidos em 2015, registrando 8,5% (crescimento de 1,7 pontos percentuais em relação ao ano anterior), a maior taxa no período analisado neste estudo (2012-2015).

Panorama geral das empresas ativas

Segundo dados do Cadastro Central de Empresas - CENPRE, existiam no Brasil, em 2015, cerca de 4,6 milhões de empresas ativas, responsáveis por ocupar 40,2 milhões de pessoas, sendo 33,6 milhões (83,6%) como assalariados e 6,6 milhões (16,4%) na condição de sócios ou proprietários (Tabela 2). Ao considerar apenas aquelas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas são contabilizadas cerca de 2,5 milhões de empresas, o que indica que 54,4% das empresas ativas, no País, possuíam, em 2015, algum vínculo empregatício.

O total das empresas ativas manteve-se estável em 2015, com recuo de 0,1% (-4 980 empresas) em relação ao ano anterior. Cabe destacar que no biênio 2012-2013 houve um aumento de 3,8% (176 179 empresas) no número de empresas ativas, seguido por uma queda de 4,5% (-217 687 empresas) em 2014. Desta forma, no triênio 2012-2015, a variação no número de empresas ativas apresentou relativa estabilidade, com recuo de 1,0% (-46 488 empresas).

As empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, que representavam 10,5% do total das empresas ativas em 2015, apresentaram a primeira queda desde 2007 (início da série histórica), uma redução de 2,7% (-12 954 empresas) em relação ao ano anterior. Contudo, a variação entre 2012-2015 foi positiva, 2,3% (10 903 empresas).

O pessoal ocupado total nas empresas caiu 3,9% (menos 1,6 milhão de pessoas) entre 2014-2015, primeira queda dessa variável na série iniciada em 2007. Este resultado foi puxado pelo recuo de 4,5% no pessoal ocupado assalariado (menos 1,6 milhão de pessoas), que também caiu pela primeira vez. Entre 2012-2013 houve um aumento de 3,3% do pessoal ocupado assalariado (1,1 milhão de pessoas), no ano seguinte este valor manteve-se estável, com variação positiva de 0,5% (170 mil pessoas). Assim, ao observar o triênio 2013-2015, o pessoal ocupado assalariado apresentou um recuo de 0,9% (-291 930 pessoas), revelando que os valores de 2015 se aproximam dos valores encontrados em 2012.

No que diz respeito aos salários e outras remunerações pagos, os resultados da Tabela 2 indicam um crescimento de 4,5% em termos nominais no biênio 2014-2015. Em 2015, os salários e outras remunerações pagos pelas entidades empresariais totalizaram R\$ 982,4 bilhões, equivalentes a 2,8 salários mínimos médios mensais¹⁴.

¹⁴ Para o cálculo deste indicador, utilizou-se a fórmula: massa salarial em t/ (total pessoal ocupado assalariado médio em t* salário mínimo médio em t* 13). Os valores de salário mínimo médio mensal considerados a cada ano foram: R\$ 544,32 (2011), R\$ 622,22 (2012), R\$ 678,00 (2013), R\$ 724,00 (2014), R\$ 788,00 (2015).

Tabela 2 - Número de empresas ativas, pessoal ocupado, salário e outras remunerações e pessoas ocupadas assalariadas - Brasil - 2011-2015

Variável	2011	2012	2013	2014	2015
Empresas ativas					
Absoluto	4 538 347	4 598 919	4 775 098	4 557 411	4 552 431
Relativo (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Empresas ativas com 1 ou mais pessoa ocupada assalariada					
Absoluto	2 246 220	2 333 337	2 417 418	2 478 807	2 475 852
Relativo (%)	49,5	50,7	50,6	54,4	54,4
Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas					
Absoluto	447 742	464 968	479 237	488 825	475 871
Relativo (%)	9,9	10,1	10,0	10,7	10,5
Pessoal ocupado total (assalariados + sócio e pro-prietários)	39 293 724	40 646 593	41 906 597	41 835 528	40 219 905
Pessoal ocupado assalariado	32 706 200	33 915 323	35 050 524	35 220 894	33 623 393
Salários e outras remunerações (preços correntes - 1 000 R\$)	660 201 447	756 570 036	852 191 343	939 763 129	982 399 249
Salário médio mensal (em salários mínimos)	2,9	2,8	2,8	2,8	2,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011-2015.

Nota: Valores deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Panorama geral das empresas de alto crescimento

Este tópico se dedica a explorar as características das empresas de alto crescimento no Brasil por meio de indicadores apontados como relevantes na literatura de empreendedorismo. Para tal, a definição de empresas de alto crescimento adotada pelo IBGE está de acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics (2007)*, ou seja: uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos e tem 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação.

Cabe destacar que, uma vez que são consideradas as informações das empresas que preencheram o critério de alto crescimento a cada triênio analisado, os dados não necessariamente representam o mesmo conjunto de firmas das publicações anteriores. Nas tabelas a seguir, como a empresa de alto crescimento é definida no grupo das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com algumas exceções indicadas no texto, este será sempre o grupo-base de comparação e não o total de empresas ativas¹⁵.

Em 2015, existiam, no Brasil, 25 796 empresas de alto crescimento, que ocupavam cerca de 3,5 milhões de pessoas assalariadas e pagavam R\$ 90,4 bilhões em salários e outras remunerações (Tabela 3). As empresas de alto crescimento representavam, em 2015, 0,6% das empresas ativas, 1,0% das empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas e 5,4% das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (Tabela 3).

¹⁵ A exclusão das empresas ativas com até 9 pessoas ocupadas assalariadas evita distorções nas taxas de crescimento, pois pequenas variações absolutas no pessoal ocupado podem ocasionar grandes variações relativas (DEMOGRAFIA..., 2017).

Em relação ao ano anterior, houve uma redução de 17,4% no número de empresas de alto crescimento, de 21,6% no pessoal ocupado assalariado e de 12,5% nos salários e outras remunerações pagos por essas empresas, em valores nominais. Apesar da queda no número de empresas de alto crescimento e nos salários e outras remunerações pagos por essas empresas ser uma tendência observada desde 2013, a queda observada em 2015 é muito mais acentuada em relação ao ano anterior. Entre 2014 houve uma redução de 6,4% no número de empresas de alto crescimento, queda de 10,4% no total de pessoas assalariadas, e a queda 4,0% nos salários e remunerações, em relação à 2013.

Em relação ao total de empresas ativas, a participação das empresas de alto crescimento permaneceu abaixo de 1% nos três anos analisados. No que se refere à participação no total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas houve uma redução progressiva, passando de 1,4%, em 2013, para 1,3%, em 2014, e atingindo 1,0% em 2015. Este movimento também é observado na participação das empresas de alto crescimento em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, passando de 7,0%, em 2013, para 6,4%, em 2014, atingindo 5,4% em 2015 (Tabela 3).

No que se refere à proporção de pessoal ocupado assalariado em relação às empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, entre 2013 e 2015, houve redução ao longo de todo o período, passando de 14,2%, em 2013, para 12,7% em 2014, atingindo 10,4% em 2015. Esta perda de participação também foi observada no total de salários e outras remunerações pagos em relação às empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, decrescendo de 12,6%, em 2013, para 11,0%, em 2014, chegando a 9,2%, em 2015. O salário médio mensal absoluto, medido em salários mínimos, passou de 2,8 salários mínimos, em 2013, para 2,7 salários mínimos, em 2014, mantendo-se estável em 2015 (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de empresas, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e respectivas taxas para as empresas de alto crescimento - Brasil - 2013-2015

Ano	Número de empresas de alto crescimento				Pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento		Salários e outras remunerações do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento		Salário médio mensal absoluto (salários mínimos)
	Absoluto	Taxa em relação (%)			Absoluto	Taxa em relação ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	Absoluto (1 000 R\$)	Taxa em relação ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	
		Ao total de empresas ativas	Ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Ao total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas					
2013	33 374	0,7	1,4	7,0	4 977 380	14,2	107 532 069	12,6	2,8
2014	31 223	0,7	1,3	6,4	4 459 556	12,7	103 278 054	11,0	2,7
2015	25 796	0,6	1,0	5,4	3 496 227	10,4	90 352 271	9,2	2,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Taxa de crescimento

Apesar de representarem uma parcela pequena do total de empresas ativas no Brasil, as empresas de alto crescimento se destacam em termos de crescimento de postos de trabalho assalariados. As empresas de alto crescimento no período de 2013-2015 apresentam um aumento de pessoal ocupado assalariado de, no mínimo, 72,8%, totalizando os biênios 2012-2013, 2013-2014 e 2014-2015¹⁶.

A Tabela 4 detalha o crescimento do pessoal ocupado assalariado nas empresas classificadas como de alto crescimento em 2013, 2014 e 2015, por biênio. Entre 2012 e 2015, houve um aumento de 172,1% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento, valor abaixo do verificado no ano anterior (175,0%).

Analisando as taxas de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento, por biênio, percebe-se que, em todos os grupos, o biênio inicial apresenta o valor mais elevado, indicando que a geração de novos postos ao longo do triênio se concentra no primeiro ano de observação, e decresce nos anos subsequentes. Em 2015, observa-se que a taxa de crescimento foi de 71,5% no biênio 2012-2013 (a maior taxa dentre todos os biênios desde 2009) decrescendo para 32,4% no biênio seguinte (2013-2014), atingindo 19,8% no último biênio (2014-2015). É importante ressaltar que a taxa de crescimento percentual no biênio 2014-2015 é a menor entre todos os biênios desde 2010 (Tabela 4).

Tabela 4 - Taxa de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento - Brasil - 2013-2015

Ano	Número de empresas	Taxa de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado (%)					
		Total no triênio correspondente	2010-2011	2011-2012	2012-2013	2013-2014	2014-2015
2013	33 374	172,0	56,4	31,9	31,9	.	.
2014	31 223	175,0	.	60,5	36,3	25,7	.
2015	25 796	172,1	.	.	71,5	32,4	19,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2010-2015.

¹⁶ Uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos. Assim, para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2015, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2012-2013, 2013-2014 e 2014-2015. De modo análogo, para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2014, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014. O mesmo ocorre para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2013, isto é, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2010-2011, 2011-2012 e 2012-2013. Dessa forma, em termos de pessoal ocupado assalariado, tem-se um aumento no triênio 2013-2015 de $(1,20)^3 = 1,728$.

Geração de postos de trabalho assalariados

Apesar de serem poucas em termos quantitativos, pois representavam somente 0,6% das empresas ativas brasileiras em 2015 (Tabela 2), as empresas de alto crescimento apresentam um papel relevante na estrutura empresarial brasileira, particularmente na geração de empregos formais. Para avaliar a geração de pessoal assalariado nas empresas de alto crescimento em 2015, é necessário buscar o valor do seu pessoal assalariado no ano inicial de observação, 2012, e comparar com o valor no ano final, 2015. (Tabela 5 e Gráfico 8)

A Tabela 5 mostra a geração de postos de trabalho assalariados, entre 2012-2015, apenas da cesta de empresas selecionadas em 2015, em todos os grupos de empresas.

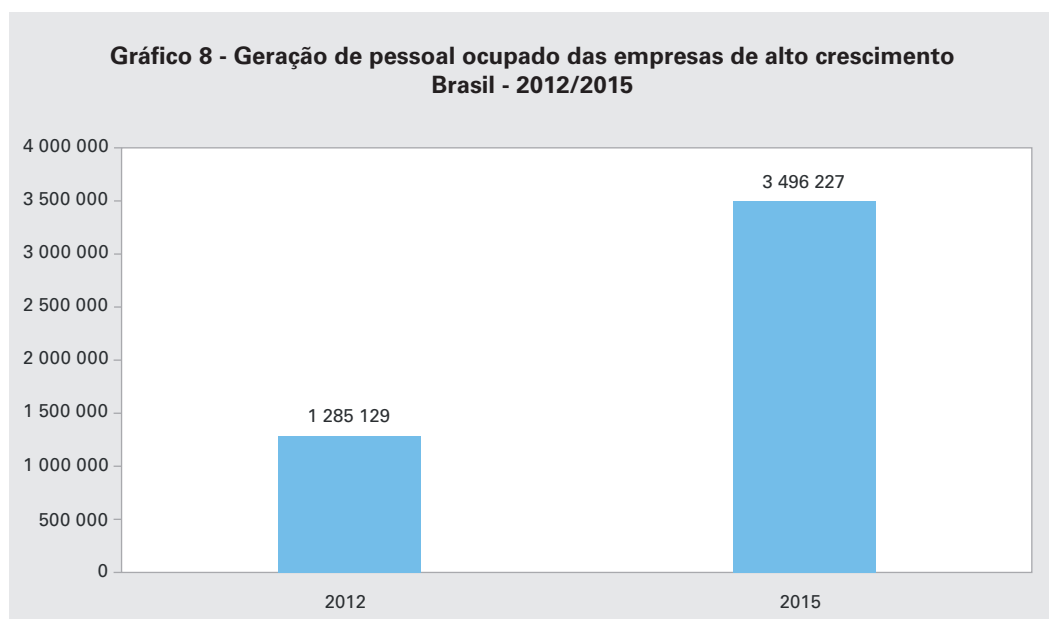
Tabela 5 - Geração de postos de trabalho assalariados pelas empresas, segundo o tipo de empresa - Brasil - 2012/2015

Tipo de empresa	Pessoal ocupado assalariado		Postos de trabalho assalariado gerados (2011/2014)	Taxa de crescimento do pessoal ocupado assalariado (2011/2014) (%)	Representatividade dos postos de trabalho assalariados gerados pelas empresas de alto crescimento (%)
	2012	2015			
Empresas com 1 ou mais pessoa ocupada assalariada	30 355 527	33 623 393	3 267 866	10,8	67,7
Empresas com 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas	5 757 889	6 236 211	478 322	8,3	.
Empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (exceto as EAC)	23 312 509	23 890 955	578 446	2,5	.
Empresas de alto crescimento	1 285 129	3 496 227	2 211 098	172,1	

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012/2015.

No Brasil, entre 2012 e 2015, houve pouca variação no total de pessoal ocupado assalariado (redução de 0,9%, aproximadamente 292 mil postos trabalho). (Tabela 2). No entanto, foram gerados 3,3 milhões de postos de trabalho assalariado pelas empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, entre 2012 e 2015, uma taxa de crescimento do pessoal ocupado assalariado de 10,8%. O pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento passou de 1,3 milhão, em 2012, para cerca de 3,5 milhões, em 2015, o que representou um incremento de 2,2 milhões de pessoas ocupadas assalariadas, uma taxa de crescimento de 172,1% (Gráfico 9).

A geração de postos de trabalho assalariado nas empresas de alto crescimento entre 2012-2015 corresponde a 67,7% dos postos de trabalho gerados nas empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (3,3 milhões). Apesar das empresas de alto crescimento gerarem uma parcela significativa de postos de trabalho, ao observar somente o ano de 2015, o total de pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento representa apenas 10,4% do pessoal ocupado das empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (Tabela 2).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012/2015.

Porte

Outra característica importante no estudo das empresas de alto crescimento é a análise do seu porte. O intuito é verificar se existe uma relação entre o tamanho e a manutenção do ritmo de crescimento acelerado.

Os dados da Tabela 6 revelam que mais de 50% das empresas de alto crescimento possuíam entre 10 e 49 pessoas ocupadas assalariadas nos três anos considerados, e que a representatividade destas no total das empresas de alto crescimento vem crescendo ao longo do tempo (52,4% em 2013; 53,4% em 2014; e 55,2% em 2015). Observa-se que o padrão de distribuição da participação relativa do número de empresas se manteve constante ao longo dos anos: mais de 90% das empresas de alto crescimento possuíam de 10 a 249 pessoas ocupadas assalariadas no triênio 2013-2015. Este resultado sugere a baixa participação das empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas entre as de alto crescimento e está de acordo com o encontrado em estudos anteriores (DEMOGRAFIA..., 2017). Ademais, a participação das empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas decresceu nos anos analisados, apontando para uma tendência do fenômeno de alto crescimento ocorrer principalmente nas menores empresas, em detrimento das grandes.

Em contrapartida, o peso das empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas é reduzido se considerarmos a participação relativa no total de pessoal ocupado. Em 2015, este grupo de empresas representava 12,6% do total, e pagava 9,8% de salários e outras remunerações. Por outro lado, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, apesar de sua baixa representatividade no total de empresas de alto crescimento, apresentavam uma participação de 60,2% do total de pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento em 2015. Essa ordem de grandeza, em torno de 60%, se verifica também em 2013 e 2014. No que concerne à participação relativa de salários e outras remunerações, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas responderam por uma parcela igual ou superior a 65,0% em todos os anos do triênio.

Finalmente, observa-se na Tabela 6 uma tendência de queda da participação relativa das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no número de empresas, bem como na participação relativa do pessoal ocupado assalariado, e dos salários e outras remunerações pagos pelas empresas de alto crescimento, ao longo do triênio 2013-2015. Em contrapartida, observa-se o aumento da participação relativa das empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas, ao longo do triênio 2013-2015, nas três variáveis descritas anteriormente.

Tabela 6 - Empresas de alto crescimento, por variáveis selecionadas, segundo o porte da empresa - Brasil - 2013-2015

Porte da empresa	Empresas de alto crescimento		
	2013	2014	2015
Participação relativa do número de empresas (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	52,4	53,4	55,2
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	38,3	37,9	36,8
Empresas com 250 ou pessoas mais ocupadas assalariadas	9,4	8,7	8,0
Participação relativa do pessoal ocupado assalariado (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	11,0	11,7	12,6
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	26,0	26,8	27,2
Empresas com 250 ou pessoas mais ocupadas assalariadas	63,0	61,5	60,2
Participação relativa de salário e outras remunerações (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	8,7	9,2	9,8
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	24,2	24,8	25,2
Empresas com 250 ou pessoas mais ocupadas assalariadas	67,2	66,0	65,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Faixa de idade

Pode-se observar na Tabela 7 que, em 2015, 79,9% das empresas de alto crescimento possuíam entre 3 e 20 anos, participação que se manteve constante em relação a 2014, e apresentou pouca variação em relação a 2013 (79,6%). Esta faixa de idade também concentrava 67,6% do pessoal ocupado assalariado e pagava 63,9% do total de salários e outras remunerações em 2015.

As empresas de alto crescimento de 2015, apresentaram maior concentração na faixa de idade entre 10 e 20 anos (34,5%), bem como maior participação relativa do pessoal ocupado assalariado (33,8%), e dos salários e remunerações (32,8%). A maior participação desta faixa de idade também é observada nos anos anteriores.

A participação relativa das empresas de alto crescimento de 2013, 2014 e 2015, por faixa de idade, apresentou relativa estabilidade tanto no número de empresas, como no total de pessoal ocupado assalariado, bem como nos salários e outras remunerações pagas, com exceção da maior participação relativa das empresas com idade entre 20 e 30 anos no total de pessoal ocupado assalariado (que passou de 14,5%, em 2013, para 19,3%, em 2015), e nos salários e outras remunerações pagas (que passou de 13,8%, em 2013, para 20,3%, em 2015). Este movimento é interessante, pois a maior participação destas empresas no total de pessoal ocupado assalariado, e nos salários e outras remunerações pagas, não veio acompanhada de um aumento significativo no número de empresas desta faixa de idade.

Por outro lado, apesar do número de empresas na faixa de idade entre 30 e 40 anos não ter variado significativamente, observa-se um menor protagonismo destas empresas no total de pessoal ocupado assalariado (redução de 8,7%, em 2013, para 5,9%, em 2015), e no total dos salários e outras remunerações pagas (8,9%, em 2013, para 5,9%, em 2015).

Finalmente, as empresas com mais de 40 anos de idade representavam 2,5% do total de empresas de alto crescimento em 2015. Contudo, apesar de sua baixa representatividade, essas empresas ocupavam 7,2% do pessoal ocupado assalariado e pagavam 10,0% dos salários e outras remunerações (Tabela 7). Por fim, vale destacar que a faixa de 3 até 5 anos corresponde às empresas gazelas, cujas características serão discutidas em detalhes a seguir.

Tabela 7 - Participação relativa das empresas de alto crescimento, por variáveis selecionadas, segundo as faixas de idade das empresas Brasil - 2013-2015

Faixas de idade das empresas	Participação relativa de empresas de alto crescimento (%)								
	Número de empresas			Total de pessoal ocupado assalariado			Salários e outras remunerações		
	2013	2014	2015	2013	2014	2015	2013	2014	2015
De 3 até 5 anos	13,6	13,5	13,8	8,2	8,9	8,9	7,6	8,8	8,9
Maior que 5 e até 10 anos	30,2	31,3	31,6	23,8	24,2	24,9	22,5	22,9	22,2
Maior que 10 e até 20 anos	35,8	35,1	34,5	36,0	33,6	33,8	35,9	33,3	32,8
Maior que 20 e até 30 anos	13,4	13,7	13,5	14,5	17,0	19,3	13,8	16,0	20,3
Maior que 30 e até 40 anos	4,4	4,1	4,1	8,7	7,5	5,9	8,9	7,0	5,9
Maior que 40 anos	2,7	2,4	2,5	8,8	8,7	7,2	11,3	12,1	10,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Por conta do seu grande potencial de geração de emprego, conhecer o perfil do pessoal que está sendo ocupado nas empresas de alto crescimento, como sexo e escolaridade, ajuda a compreender o fenômeno do “alto crescimento”. Com esse intuito, a Tabela 8 detalha o percentual de pessoal ocupado assalariado nessas empresas, segundo tais características.

Entre 2013 e 2015, houve um aumento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro como um todo. Esta tendência se verifica tanto nas empresas de alto crescimento (de 34,9% para 38,1%) quanto nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (de 36,0% para 37,1%). Apesar desse aumento, a participação das mulheres tanto nas empresas de alto crescimento, como nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, ainda é muito inferior à participação dos homens (acima de 60% nos dois grupos de empresas, nos três anos analisados).

Em relação ao nível de escolaridade, entre 2013 e 2015, a participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo nas empresas de alto crescimento passou de 10,0% para 12,6%, enquanto nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas esta variação foi menor, de 12,2% para 13,9%.

Contudo, nos três anos analisados, os percentuais de pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo nas empresas de alto crescimento foram menores do que os observados nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Apesar desta diferença ter reduzido entre 2013 e 2015, estes resultados podem indicar que a geração de postos de trabalho nas empresas de alto crescimento não necessariamente está associada a funções que exigem mão de obra qualificada.

Tabela 8 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo o sexo e o nível de escolaridade - Brasil - 2013-2015

Sexo e nível de escolaridade	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas (%)					
	De alto crescimento			Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		
	2013	2014	2015	2013	2014	2015
Sexo						
Homem	65,1	63,4	61,9	64,0	63,4	62,9
Mulher	34,9	36,6	38,1	36,0	36,6	37,1
Nível de escolaridade						
Ensino superior completo	10,0	11,4	12,6	12,2	13,3	13,9
Sem ensino superior	90,0	88,6	87,4	87,8	86,7	86,1

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Empresas gazelas

Este tópico se debruça sobre as empresas gazelas, que representam um subconjunto das empresas de alto crescimento formado por empresas mais jovens. Dando continuidade ao relatório anterior, o conceito de gazela é apresentado de acordo com o entendimento do ano de referência para o cálculo da idade da empresa (AHMAD; SEYMOUR, 2008). Assim, empresas gazelas são aquelas com até três anos de idade no ano inicial de observação ou, dito de outra forma, empresas com até cinco anos de idade no ano de referência.

A Tabela 9 apresenta as informações das empresas classificadas como gazelas em 2013, 2014 e 2015. Em 2015, existiam 3 560 empresas gazelas, o que corresponde a uma redução de 15,8% em relação a 2014, e 21,4% em relação a 2013. O pessoal assalariado das empresas gazelas acompanhou a tendência de queda, apresentando, em 2015, uma redução de 23,7% em relação a 2013. Já a representatividade das

empresas gazelas em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas se manteve constante em 2013 e 2014, a uma taxa de 0,9%, declinando para 0,7% em 2015. A participação das empresas gazelas em relação às empresas de alto crescimento apresentou pouca variação nos anos analisados, passando de 13,6%, em 2013, para 13,5% em 2014, e 13,8%, em 2015.

A participação das empresas gazelas no total de pessoal ocupado assalariado nas empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas registrou tendência de queda ao longo do triênio, passando de 1,2%, em 2013, para 1,1%, em 2014, chegando a 0,9%, em 2015.

Apesar da redução do número de empresas gazelas, entre 2013 e 2015, houve uma relativa estabilidade na participação destas empresas em relação aos outros grupos. No que diz respeito ao número de empresas, a comparação com as empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas mostra que a taxa permaneceu constante em 0,2% em 2013 e 2014, reduzindo para 0,1%, em 2015. Ao comparar com as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, observa-se que a participação das gazelas permaneceu em 0,9% em 2013 e 2014, decrescendo para 0,7% em 2015. A taxa de participação das empresas gazelas nos salários e outras remunerações em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas também permaneceu constante em 1,0%, em 2013 e 2014, caindo para 0,8% em 2015.

Finalmente, é interessante destacar que apesar da redução no número de empresas gazelas e de pessoal ocupado entre 2013 e 2014, os salários e outras remunerações das gazelas cresceram de R\$ 8,1 milhões para R\$ 9,1 milhões neste período, reduzindo para R\$ 8,0 milhões em 2015. O salário médio mensal apresentou crescimento nos três anos analisados, passando de 2,4 salários mínimos, em 2013, para 2,6 salários mínimos em 2014, chegando a 2,7 salários mínimos em 2015.

Tabela 9 - Número de empresas, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações e salário médio mensal das empresas gazelas, com indicação das respectivas taxas de participação - Brasil - 2013-2015

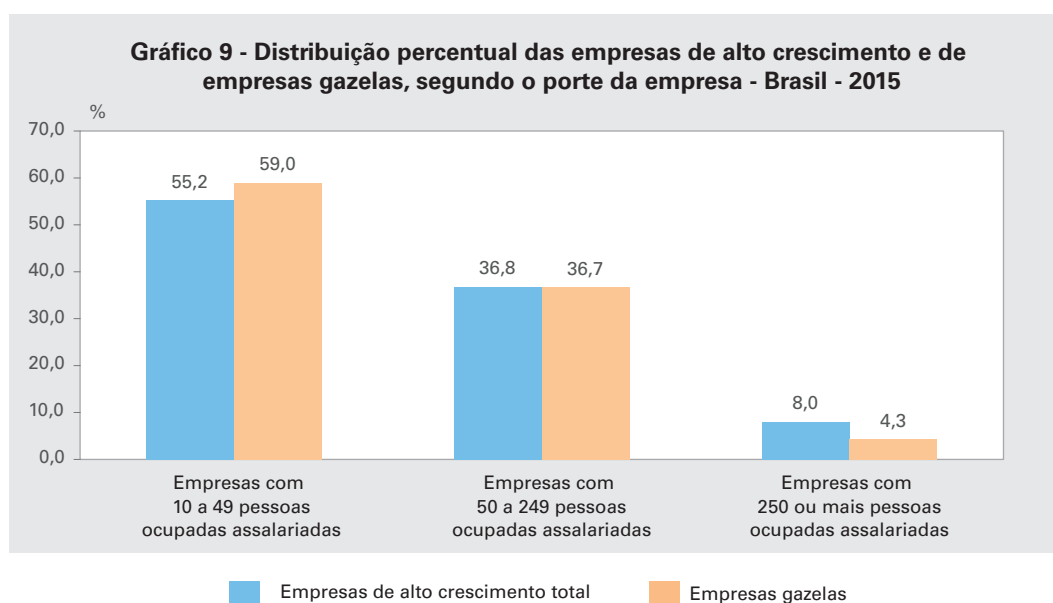
Especificação	2013	2014	2015
Número de empresas	4 529	4 228	3 560
Participação em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	0,2	0,2	0,1
Participação em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	0,9	0,9	0,7
Participação em relação às empresas de alto crescimento (%)	13,6	13,5	13,8
Pessoal ocupado assalariado	407 231	399 047	310 882
Participação em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	1,2	1,1	0,9
Salário e outras remunerações (1 000 R\$)	8 126 559	9 079 718	8 007 310
Participação em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	1,0	1,0	0,8
Salário médio mensal absoluto (em salários mínimos)	2,4	2,6	2,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Porte

No que se refere ao tamanho das empresas, em 2015, pode-se observar, no Gráfico 9, que a maioria das empresas das duas categorias consideradas – empresas de alto crescimento e gazelas – estão concentradas na faixa de 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas. A representatividade das empresas desta faixa no total de empresas gazelas foi de 59,0%, taxa superior à participação de tais empresas no grupo das empresas de alto crescimento, 55,2%. Dada a natureza das empresas gazelas, que possuem até três anos de idade no ano inicial de observação, é esperado que o porte da maioria das empresas seja de 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas, e que haja uma relação inversa entre o número de empresas gazelas e o porte destas.

Em 2015, 36,7% das empresas gazelas possuíam entre 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, valor próximo ao encontrado no grupo das empresas de alto crescimento (36,8%). Por fim, 4,3% das empresas gazelas possuíam 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, enquanto a representatividade das empresas de alto crescimento nesta categoria era de 8,0%.



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

A Tabela 10 apresenta os salários médios mensais das empresas gazelas, em salários mínimos. É possível observar uma relação direta entre o porte das empresas e o salário médio mensal, de forma que as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas pagavam salários mais elevados em todos os anos verificados. Além disso, nota-se que o salário médio mensal pago pelas empresas gazelas, nas três categorias de porte, cresceu entre 2013 e 2015. Em 2013 o salário médio mensal das empresas gazelas com 10 a 49 pessoas assalariadas era de 1,9 salários mínimos, enquanto o salário médio mensal das gazelas em 2015 era de 2,0. Este crescimento é mais expressivo nas demais categorias de porte: as gazelas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, em 2013, possuíam um salário médio mensal de 2,2 salários mínimos, ao passo que o salário médio mensal das empresas gazelas selecionadas em 2015 era de 2,4 salários mínimos. Finalmente, as empresas gazelas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas possuíam, em 2013, um salário médio de 2,9, passando para 3,5 salários mínimos, em 2015.

Tabela 10 - Salário médio mensal das empresas gazelas, segundo o porte da empresa - Brasil - 2013-2015

Porte da empresa	Salário médio mensal das empresas gazelas (salários mínimos)		
	2013	2014	2015
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	1,9	1,8	2,0
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	2,2	2,3	2,4
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	2,9	3,2	3,5

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Na Tabela 11 é interessante observar que o grupo das empresas gazelas acompanha a tendência das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, e das empresas de alto crescimento, no que tange o percentual de pessoal ocupado segundo o sexo e o nível de escolaridade, ou seja, maior participação de mulheres e aumento do nível de escolaridade, entre 2013 e 2015.

No grupo das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas a participação das mulheres subiu de 36,0%, em 2013, para 37,1%, em 2015. No grupo das empresas de alto crescimento este aumento foi mais expressivo, passando de 34,9%, em 2013, para 38,1%, em 2015. As empresas gazelas, apesar de acompanharem este crescimento no triênio analisado, apresentaram um recuo em 2014, decrescendo de 34,9%, em 2013, para 32,8%, em 2014, e alcançando 36,9%, em 2015.

Em relação ao nível de escolaridade, em 2015 a taxa de participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo das empresas gazelas deu um salto em relação aos anos anteriores. Em 2013 esta taxa era de 7,3%, caiu para 7,2%, em 2014, e alcançou 12,5% em 2015 – se aproximando dos níveis de escolaridade das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas e das empresas de alto crescimento em 2015 (13,9% e 12,6%, respectivamente).

Tabela 11 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, nas empresas de alto crescimento e nas empresas gazelas, segundo o sexo e o nível de escolaridade - Brasil - 2013-2015

Sexo e nível de escolaridade	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas (%)								
	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas			De alto crescimento			Gazelas		
	2013	2014	2015	2013	2014	2015	2013	2014	2015
Sexo									
Homem	64,0	63,4	62,9	65,1	63,4	61,9	65,1	67,2	63,1
Mulher	36,0	36,6	37,1	34,9	36,6	38,1	34,9	32,8	36,9
Nível de escolaridade									
Ensino superior completo	12,2	13,3	13,9	10,0	11,4	12,6	7,3	7,2	12,5
Sem ensino superior	87,8	86,7	86,1	90,0	88,6	87,4	92,7	92,8	87,5

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Análise setorial das empresas de alto crescimento

A análise setorial empreendida neste tópico tem como foco as empresas de alto crescimento e sua representatividade em relação ao total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Número de empresas: representatividade por atividade econômica

A Tabela 12 apresenta a participação das empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0, agrupadas em setores de atividades. Em 2015, o setor mais representativo foi o de Construção (8,1%), seguido pelo de Serviços (6,1%) e Outros (5,6%). Já o setor de Comércio destaca-se pela menor representatividade relativa (4,3%). Por outro lado, em termos absolutos, a ordem de relevância dos setores se altera: das 25 796 empresas de alto crescimento, 8 524 estão no setor de Serviços; 6 839, no Comércio; e 5 124 na Indústria.

Tabela 12 - Número de empresas de alto crescimento e de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com indicação de representatividade, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Seções da CNAE 2.0	Número de empresas		
	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Representatividade das empresas de alto crescimento no total das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
Total	25 796	475 871	5,4
Indústria (B+C+D+E)	5 124	98 046	5,2
Serviços (H+I+J+K+L+M+N+O)	8 524	140 677	6,1
Construção (F)	2 898	35 633	8,1
Comércio (G)	6 839	158 422	4,3
Outros (A+P+Q+R+S+T+U)	2 411	43 093	5,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

O Gráfico 10 apresenta a participação das empresas de alto crescimento no total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em 19 seções da CNAE 2.0, no triênio 2013-2015. Em 2015, as seguintes seções se destacaram: Atividades administrativas e serviços complementares¹⁷ (9,3%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (8,4%); Informação e comunicação (8,4%); Construção (8,1%); Transporte, armazenagem e correio (7,6%). Diferentemente de 2014, a atividade Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (7,5%) não figura entre as cinco maiores taxas de representatividade.

¹⁷ As atividades desenvolvidas por unidades compreendidas nesta seção geralmente são serviços terceirizados. A tendência atual da maioria das empresas é terceirizar as atividades administrativas e os serviços de apoio ao seu funcionamento, contratando-os de empresas especializadas que os fornecem a uma variedade de clientes. Para uma descrição detalhada dessa seção da CNAE 2.0, consultar o endereço: <<http://cnae.ibge.gov.br/?view=secao&tipo=cnae&versao=9&classe=7&secao=N>>.

Entre 2013 e 2015, houve redução da participação das empresas de alto crescimento nas empresas de 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em 17 seções consideradas da CNAE 2.0, a exceção foram as atividades Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e Educação, que apesar de terem apresentado um recuo em 2014, mantiveram a mesma taxa participação de 2013. Dentre as seções consideradas, quatro merecem destaque no período. A maior queda ocorreu na seção Administração pública, defesa e seguridade social (3,4 pontos percentuais). A seção de Indústrias extrativas apresentou o segundo maior declínio na participação relativa, de 3,2 pontos percentuais ao longo do triênio. A seção Atividades profissionais, científicas e técnicas apresentou uma queda de 3,1 pontos percentuais, e por fim, a seção Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação, apresentou um recuo de 2,9 pontos percentuais desde 2013.

Gráfico 10 - Representatividade das empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2013-2015



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Número de empresas: distribuição por atividade econômica

Dando continuidade à análise setorial das empresas de alto crescimento, a Tabela 13 apresenta a distribuição de cada seção da CNAE 2.0, por ano, no grupo das empresas de alto crescimento. Em termos relativos, observa-se que, em 2015, as três principais seções foram: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (26,5%); Indústrias de transformação (18,7%); e Construção (11,2%). Estas três seções se destacaram por elevadas taxas de participação também em 2013 e 2014, enquanto outras, como Saúde humana e serviços sociais, e Outras atividades de serviços apresentaram baixa representatividade em todos os anos.

No período como um todo, de 2013 a 2015, verifica-se que houve uma redução do número de empresas de alto crescimento em todas as seções. Em 2015, a seção Indústrias de transformação registrou a maior redução no número de empresas de alto crescimento em termos absolutos (2 281 empresas), representando uma queda de 32% em relação ao número de empresas de alto crescimento nesta atividade em 2013. Já em termos relativos, a seção Atividades profissionais, científicas e técnicas apresentou a maior redução no número de empresas de alto crescimento em relação à 2013, de 35,8% (455 empresas).

Tabela 13 - Distribuição das empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2013-2015

Seções da CNAE 2.0	Distribuição das empresas de alto crescimento					
	2013		2014		2015	
	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)
Total	33 374	100,0	31 223	100,0	25 796	100,0
C Indústrias de Transformação	7 105	21,3	6 399	20,5	4 824	18,7
F Construção	4 037	12,1	3 803	12,2	2 898	11,2
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8 810	26,4	8 264	26,5	6 839	26,5
H Transporte, armazenagem e correio	2 298	6,9	2 218	7,1	1 878	7,3
I Alojamento e alimentação	1 759	5,3	1 723	5,5	1 430	5,5
J Informação e comunicação	900	2,7	890	2,9	846	3,3
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 271	3,8	1 067	3,4	816	3,2
N Atividades Administrativas e serviços complementares	3 144	9,4	3 114	10,0	2 758	10,7
O Outras atividades (K+A+B+E+L+R+D+O+T+U)	1 536	4,6	1 353	4,3	1 240	4,8
P Educação	1 385	4,1	1 330	4,3	1 336	5,2
Q Saúde humana e serviços sociais	705	2,1	665	2,1	596	2,3
S Outras atividades de serviços	424	1,3	397	1,3	335	1,3

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Pessoal ocupado assalariado: distribuição por atividade econômica

Na Tabela 14, é apresentada a distribuição do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento, segundo as seções de atividade da CNAE 2.0, por ano. É importante destacar que diferentemente do Gráfico 8, e da Tabela 5, os dados referentes ao pessoal ocupado das empresas de alto crescimento na Tabela 14 são referentes às empresas selecionadas em cada um dos anos analisados, de forma que a cesta de empresas analisadas varia conforme o ano de referência.

Os dados indicam que as empresas de alto crescimento que mais empregaram, em 2015, foram as das seções: Atividades administrativas e serviços complementares (22,7%), Indústrias de transformação (21,4%); Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (17,1%); e Construção (11,2%). Por outro lado, a representatividade, em relação ao pessoal ocupado assalariado total, das seções como Administração pública, defesa e seguridade social, bem como Atividades imobiliárias e Eletricidade e gás foram próximas de zero no triênio analisado.

Em 2015, as atividades que mais ocupavam eram também as de maior representatividade no total de empresas de alto crescimento (Tabela 13), sendo elas: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas, Indústrias de transformação, e Construção. No entanto, as empresas da seção Atividades administrativas e serviços complementares, apesar de apresentarem maior empregabilidade em termos absolutos e relativos, representavam apenas 10,7% das empresas de alto crescimento em 2015.

Ao considerar as empresas de alto crescimento no período de 2013 a 2015, os dados da Tabela 14 sugerem uma relativa estabilidade na distribuição do pessoal ocupado assalariado entre as seções. Dentre as exceções, destacam-se Atividades administrativas e serviços complementares, cuja participação aumentou 3,9 pontos percentuais, e Construção, que reduziu 4,9 pontos percentuais sua participação nesse período.

O impacto da queda de 22,7% no número de empresas de alto crescimento entre 2013 e 2015 refletiu no pessoal ocupado assalariado destas empresas, que teve uma queda de 29,8% no triênio (1,5 milhão de postos de trabalho). Segundo os dados levantados, das 19 seções da CNAE 2.0, apenas três tiveram variação positiva de pessoal ocupado assalariado no período analisado, com destaque para as seções: Eletricidade e gás; Informação e comunicação; e Artes, cultura, esporte e recreação. No entanto, o aumento do pessoal ocupado assalariado nestas três seções foi de apenas 7,0 mil pessoas, um crescimento de 4,0% em relação à 2013.

Por outro lado, a redução do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento justifica-se, principalmente, pela queda, em termos absolutos, das seções: Construção; Indústrias de transformação; e Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas. Estas três seções respondem por uma redução de 38,0% no pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento de 2015 (menos 1,1 milhão de postos de trabalho), em relação às empresas de alto crescimento de 2013.

Tabela 14 - Distribuição do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2013-2015

Seções da CNAE 2.0	Distribuição do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento					
	2013		2014		2015	
	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)
Total	4 977 380	100,0	4 459 556	100,0	3 496 227	100
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	70 104	1,4	61 270	1,4	50 037	1,4
B Indústrias extrativas	31 858	0,6	28 702	0,6	20 497	0,6
C Indústrias de Transformação	1 121 083	22,5	897 045	20,1	749 788	21,4
D Eletricidade e gás	2 741	0,1	3 650	0,1	6 179	0,2
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	46 832	0,9	52 320	1,2	27 716	0,8
F Construção	799 179	16,1	636 609	14,3	390 519	11,2
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	882 887	17,7	764 214	17,1	598 033	17,1
H Transporte, armazenagem e correio	322 516	6,5	305 544	6,9	236 219	6,8
I Alojamento e alimentação	175 497	3,5	162 082	3,6	111 390	3,2
J Informação e comunicação	160 537	3,2	138 429	3,1	164 007	4,7
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	63 863	1,3	62 946	1,4	54 907	1,6
L Atividades imobiliárias	12 563	0,3	11 557	0,3	8 595	0,2
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	114 868	2,3	107 425	2,4	88 484	2,5
N Atividades administrativas e serviços complementares	937 531	18,8	1 023 556	23,0	793 203	22,7
O Administração pública, defesa e seguridade social	3 761	0,1	1 902	0,0	747	0,0
P Educação	79 813	1,6	84 534	1,9	74 994	2,1
Q Saúde humana e serviços sociais	114 100	2,3	75 192	1,7	83 991	2,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	9 516	0,2	9 927	0,2	9 582	0,3
S Outras atividades de serviços	28 131	0,6	32 652	0,7	27 339	0,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Geração de postos de trabalho assalariado por seções de atividade econômica

Como mencionado anteriormente, as empresas de alto crescimento destacam-se como importantes geradoras de postos de trabalho assalariado. Em 2015, representaram apenas 5,4% das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, mas responderam por 79,3% dos postos de trabalho gerados neste grupo de empresas (Tabela 5). Para avaliar a geração de postos de trabalho assalariado, é necessário comparar o total do pessoal assalariado nos anos inicial e final de observação. A Tabela 15, a seguir, apresenta tais informações nos anos de 2012 e 2015, respectivamente, por seções da CNAE 2.0.

Em termos de variação absoluta, nas empresas de alto crescimento, destacaram-se as seguintes seções na geração de postos de trabalho assalariado: Atividades administrativas e serviços complementares (542,8 mil), Indústrias de transformação (434,6 mil), Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (369,6 mil) e Construção (254,0 mil).

Entre as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, essas quatro seções também se sobressaíram, mas com variações, em geral, menores. A seção Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas registrou a maior variação (888,5 mil). No outro extremo, as seções Eletricidade e gás e Administração pública, defesa e seguridade social apresentaram variação de pessoal ocupado assalariado negativa, de -4,8% (-6,0 mil) e -0,2% (-51,0), respectivamente. Dentre as empresas de alto crescimento estas duas seções também apresentaram a menor geração de postos de trabalho em termos absolutos, Eletricidade e gás apresentou variação de 3,3 mil; e Administração pública, defesa e seguridade social apresentou geração de 544 postos de trabalho.

Tabela 15 - Geração de postos de trabalho assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012/2015

Seções da CNAE 2.0	Geração de postos de trabalho assalariado nas empresas							
	De alto crescimento				Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas			
	2012	2015	Variação absoluta	Taxa (%)	2012	2015	Variação absoluta	Taxa (%)
Total	1 285 129	3 496 227	2 211 098	172,1	24 597 638	27 387 182	2 789 544	11,3
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	19 818	50 037	30 219	152,5	348 313	387 100	38 787	11,1
B Indústrias extrativas	8 465	20 497	12 032	142,1	195 549	197 937	2 388	1,2
C Indústrias de transformação	315 191	749 788	434 597	137,9	6 762 245	6 950 492	188 247	2,8
D Eletricidade e gás	2 796	6 179	3 383	121,0	123 657	117 699	(-) 5 958	(-) 4,8
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	10 264	27 716	17 452	170,0	312 480	330 024	17 544	5,6
F Construção	136 544	390 519	253 975	186,0	2 176 447	2 192 058	15 611	0,7
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	228 483	598 033	369 550	161,7	5 164 866	6 053 447	888 581	17,2
H Transporte, armazenagem e correio	86 715	236 219	149 504	172,4	1 907 868	2 145 684	237 816	12,5
I Alojamento e alimentação	39 884	111 390	71 506	179,3	1 079 998	1 323 665	243 667	22,6
J Informação e comunicação	57 560	164 007	106 447	184,9	672 148	798 703	126 555	18,8
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	22 180	54 907	32 727	147,6	866 338	901 715	35 377	4,1
L Atividades imobiliárias	3 262	8 595	5 333	163,5	75 180	89 482	14 302	19,0
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	29 655	88 484	58 829	198,4	562 217	640 019	77 802	13,8
N Atividades administrativas e serviços complementares	250 409	793 203	542 794	216,8	2 908 994	3 421 539	512 545	17,6
O Administração pública, defesa e seguridade social	203	747	544	268,0	33 393	33 342	(-) 51	(-) 0,2
P Educação	31 059	74 994	43 935	141,5	659 187	841 908	182 721	27,7
Q Saúde humana e serviços sociais	28 005	83 991	55 986	199,9	522 613	677 374	154 761	29,6
R Artes, cultura, esporte e recreação	3 216	9 582	6 366	197,9	70 637	93 545	22 908	32,4
S Outras atividades de serviços	11 420	27 339	15 919	139,4	155 508	191 449	35 941	23,1

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012/2015.

Em termos relativos, outras seções se sobressaíram na geração de postos de trabalho assalariado: Administração pública, defesa e seguridade social (268,0%), Atividades administrativas e serviços complementares (216,8%); Saúde humana e serviços sociais (199,9%); e Atividades profissionais, científicas e técnicas (198,4 %). Tais taxas são muito superiores às verificadas nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas nestas quatro seções: -0,2%, 17,6%, 29,6%, e 13,8% respectivamente. No grupo das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a maior variação ocorreu na seção Artes, cultura, esporte e recreação (32,4%).

Salários e outras remunerações

A Tabela 16 permite comparar o salário médio mensal pago pelas empresas de alto crescimento com aquele pago pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Em 2015, o salário médio mensal pago pelas empresas de alto crescimento (2,7 salários mínimos) foi inferior ao pago pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (3,0 salários mínimos).

As seções que se destacaram por pagar salários médios superiores dentre as empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foram: Indústrias extrativas (7,4 salários mínimos), Informação e comunicação (6,0 salários mínimos), e Saúde humana e serviços sociais (3,3 salários mínimos). As seções Indústrias extrativas, Informação e comunicação também apresentaram os maiores salários médios mensais pagos pelas empresas de alto crescimento, juntamente com a seção Eletricidade e gás (5,6 salários mínimos).

No que concerne aos salários médios mensais pagos pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, as seções Eletricidade e gás (8,7 salários mínimos), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (7,6 salários mínimos), e Administração pública, defesa e seguridade social (6,5) tiveram destaque. Além disso, estas seções também apresentaram a maior diferença de média salarial em relação às empresas de alto crescimento.

Por fim, a seção Alojamento e alimentação apresentou o menor salário médio mensal (1,7 salários mínimos) tanto nas empresas de alto crescimento, quanto nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Tabela 16 - Salário médio nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2013-2015

Seções da CNAE 2.0	Salário médio mensal absoluto nas empresas (salários mínimos)					
	2013		2014		2015	
	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
Total	2,8	3,1	2,7	3,1	2,7	3,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	2,6	2,1	2,6	2,2	2,5	2,2
B Indústrias extrativas	8,3	6,9	9,7	7,1	7,4	5,7
C Indústrias de transformação	3,0	3,5	3,0	3,5	3,0	3,5
D Eletricidade e gás	10,1	9,0	8,7	8,9	5,6	8,7
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	2,7	3,6	2,4	3,6	2,1	3,6
F Construção	3,0	2,9	2,9	2,9	2,5	2,8
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	2,5	2,3	2,5	2,3	2,5	2,3
H Transporte, armazenagem e correio	3,0	3,2	3,0	3,2	3,0	3,2
I Alojamento e alimentação	1,8	1,6	1,8	1,7	1,7	1,7
J Informação e comunicação	5,4	5,8	6,1	5,9	6,0	5,7
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	5,6	7,3	5,6	7,3	5,3	7,6
L Atividades imobiliárias	3,6	3,2	2,5	3,3	3,1	3,2
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	4,1	4,5	3,8	4,6	3,7	4,3
N Atividades Administrativas e serviços complementares	1,8	1,9	1,8	1,9	1,7	1,9
O Administração pública, defesa e seguridade social	3,1	6,0	2,1	6,0	4,6	6,5
P Educação	2,1	2,2	2,2	2,3	2,1	2,3
Q Saúde humana e serviços sociais	2,7	2,5	2,4	2,5	3,3	2,6
R Artes, cultura, esporte e recreação	2,6	1,8	2,1	1,9	1,9	1,8
S Outras atividades de serviços	2,3	1,9	2,2	1,9	2,2	1,9

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Em 2015, as empresas de alto crescimento pagaram R\$ 90,4 bilhões em salários e outras remunerações, concentrados, principalmente, na seção Indústrias de transformação (24,3%). Esta seção somada às seções Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (15,5%) e Atividades administrativas e serviços complementares (13,9%) concentravam 53,7% do valor dos salários e outras remunerações pagos (Tabela 17). Por outro lado, os salários e remunerações pagos pelas empresas das seções Administração pública, defesa e seguridade social (0,0%); Artes, cultura, esporte e recreação (0,2%), bem como Atividades imobiliárias (0,3%), representavam juntos 0,5% do total pago pelas empresas de alto crescimento em 2015.

É interessante observar que as seções Indústrias extrativas, Eletricidade e gás, e Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, que apresentavam salários médios superiores dentre as empresas de alto crescimento (Tabela 16), possuíam baixa representatividade no total dos salários e outras remunerações pagas – com exceção da atividade Informação e comunicação – que possuía média salarial de 6,0 salários mínimos, e representava 10,1% do total dos salários e outras remunerações das empresas de alto crescimento.

Os dados revelam que, de maneira geral, a distribuição dos salários e outras remunerações das empresas de alto crescimento em cada seção permaneceu relativamente constante ao longo dos três anos considerados. Entretanto, entre 2013 e 2015, algumas seções merecem destaque: a seção Construção reduziu sua participação no total de salários e outras remunerações pagas em 5,2 pontos percentuais. Em contrapartida, a participação da seção Informação e comunicação aumentou em 3,8 pontos percentuais.

Tabela 17 - Distribuição dos salários e outras remunerações das empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2013-2015

Seções da CNAE 2.0	Distribuição dos salários e outras remunerações nas empresas de alto crescimento					
	2013		2014		2015	
	Abso-luto (1 000 R\$)	Rela-tivo (%)	Abso-luto (1 000 R\$)	Rela-tivo (%)	Abso-luto (1 000 R\$)	Rela-tivo (%)
Total	107 532 069	100,0	103 278 054	100,0	90 352 271	100,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1 589 704	1,5	1 445 197	1,4	1 197 878	1,3
B Indústrias extrativas	2 104 847	2,0	2 335 752	2,3	1 504 512	1,7
C Indústrias de transformação	27 321 557	25,4	23 246 691	22,5	21 920 936	24,3
D Eletricidade e gás	233 048	0,2	269 293	0,3	327 700	0,4
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	893 019	0,8	1 000 044	1,0	595 112	0,7
F Construção	17 337 937	16,1	15 196 609	14,7	9 855 878	10,9
G Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	17 156 541	16,0	16 472 315	15,9	13 983 800	15,5
H Transporte, armazenagem e correio	7 440 778	6,9	7 555 213	7,3	6 665 277	7,4
I Alojamento e alimentação	2 553 441	2,4	2 492 523	2,4	1 732 779	1,9
J Informação e comunicação	6 738 700	6,3	7 211 122	7,0	9 148 398	10,1
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	2 852 434	2,7	2 988 784	2,9	2 823 025	3,1
L Atividades imobiliárias	334 574	0,3	241 062	0,2	263 072	0,3
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	3 437 655	3,2	3 301 327	3,2	2 883 274	3,2
N Atividades administrativas e serviços complementares	12 895 760	12,0	15 435 875	14,9	12 515 111	13,9
O Administração pública, defesa e seguridade social	92 311	0,1	36 757	0,0	35 349	0,0
P Educação	1 390 552	1,3	1 675 606	1,6	1 579 271	1,7
Q Saúde humana e serviços sociais	2 462 509	2,3	1 603 209	1,6	2 565 281	2,8
R Artes, cultura, esporte e recreação	187 479	0,2	171 018	0,2	174 188	0,2
S Outras atividades de serviços	509 224	0,5	599 658	0,6	581 429	0,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

Média de idade

O Gráfico 11 apresenta a média de idade das empresas de alto crescimento, por seções da CNAE 2.0. Em 2015, essa média foi de 13,7 anos – inferior à média de idade das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 15,3 anos. A seção que apresentou a maior média de idade foi Atividades imobiliárias (19,4 anos), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (17,8 anos), e Indústrias extrativas (17,7 anos).

Por outro lado, a seção com a menor média de idade foi Administração pública, defesa e seguridade social (5,1 anos), seguida por Atividades administrativas e serviços complementares (10,5 anos) e Outras atividades de serviços (11,7 anos).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Em 2015, das 3,5 milhões de pessoas ocupadas assalariadas nas empresas de alto crescimento, 38,1% eram mulheres. No conjunto das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, este percentual era de 37,1%. Na Tabela 18, essa diferença de sexo na participação do pessoal ocupado assalariado é apresentada segundo as seções da CNAE 2.0.

As seções que se destacaram pela elevada participação feminina dentre as empresas de alto crescimento e empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foram Saúde humana e serviços sociais (73,8% e 76,4%); Educação (65,1% e 67,4%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (62,0% e 55,2%); e Alojamento e alimentação (53,9% e 54,3%). Observa-se que, nas duas seções com maior participação feminina, as taxas nas empresas de alto crescimento ficaram abaixo das verificadas nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Por outro lado, nas demais seções da CNAE 2.0, as taxas de participação dos homens superaram as das mulheres, tanto nas empresas de alto crescimento quanto nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Cabe destacar que a seção Construção registrou a maior concentração de homens, acima de 90,0%.

As seções que apresentaram maior diferença percentual na participação das mulheres entre as empresas de alto crescimento e o grupo das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foram Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, na qual a participação das mulheres dentre as empresas de alto crescimento foi 6,8 pontos percentuais maior, e Atividades profissionais, científicas e técnicas, na qual a participação feminina dentre as empresas de alto crescimento foi 6,3 pontos percentuais menor.

Tabela 18 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por sexo, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Seções da CNAE 2.0	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas, por sexo (%)			
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Total	61,9	38,1	62,9	37,1
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	80,8	19,2	82,4	17,6
B Indústrias extrativas	87,1	12,9	87,2	12,8
C Indústrias de transformação	67,4	32,6	70,0	30,0
D Eletricidade e gás	80,8	19,2	82,0	18,0
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	79,3	20,7	79,9	20,1
F Construção	90,1	9,9	90,7	9,3
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	55,7	44,3	56,2	43,8
H Transporte, armazenagem e correio	81,4	18,6	81,7	18,3
I Alojamento e alimentação	46,1	53,9	45,7	54,3
J Informação e comunicação	63,1	36,9	61,8	38,2
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	38,0	62,0	44,8	55,2
L Atividades imobiliárias	62,5	37,5	56,8	43,2
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	59,5	40,5	53,2	46,8
N Atividades administrativas e serviços complementares	49,8	50,2	54,4	45,6
O Administração pública, defesa e seguridade social	61,7	38,3	61,9	38,1
P Educação	34,9	65,1	32,6	67,4
Q Saúde humana e serviços sociais	26,2	73,8	23,6	76,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	51,4	48,6	51,7	48,3
S Outras atividades de serviços	51,9	48,1	49,8	50,2

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Com relação ao nível de escolaridade, em 2015, 12,6% do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento possuíam ensino superior completo, percentual inferior ao verificado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 13,9% (Tabela 11). Ao explorar essa diferença por seções da CNAE 2.0, os dados indicam que, em nove das 19 seções consideradas, a participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior foi maior nas empresas de alto crescimento (Gráfico 12).

Dentre as empresas de alto crescimento, destacam-se por seu elevado percentual de pessoal ocupado assalariado com ensino superior as seções: Educação (56,1%); Informação e comunicação (55,1%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (46,9%); Artes, cultura, esporte e recreação (44,6%). No outro extremo, com baixa participação de pessoal ocupado assalariado com ensino superior, estão as seguintes seções: Construção (5,0%); Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (5,1%); Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (5,2%); Atividades administrativas e serviços complementares (5,6%).

No que se refere às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, duas seções merecem destaque quando comparadas às empresas de alto crescimento: Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (61,7%) e Eletricidade e gás (34,2%). No primeiro caso, a taxa foi 14,8 pontos percentuais superior à observada nas empresas de alto crescimento da mesma seção, e, no segundo, 11,9 pontos percentuais maior.

Considerando a Tabela 18 e o Gráfico 12, é possível traçar um breve perfil da mão de obra ocupada nas empresas de alto crescimento em 2015, no que diz respeito a gênero e nível de escolaridade. A seção Educação, por exemplo, registrou 65,1% de mulheres em seu pessoal ocupado assalariado e empregou uma alta proporção de pessoas com nível superior completo (56,1%). Esse padrão também se verifica nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, que apresentaram, na seção Educação, maior participação de mulheres (67,4%) e de pessoas com nível superior completo (56,2%).

Entre as empresas de alto crescimento, outra seção que se destacou por combinar maior participação de mulheres e altos níveis de escolaridade foi Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (62,0% e 46,9%, respectivamente). Ainda nesta seção, comparando-se as empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, observa-se que, nas empresas de alto crescimento, a proporção de mulheres foi superior, enquanto a proporção de pessoal ocupado assalariado com nível superior foi inferior.

Observando as três primeiras atividades que lideram o *ranking* do percentual de pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo, a atividade Informação e comunicação é a única que apresenta altas taxas de escolaridade tanto nas empresas de alto crescimento (55,1%), como nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (47,7%), combinada com uma baixa representatividade feminina no pessoal ocupado (36,9% nas empresas de alto crescimento, e 38,2% nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas).

Em contrapartida, as seções Construção e Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura apresentaram uma combinação de grande participação masculina (90,1% e 80,8%, respectivamente) e de pessoal ocupado assalariado com baixo nível de escolaridade (5,0% e 5,2%, respectivamente). Estes resultados se assemelham aos encontrados para o conjunto das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas nessas seções.

Gráfico 12 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com ensino superior completo, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2015



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Empresas gazelas por seções de atividade econômica

O Gráfico 13 retrata a representatividade das empresas de alto crescimento e das empresas gazelas nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por seções de atividade econômica. Em 2015, do total de 475 871 empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 5,4% eram empresas de alto crescimento e 0,7%, gazelas. Ao considerar as seções da CNAE 2.0, entre as empresas gazelas, destacaram-se: Atividades administrativas e serviços complementares

(1,9%); Construção (1,3%); Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (1,3%). Já entre as empresas de alto crescimento, os valores nestas seções foram, respectivamente: 9,3%, 8,1%, 6,9%. Com exceção da atividade Atividades administrativas e serviços complementares, nas atividades nas quais as empresas de alto crescimento apresentaram maior representatividade – Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (8,4%), e Informação e comunicação (8,4%) – as empresas gazelas não apresentaram taxas de representatividade significativas (0,7% em ambas as atividades).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

No que se refere à distribuição das empresas gazelas por seções de atividade, o padrão observado é bem similar ao verificado entre as empresas de alto crescimento em 2015 (Tabela 19). Destacaram-se pela alta representatividade as seguintes seções: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (26,5% nas empresas de alto crescimento e 24,2% nas gazelas); Indústrias de transformação (18,7% nas empresas de alto crescimento e 17,1% nas gazelas); Construção (11,2% nas empresas de alto crescimento e 12,9% nas gazelas); e Atividades administrativas e serviços complementares (10,7% nas empresas de alto crescimento e 15,7% nas gazelas). Vale destacar que nas seções Construção, e principalmente, Atividades administrativas e serviços complementares, as empresas gazelas apresentaram maior representatividade em relação ao total que as empresas de alto crescimento.

Tabela 19 - Distribuição do número de empresas de alto crescimento e das empresas gazelas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Seções da CNAE 2.0	Distribuição do número de empresas			
	De alto crescimento		Gazelas	
	Absoluto	Relativo (%)	Absoluto	Relativo (%)
Total	25 796	100,0	3 560	100,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	347	1,3	64	1,8
B Indústrias extrativas	127	0,5	4	0,1
C Indústrias de transformação	4 824	18,7	610	17,1
D Eletricidade e gás	32	0,1	1	0,0
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	141	0,5	17	0,5
F Construção	2 898	11,2	458	12,9
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	6 839	26,5	860	24,2
H Transporte, armazenagem e correio	1 878	7,3	244	6,9
I Alojamento e alimentação	1 430	5,5	262	7,4
J Informação e comunicação	846	3,3	72	2,0
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	345	1,3	27	0,8
L Atividades imobiliárias	114	0,4	13	0,4
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	816	3,2	88	2,5
N Atividades administrativas e serviços complementares	2 758	10,7	560	15,7
O Administração pública, defesa e seguridade social	2	0,0	1	0,0
P Educação	1 336	5,2	142	4,0
Q Saúde humana e serviços sociais	596	2,3	50	1,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	132	0,5	29	0,8
S Outras atividades de serviços	335	1,3	58	1,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Variáveis econômicas

Como descrito na seção **Notas técnicas** desta publicação, na análise das variáveis valor adicionado bruto, produtividade e receita, o âmbito deste estudo se restringe às atividades (seções e divisões da CNAE 2.0) presentes nas pesquisas anuais por

empresa nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços¹⁸. Em 2015, havia 25 796 empresas de alto crescimento, e o total de empresas de alto crescimento no âmbito das pesquisas por empresa foi estimado em 24 520 empresas.

Valor adicionado bruto

Em 2015, as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas geraram R\$ 1,9 trilhão em valor adicionado bruto. Desse total, as empresas de alto crescimento foram responsáveis por R\$ 225,7 bilhões (12,1%). A representatividade do valor adicionado gerado pelas empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foi liderada pelo setor de Serviços (16,3%), seguido pelos setores Construção (15,1%), Comércio (9,7%), e Indústria (8,9%).

A distribuição do valor adicionado bruto entre os setores revela a maior participação do setor Serviços dentre as empresas de alto crescimento de 2015, que responde por 46,4% do valor adicionado bruto das empresas de alto crescimento, seguido pela Indústria, cuja participação foi de 27,9%. Esses dois setores juntos responderam por 74,3% do valor adicionado bruto gerado pelas empresas de alto crescimento.

Ao observar as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a Indústria ganha proeminência e responde por 37,8% do valor adicionado gerado por estas empresas em 2015, seguida pelo setor de Serviços, que apresentou participação de 34,3%. Juntos, os dois setores responderam por 72,1% do valor adicionado das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (Tabela 20).

Tabela 20 - Representatividade e distribuição percentual do valor adicionado bruto das empresas de alto crescimento em relação à distribuição percentual do valor adicionado bruto gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo os setores de atividade econômica - Brasil - 2015

Setores de atividade econômica	Valor adicionado bruto das empresas (%)		
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
	Representatividade em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Distribuição percentual de cada setor no total de empresas de alto crescimento	Distribuição percentual de cada setor no total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
Total	12,1	100,0	100,0
Indústria (B+C)	8,9	27,9	37,8
Serviços	16,3	46,4	34,3
Construção	15,1	9,5	7,6
Comércio	9,7	16,2	20,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

¹⁸ É importante notar que o valor adicionado bruto neste estudo se restringe ao âmbito das pesquisas por empresas e não ao total divulgado pelo Sistema de Contas Nacionais, do IBGE. As seções consideradas da CNAE 2.0 estão especificadas na seção **Notas técnicas** desta publicação. Cabe destacar também que, dado o âmbito diferente, não necessariamente os números absolutos apresentados neste tópico correspondem exatamente aos verificados no anterior.

Entre as empresas de alto crescimento, o setor Comércio responde por 16,2% do valor adicionado bruto. Em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, esta taxa é de 20,3%. O setor Construção apresentou a menor participação no valor adicionado bruto dentre os setores, em ambas as categorias de empresas, respondendo por 9,5% do valor adicionado bruto das empresas de alto crescimento, e 7,6% dentre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Em 2015, o total de empresas de alto crescimento respondia por 12,1% do valor adicionado bruto gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, mas esta taxa apresentou grande variação entre as diferentes divisões de atividade da CNAE 2.0 (Tabela 21). Com o intuito de facilitar a exposição, optou-se por apresentar, em ordem decrescente, apenas as 15 primeiras posições.

Dentre as empresas de alto crescimento, cinco delas se destacaram na geração do valor adicionado bruto em relação ao total gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em suas respectivas atividades: Telecomunicações (51,9%); Esgoto e atividades relacionadas (24,6%); Fabricação de celulose, papel e produtos de papel (23,4%); Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e doméstico (20,8%); e Seleção, agenciamento e locação de mão de obra (20,0%).

Tabela 21 - Representatividade do valor adicionado bruto das atividades econômicas nas empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as divisões da CNAE 2.0, em ordem crescente das 15 primeiras posições ocupadas - Brasil - 2015

Posição ocupada	Divisões da CNAE 2.0	Representatividade do valor adicionado bruto das atividades econômicas nas empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
1º	61 telecomunicações	51,9
2º	37 esgoto e atividades relacionadas	24,6
3º	17 fabricação de celulose, papel e produtos de papel	23,4
4º	95 reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	20,8
5º	78 seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	20,0
6º	81 serviços para edifícios e atividades paisagísticas	18,9
7º	09 atividades de apoio à extração de minerais	18,5
8º	93 atividades esportivas e de recreação e lazer	18,2
9º	82 serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	18,1
10º	51 transporte aéreo	17,2
11º	62 atividades dos serviços de tecnologia da informação	16,7
12º	01 agricultura, pecuária e serviços relacionados	16,4
13º	10 fabricação de produtos alimentícios	16,4
14º	41 construção de edifícios	15,8
15º	39 descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos	15,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 81 está restrita aos grupos 812 e 813 e à classe 8111.

A Tabela 22 apresenta o valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento e das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, definido como a divisão algébrica do valor adicionado bruto pelo número de empresas, segundo as divisões da CNAE 2.0. No geral, o valor adicionado bruto médio entre as empresas de alto crescimento foi de R\$ 9,2 milhões, acima do valor verificado entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, de R\$ 4,5 milhões.

A atividade Extração de petróleo e gás natural teve destaque dentre as empresas de alto crescimento, com valor adicionado bruto médio de R\$ 418,3 milhões. Já entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o valor observado neste setor foi de R\$ 268,9 milhões, ocupando a segunda posição. A segunda atividade de destaque entre as empresas de alto crescimento foi Transporte aéreo, com valor adicionado bruto médio R\$ 280,3 milhões - já dentre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a atividade ocupou a quinta posição, com valor adicionado bruto médio de R\$ 82,8 milhões.

Tabela 22 - Valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento e das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em ordem crescente das 10 primeiras posições ocupadas das empresas de alto crescimento, segundo as divisões da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Divisões da CNAE 2.0	Empresas de alto crescimento		Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		Variação percentual do valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
	Posição ocupada	Valor adicionado bruto médio (1 000 R\$)	Posição ocupada	Valor adicionado bruto médio (1 000 R\$)	
Valor médio		9 203		4 528	103,2
06 extração de petróleo e gás natural	1º	418 288	2º	268 932	55,5
51 transporte aéreo	2º	280 277	5º	82 753	238,7
61 telecomunicações	3º	183 755	8º	49 201	273,5
09 atividades de apoio à extração de minerais	4º	71 809	6º	80 021	(-) 10,3
11 fabricação de bebidas	5º	63 525	11º	29 792	113,2
17 fabricação de celulose, papel e produtos de papel	6º	52 996	16º	15 499	241,9
19 fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	7º	44 402	3º	208 617	(-) 78,7
20 fabricação de produtos químicos	8º	38 134	14º	18 282	108,6
21 fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	9º	37 411	7º	49 536	(-) 24,5
26 fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	10º	33 683	18º	12 511	169,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 51 está restrita aos grupos 511 e 512.

A atividade Telecomunicações ocupa a terceira posição entre as empresas de alto crescimento, com um valor adicionado bruto médio de R\$ 183,7 milhões; no grupo das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a atividade Telecomunicações ocupa a oitava posição, com valor adicionado médio de R\$ 49,2

milhões. As empresas de alto crescimento no setor de Telecomunicações apresentaram um valor adicionado bruto médio 273,5% superior ao das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas - a maior variação percentual do valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

A atividade Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis ocupa a terceira posição entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com valor adicionado bruto médio de R\$ 208,6 milhões. Dentre as empresas de alto crescimento essa atividade ocupa a sétima posição, apresentando valor adicionado bruto médio de R\$ 44,4 milhões. Vale destacar que a atividade Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis apresenta a maior variação percentual negativa dentre as atividades do *ranking*, indicando que o valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento é 78,7% inferior em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Produtividade do trabalho

A Tabela 23 apresenta o *ranking* das divisões de atividade que registraram os 10 maiores valores de produtividade média do trabalho nas empresas de alto crescimento, bem como as posições ocupadas por essas divisões nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. A produtividade média no total das empresas de alto crescimento foi de R\$ 70,2 mil por empregado, 10,3% inferior à produtividade verificada nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (R\$ 78,3 mil por empregado).

Na análise por divisões da CNAE 2.0, observa-se que a atividade Extração de petróleo e gás natural ocupa a primeira posição nos dois grupos de empresas, registrando produtividades médias de R\$ 4 571,5 mil por empregado, nas empresas de alto crescimento, e R\$ 1 895,2 mil por empregado entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

A segunda posição dentre as empresas de alto crescimento é ocupada pela atividade Telecomunicações, apresentando produtividade média de R\$ 523,3 mil por empregado, 27,0% superior à produtividade média dentre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (R\$ 412,2 mil por empregado).

A atividade Fabricação de celulose, papel e produtos de papel ocupou a terceira posição entre as empresas de alto crescimento, com produtividade de média de R\$ 266,8 mil por empregado, e a 15ª posição entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com produtividade média de R\$ 149,4 mil por empregado. Nas atividades listadas no *ranking*, esta atividade apresentou a maior variação percentual da produtividade média entre os dois grupos de empresas, sendo a produtividade das empresas de alto crescimento 78,6% superior às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Por fim, nas atividades listadas no *ranking*, a atividade Atividades auxiliares dos serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde apresentou a maior variação percentual negativa na comparação da produtividade média entre os dois grupos de empresas – de forma que a produtividade média por empregado das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (R\$ 268,8 mil) é 33,4% superior à produtividade das empresas de alto crescimento (R\$ 179,1 mil).

Tabela 23 - Produtividade média do trabalho nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em ordem crescente das 10 primeiras posições ocupadas das empresas de alto crescimento, segundo as divisões da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Divisões da CNAE 2.0	Empresas de alto crescimento		Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		Variação percentual da produtividade média das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
	Posição ocupada	Produtividade média (1 000 R\$/empregado)	Posição ocupada	Produtividade média (1 000 R\$/empregado)	
Total		70,2		78,3	(-) 10,3
06 extração de petróleo e gás natural	1º	4571,5	1º	1895,2	141,2
61 telecomunicações	2º	523,3	3º	412,2	27,0
17 fabricação de celulose, papel e produtos de papel	3º	266,8	15º	149,4	78,6
50 transporte aquaviário	4º	225,5	8º	223,6	0,8
20 fabricação de produtos químicos	5º	218,7	9º	207,9	5,2
24 metalurgia	6º	216,3	10º	195,8	10,5
66 atividades auxiliares dos serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde	7º	179,1	5º	268,8	(-) 33,4
37 esgoto e atividades relacionadas	8º	170,5	16º	132,3	28,9
21 fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	9º	157,7	12º	178,0	(-) 11,4
58 edição e edição integrada à impressão	10º	157,3	34º	94,2	67,0

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 51 está restrita aos grupos 511 e 512.

Receita líquida

A Tabela 24 apresenta dados referentes à representatividade da receita líquida das empresas de alto crescimento no total das receitas das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, bem como a distribuição em cada grupo, segundo os setores de atividade econômica.

Em 2015, as empresas de alto crescimento geraram uma receita líquida de R\$ 718,2 bilhões, de um total de R\$ 6,6 trilhões gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. O setor Comércio foi responsável por 34,2% da receita líquida gerada pelas empresas de alto crescimento, seguido pela Indústria (32,1%), Serviços (27,9%), e Construção (5,8%). Ao observar esta distribuição entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas, a Indústria liderou a geração de receita com (41,1%), seguida pelo Comércio (37,7%), Serviços (17,1%), e por fim, o setor Construção (4,1%).

Ao observar a representatividade da receita gerada pelas empresas de alto crescimento, em relação à receita total das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o setor de Serviços teve destaque (17,7%), seguido pelo setor Construção (15,2%), Comércio (9,9%), e Indústria (8,5%).

Tabela 24 - Representatividade da receita líquida das empresas de alto crescimento em relação à distribuição percentual do total de receitas das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo os setores de atividade econômica - Brasil - 2015

Setores de atividade econômica	Receita líquida das empresas (%)		
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
	Representatividade em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Distribuição percentual das empresas de alto crescimento	Distribuição percentual
Total	10,9	100,0	100,0
Indústria (B+C)	8,5	32,1	41,1
Serviços	17,7	27,9	17,1
Construção	15,2	5,8	4,1
Comércio	9,9	34,2	37,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Panorama geral das empresas de alto crescimento contínuo

Este tópico analisa o universo das empresas de alto crescimento contínuo, composto por empresas com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20,0% ao ano, durante dois triênios seguidos. Estas empresas, além de apresentarem alto crescimento no triênio desta edição (2013-2015), vêm crescendo desde o triênio anterior (2010-2013). Desta forma, análise de alto crescimento contínuo deste relatório consiste em utilizar o grupo de empresas de alto crescimento do triênio (2013-2015), e buscar quais destas empresas estavam presentes no grupo das empresas de alto crescimento de 2012 (referente ao triênio 2010-2012).

Na Tabela 25 observa-se que, do total de empresas de alto crescimento em 2012, composto por 35 206 empresas, 36,2% (12 760) continuaram crescendo em 2013; 18,7% (6 566), em 2014; e, por fim, 6,0% (2 095), em 2015. Ou seja, em 2015, 2 095 empresas apresentaram taxas anuais de crescimento do pessoal ocupado assalariado, em média, superior a 20,0% desde 2010. Essas empresas, em 2015, ocupavam 780 682 pessoas assalariadas e pagavam R\$ 20,5 bilhões em salários e outras remunerações. Cabe destacar também que tais empresas, apesar de representarem 8,1% das empresas de alto crescimento de 2015, ocupavam 22,3% do total de pessoal ocupado assalariado e pagavam 22,7% do total de salários e outras remunerações (Tabela 3 e Tabela 25).

Tabela 25 - Empresas de alto crescimento em 2012 e número, distribuição e representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em 2015, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2010-2015

Variáveis selecionadas	Empresas			
	De alto crescimento (2010-2012)	De alto crescimento contínuo		
		2013	2014	2015
Número de empresas	35 206	12 760	6 566	2 095
Pessoal ocupado assalariado	5 285 197	2 678 341	1 690 992	780 682
Salários e outras remunerações (1 000 R\$)	108 758 173	61 679 885	40 636 695	20 473 572
Salário médio mensal (em salários mínimos)	2,9	2,8	2,8	2,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2010-2015.

Seções de atividade econômica

Neste tópico, optou-se por analisar as 2 095 empresas de alto crescimento que cresceram continuamente de 2010 até 2015. A Tabela 26 indica a distribuição destas empresas por seções da CNAE 2.0. Observa-se que quatro seções concentram 67,6% das empresas investigadas: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (22,7%); Indústrias de transformação (18,5%); Atividades administrativas e serviços complementares (15,0%); e Construção (11,4%).

As atividades que se destacaram ao considerar a representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em relação às empresas de alto crescimento de 2012 foram: Eletricidade e gás (14,7%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (11,7%); e Atividades administrativas e serviços complementares (10,0%).

Tabela 26 - Número de empresas de alto crescimento em 2012 e número, distribuição e representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em 2015, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012/2015

Seções da CNAE 2.0	Empresas			
	De alto crescimento 2012	De alto crescimento contínuo 2015		
		Total	Distribuição (%)	Representatividade em relação às empresas de alto crescimento 2012 (%)
Total	35 206	2 095	100,0	6,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	346	27	1,3	7,8
B Indústrias extrativas	228	17	0,8	7,5
C Indústrias de transformação	7 971	388	18,5	4,9
D Eletricidade e gás	34	5	0,2	14,7
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	177	12	0,6	6,8
F Construção	4 400	239	11,4	5,4
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	9 294	475	22,7	5,1
H Transporte, armazenagem e correio	2 350	170	8,1	7,2
I Alojamento e alimentação	1 700	61	2,9	3,6
J Informação e comunicação	902	90	4,3	10,0
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	401	47	2,2	11,7
L Atividades imobiliárias	188	11	0,5	5,9
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 367	62	3,0	4,5
N Atividades administrativas e serviços complementares	3 146	315	15,0	10,0
O Administração pública, defesa e seguridade social	5	0	0,0	0,0
P Educação	1 396	80	3,8	5,7
Q Saúde humana e serviços sociais	691	66	3,2	9,6
R Artes, cultura, esporte e recreação	173	10	0,5	5,8
S Outras atividades de serviços	437	20	1,0	4,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012/2015.

Conforme ilustrado na Tabela 27, em 2015, três seções de atividade representaram juntas 63,4% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento contínuo: Atividades administrativas e serviços complementares (29,6%); Indústrias de transformação (18,4%); e Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (15,4%). Por outro lado, seções como Eletricidade e gás; Administração pública, defesa e seguridade social; e Atividades imobiliárias responderam juntas por 0,4% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento contínuo entre 2010 e 2015.

No que se refere à representatividade do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento contínuo em relação às empresas de alto crescimento em 2012, destacaram-se as seções Eletricidade e gás (60,4%); Indústrias extrativas (28,8%); e Outras atividades e serviços (24,3%).

Tabela 27 - Pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento em 2012 e número, distribuição e representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em 2015, segundo as seções da CNAE 2.0 Brasil - 2012/2015

Seções da CNAE 2.0	Pessoal ocupado nas empresas			
	De alto crescimento 2012	De alto crescimento contínuo em 2015		
		Total	Distribuição (%)	Representatividade em relação às empresas de alto crescimento 2012 (%)
Total	5 285 197	780 682	100	14,8
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	80 158	6 219	0,8	7,8
B Indústrias extrativas	36 159	10 397	1,3	28,8
C Indústrias de transformação	1 134 264	143 494	18,4	12,7
D Eletricidade e gás	2 579	1 557	0,2	60,4
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	50 396	3 067	0,4	6,1
F Construção	906 693	80 297	10,3	8,9
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	925 715	120 539	15,4	13,0
H Transporte, armazenagem e correio	364 834	60 843	7,8	16,7
I Alojamento e alimentação	161 708	19 927	2,6	12,3
J Informação e comunicação	132 669	23 619	3,0	17,8
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	66 942	14 872	1,9	22,2
L Atividades imobiliárias	17 018	1 887	0,2	11,1
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	143 457	22 982	2,9	16,0
N Atividades administrativas e serviços complementares	1 035 935	230 698	29,6	22,3
O Administração pública, defesa e seguridade social	2 948		0,0	0,0
P Educação	77 620	14 036	1,8	18,1
Q Saúde humana e serviços sociais	103 175	16 338	2,1	15,8
R Artes, cultura, esporte e recreação	13 999	2 886	0,4	20,6
S Outras atividades de serviços	28 928	7 024	0,9	24,3

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012/2015.

Tema específico: Empresas de alto crescimento resilientes

A investigação das empresas de alto crescimento é importante para embasar a elaboração de políticas públicas que promovam a geração de empregos nas economias. A literatura sobre o alto crescimento revela uma demanda crescente por dados relacionados a agregações alternativas de empresas, uma vez que a utilização de novas perspectivas é uma maneira de compreender questões atuais que não estão explícitas nos recortes tradicionais (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016). Assim, esta edição apresenta como tema específico a análise das empresas resilientes, para além do recorte tradicional do estudo das empresas de alto crescimento.

Em 2015, existiam 25 796 empresas de alto crescimento, uma redução de 17,4% em relação à 2014 (31 223 empresas). Dado que as empresas de alto crescimento de 2015 são aquelas que possuíam ao menos 10 pessoas ocupadas assalariadas, e cujo número de pessoal ocupado assalariado cresceu em média 20% ao ano, no triênio 2013-2015, a redução no número de empresas de alto crescimento refletiu os impactos da recessão econômica, a partir do final de 2014, sobre o mercado de trabalho. Neste cenário de desaquecimento do mercado de trabalho, o estudo Estatísticas de Empreendedorismo torna-se relevante para compreender a dinâmica de geração de empregos da economia brasileira.

A redução do crescimento da economia brasileira nos últimos anos, ilustrada nas taxas de crescimento do PIB de 0,1%, em 2014, e -3,5%, em 2015, impactou sobre o mercado de trabalho. Em 2015, segundo Relação Anual de Informações Sociais - RAIS¹⁹ foram eliminados 1,6 milhão de empregos formais, e conforme apontam dados da PNAD Contínua a taxa de desocupação do Brasil passou de 6,8%, em 2014, para 8,5%, em 2015 (INDICADORES..., 2017). Desta forma, observar dentre as 31 223 empresas de alto crescimento de 2014, quais continuaram apresentando crescimento de 20% ou mais do pessoal ocupado assalariado, em 2015, se apresentou como um meio de observar as empresas que continuaram contratando mão de obra em um ano de menor ritmo de atividade econômica.

Tabela 28 - Crescimento do pessoal ocupado assalariado após o período de alto crescimento - Brasil - 2013-2015

Faixa de crescimento anual de pessoal ocupado assalariado	Empresas de alto crescimento de 2012 - em 2013		Empresas de alto crescimento de 2013 - em 2014		Empresas de alto crescimento de 2014 - em 2015	
	Absoluto	Distribuição Percentual (%)	Absoluto	Distribuição Percentual (%)	Absoluto	Distribuição Percentual (%)
Total	34 958	100,0	33 098	100,0	30 939	100,0
Crescimento de 20% ou mais	6 570	18,8	5 612	17,0	3 965	12,8
Crescimento de até 20%	10 677	30,5	9 818	29,7	7 880	25,5
Redução	17 711	50,7	17 668	53,4	19 094	61,7
Saiu do mercado	248	-	276	-	284	-

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013-2015.

¹⁹ Para informações mais detalhadas consultar o endereço: <<http://pdet.mte.gov.br/index.php/rais>>.

Foi observado que, das 31 223 empresas de alto crescimento de 2014, 30 939 empresas constavam na base de 2015. Destas, 19 094 empresas (61,7%) apresentaram redução do pessoal ocupado entre 2014 e 2015; e 7 880 empresas (25,4%) apresentaram crescimento inferior a 20%. Apenas 3 965 empresas (12,8%) continuaram crescendo após o período de alto crescimento, e estas foram denominadas resilientes – pois continuaram crescendo em um ano desfavorável ao desempenho econômico das empresas no Brasil. Ao realizar o mesmo exercício para os anos anteriores (2012 e 2013), observa-se que, das empresas de alto crescimento de 2012, 18,8% continuaram crescendo 20% ou mais entre 2012-2013, e 50,7% apresentaram redução de pessoal ocupado assalariado. Já dentre as empresas de alto crescimento de 2013, 17,0% continuaram crescendo em 2014, e 53,4% tiveram redução de pessoal ocupado assalariado (Tabela 28).

É interessante observar que, nos três anos analisados, mais de 50% das empresas de alto crescimento apresentam redução de pessoal ocupado logo após o triênio de alto crescimento, e a proporção destas cresceu ao longo período (50,7%, em 2013, 53,4%, em 2014, alcançando 61,7%, em 2015). Ademais, a proporção das empresas de alto crescimento que mantiveram o crescimento no ano seguinte ao fenômeno do alto crescimento decresceu ao longo dos anos, passando de 18,8%, em 2013, para 17,0%, em 2014, chegando a 12,8%, em 2015. Estes resultados compatíveis com os observados em estudos recentes (DAUNFELDT; HALVARSSON, 2015), que demonstram que o fenômeno do alto crescimento é efêmero – ou seja – as empresas que atingem o alto crescimento em um determinado triênio raramente sustentam este crescimento nos anos seguintes.

A Tabela 29 apresenta o perfil das empresas de alto crescimento de 2014, em 2015, em dois grupos de empresas: as resilientes (3 965 empresas) – que apresentaram crescimento de 20% ou mais do pessoal ocupado assalariado entre 2014-2015 - e as demais empresas de alto crescimento de 2014 (26 974 empresas).

A média de idade das empresas resilientes é de 13,7 anos, inferior à média de idade das demais empresas de alto crescimento de 2014 (14,8 anos). No que diz respeito ao porte das empresas resilientes, a distribuição das empresas que permaneceram crescendo em 2015 aponta para uma concentração das empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, que representam 51,7% do total destas empresas, enquanto dentre as empresas não resilientes a concentração está nas empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas (57,9%).

Quanto à distribuição das empresas por atividade, os dois grupos apresentam o mesmo padrão, e as atividades que concentram o maior número de empresas são: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas, Indústrias de transformação e Atividades administrativas e serviços complementares.

Tabela 29 - Perfil das empresas de alto crescimento de 2014, em 2015 - Brasil - 2015

Perfil das empresas em 2015	Empresas	Empresas resilientes		Empresas não resilientes	
		Abso-luto	Distri-buição Percentual (%)	Abso-luto	Distri-buição Percentual (%)
Total	30 939	3 965	100,00	26 974	100,00
Idade das empresas					
Média de Idade (anos)	14,7		13,7		14,8
Porte das empresas					
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	17 007	1 392	35,1	15 615	57,9
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	10 022	2 051	51,7	7 971	29,6
Empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas	2 354	522	13,2	1 832	6,8
Empresas com menos de 10 pessoas ocupadas assalariadas	1 556	0	0,0	1 556	5,8
Seções da CNAE 2.0					
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	323	46	1,2	277	1,0
B Indústrias extrativas	150	17	0,4	133	0,5
C Indústrias de Transformação	6 373	720	18,2	5 653	21,0
D Eletricidade e gás	28	4	0,1	24	0,1
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	168	25	0,6	143	0,5
F Construção	3 762	440	11,1	3 322	12,3
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8 134	927	23,4	7 207	26,7
H Transporte, armazenagem e correio	2 204	319	8,0	1 885	7,0
I Alojamento e alimentação	1 724	148	3,7	1 576	5,8
J Informação e comunicação	891	176	4,4	715	2,7
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	367	71	1,8	296	1,1
L Atividades imobiliárias	146	23	0,6	123	0,5
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 061	144	3,6	917	3,4
N Atividades administrativas e serviços complementares	3 075	522	13,2	2 553	9,5
O Administração pública, defesa e seguridade social	2	0	0,0	2	0,0
P Educação	1 321	219	5,5	1 102	4,1
Q Saúde humana e serviços sociais	660	107	2,7	553	2,1
R Artes, cultura, esporte e recreação	151	21	0,5	130	0,5
S Outras atividades de serviços	399	36	0,9	363	1,3

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Resiliência por atividade

Observando a resiliência por atividade, ou seja, quais atividades apresentaram maior percentual de empresas que continuaram crescendo em 2015, as atividades que obtiveram destaque foram: Informação e comunicação (19,8%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (19,3%); Atividades administrativas e serviços complementares (17%); Educação (16,6%); e Saúde humana e serviços sociais (16,2%) – todas pertencentes ao setor de Serviços. Já as atividades que apresentaram menor resiliência foram Indústrias extrativas (11,3%); Indústrias de transformação (11,3%); Outras atividades de serviços (9,0%); Alojamento e alimentação (8,6%); e Administração pública, defesa e seguridade social (0,0%).

Tabela 30 - Resiliência por setores de atividade - Brasil - 2015

Seções da CNAE 2.0	Número de empresas de alto crescimento (1)	Distribuição Percentual (%)	Empresas resilientes		Empresas não resilientes	
			Absoluto	Distribuição Percentual (%)	Absoluto	Distribuição Percentual (%)
Total	30 939	100,0	3 965	12,8	26 974	87,2
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	323	100,0	46	14,2	277	85,8
Indústrias extrativas	150	100,0	17	11,3	133	88,7
Indústrias de transformação	6 373	100,0	720	11,3	5 653	88,7
Eletricidade e gás	28	100,0	4	14,3	24	85,7
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	168	100,0	25	14,9	143	85,1
Construção	3 762	100,0	440	11,7	3 322	88,3
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8 134	100,0	927	11,4	7 207	88,6
Transporte, armazenagem e correio	2 204	100,0	319	14,5	1 885	85,5
Alojamento e alimentação	1 724	100,0	148	8,6	1 576	91,4
Informação e comunicação	891	100,0	176	19,8	715	80,2
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	367	100,0	71	19,3	296	80,7
Atividades imobiliárias	146	100,0	23	15,8	123	84,2
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 061	100,0	144	13,6	917	86,4
Atividades administrativas e serviços complementares	3 075	100,0	522	17,0	2 553	83,0
Administração pública, defesa e seguridade social	2	100,0	0	0,0	2	100,0
Educação	1 321	100,0	219	16,6	1 102	83,4
Saúde humana e serviços sociais	660	100,0	107	16,2	553	83,8
Artes, cultura, esporte e recreação	151	100,0	21	13,9	130	86,1
Outras atividades de serviços	399	100,0	36	9,0	363	91,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

(1) Das 31 223 empresas de alto crescimento de 2014, 284 não sobreviveram em 2015 (sairam do mercado).

Geração de empregos

Em 2015, no que diz respeito à geração de pessoal ocupado assalariado, as empresas resilientes cresceram 52,8%, gerando 255 167 novos empregos, uma geração média de 64,4 novos postos por empresa. As atividades que apresentaram maior taxa de crescimento de pessoal ocupado foram as atividades Alojamento e alimentação (74,8%), Construção (70,5%), Indústrias de transformação (54,2%), Informação e comunicação (53,4%), e Atividades Administrativas e serviços complementares (53,2%) (Tabela 28).

É interessante observar que as taxas de pessoal ocupado com ensino superior completo das atividades que se destacaram eram inferiores à média (11,3%), com exceção da atividade Informação e comunicação, cuja taxa de pessoal ocupado com ensino superior completo era de 51,2%. Dentre as atividades que se destacaram, a atividade Informação e comunicação apresentou o maior salário médio mensal (5,7 salários mínimos), seguido pela Construção (2,8 salários mínimos), e Indústrias de transformação (2,5 salários mínimos). Já as atividades Alojamento e alimentação (1,9 salários mínimos) e Atividades administrativas e serviços complementares (1,7 salários mínimos) apresentaram os menores salários médios mensais dentre as empresas resilientes.

Tabela 31 - Geração de postos de trabalho assalariado, nível de escolaridade, e salário médio mensal das empresas resilientes, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2015

Seções da CNAE 2.0 (1)	Número de Empresas Absoluto	Pessoal ocupado assalariado em 2014	Pessoal ocupado assalariado em 2015	Geração de Pessoal ocupado assalariado
Total	3 965	483 353	738 520	255 167
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	46	5 128	7 268	2 140
Indústrias extrativas	17	1 273	1 916	643
Indústrias de transformação	720	70 381	108 553	38 172
Eletricidade e gás	4	287	407	120
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	25	4 290	5 899	1 609
Construção	440	59 162	100 853	41 691
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	927	84 525	123 314	38 789
Transporte, armazenagem e correio	319	33 067	49 981	16 914
Alojamento e alimentação	148	15 082	26 356	11 274
Informação e comunicação	176	17 798	27 303	9 505
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	71	12 203	16 208	4 005
Atividades imobiliárias	23	1 025	1 440	415
Atividades profissionais, científicas e técnicas	144	14 132	19 948	5 816
Atividades administrativas e serviços complementares	522	139 523	213 798	74 275
Educação	219	11 416	15 315	3 899
Saúde humana e serviços sociais	107	9 925	13 968	4 043
Artes, cultura, esporte e recreação	21	2 479	3 533	1 054
Outras atividades de serviços	36	1 657	2 460	803

Seções da CNAE 2.0 (1)	Taxa de Crescimento do Pessoal Ocupado Assalariado (%)	Taxa de Pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo em 2015	Salário médio mensal (salários mínimos)
Total	52,8	11,3	2,5
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	41,7	4,1	2,2
Indústrias extrativas	50,5	8,7	4,0
Indústrias de transformação	54,2	8,1	2,5
Eletricidade e gás	41,8	35,9	7,8
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	37,5	8,1	3,3
Construção	70,5	5,6	2,8
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	45,9	8,6	2,4
Transporte, armazenagem e correio	51,2	5,0	2,7
Alojamento e alimentação	74,8	7,0	1,9
Informação e comunicação	53,4	51,2	5,7
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	32,8	43,7	5,6
Atividades imobiliárias	40,5	12,6	2,3
Atividades profissionais, científicas e técnicas	41,2	33,4	4,0
Atividades administrativas e serviços complementares	53,2	5,5	1,7
Educação	34,2	53,7	2,0
Saúde humana e serviços sociais	40,7	21,9	2,2
Artes, cultura, esporte e recreação	42,5	52,5	2,2
Outras atividades de serviços	48,5	10,7	2,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

(1) Excluído o setor Administração pública, defesa e seguridade social não consta na tabela por não haver empresas que cresceram 20% ou mais em 2015.

Variáveis econômicas

Em 2014, as empresas resilientes geraram R\$ 95,0 bilhões em receita líquida, 11,7% do total gerado pelas empresas de alto crescimento de 2014. A geração de valor adicionado das empresas resilientes foi de R\$ 25,4 bilhões, 10,6% do total gerado pelas empresas de alto crescimento de 2014.

Tabela 32 - Representatividade das empresas resilientes e não resilientes, por variáveis econômicas - Brasil - 2014

Categorias de empresas	Valor adicionado (mil)	Representatividade do valor adicionado (%)	Receita líquida (mil)	Representatividade da receita líquida (%)
Total	240 254 135	100	813 935 059	100
Empresas resilientes	25 389 728	10,6	94 990 042	11,7
Empresas não resilientes	214 864 407	89,4	718 945 016	88,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Já em 2015, as empresas resilientes geraram R\$ 121,2 bilhões em receita líquida – o equivalente a 14,4% do total da receita líquida gerada pelas empresas de alto crescimento de 2014, em 2015. A geração de valor adicionado das empresas resilientes, em 2015, foi de R\$ 34,1 bilhões, 13,7% do total gerado pelas empresas de alto crescimento de 2014, em 2015.

Ao comparar as variáveis econômicas das empresas resilientes, com as demais empresas de alto crescimento de 2014, as primeiras apresentam valor adicionado médio superior (R\$ 9 768,0 mil), bem como uma receita líquida média superior (R\$ 34 734,0 mil). Já em relação à produtividade média do trabalho, o desempenho das empresas que não cresceram em 2015 é superior ao desempenho das empresas resilientes (R\$ 74,5 mil/por empregado e R\$ 50,4 mil/por empregado, respectivamente).

Tabela 33 - Representatividade das empresas resilientes e não resilientes, por variáveis econômicas - Brasil - 2015

Categorias de empresas	Absoluto	Valor adicionado (mil)	Representatividade do valor adicionado (%)	Valor adicionado médio (mil)	Receita líquida (mil)	Representatividade da receita líquida (%)	Receita líquida média (mil)	Produtividade média (mil)
Total	26 131	248 325 911	100,0	9 503,1	838 996 443,3	100,0	32 107,3	69,9
Empresas resilientes	3 488	34 072 133	13,7	9 768,4	121 152 603,3	14,4	34 734,1	50,4
Empresas não resilientes	22 643	214 253 778	86,3	9 462,3	717 843 840,0	85,6	31 702,7	74,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Crescimento da receita líquida e do pessoal ocupado assalariado durante o alto crescimento (2011-2014)

Após a analisar o perfil das empresas resilientes em 2015, esta subseção se dedica a analisar o comportamento destas empresas no seu período de alto crescimento (2011-2014). Considerando que as empresas resilientes são um subgrupo das empresas de alto crescimento de 2014, objetivo deste exercício é observar, a partir das taxas de crescimento de receita líquida e pessoal ocupado assalariado, se havia diferenças notáveis entre as empresas resilientes, e as demais, no período de alto crescimento destas empresas – entre 2011 e 2014.

Ao observar a taxa média de crescimento anual do pessoal ocupado assalariado das empresas resilientes (41,0%), nota-se que esta não destoa significativamente da taxa verificada para as empresas não resilientes (39,9%). Esta similaridade também

ocorre ao observar a taxa média de crescimento anual da receita líquida dos dois grupos de empresas: entre 2011 e 2014, a taxa média de crescimento da receita líquida das empresas resilientes foi de 18,6% ao ano, enquanto a taxa observada entre as empresas não resilientes foi de 18,2% ao ano – uma diferença de 0,4 pontos percentuais.

Dentre as empresas resilientes, as seções que tiveram destaque no crescimento da receita líquida foram: Artes, cultura, esporte e recreação (84,6%); Informação e comunicação (35,7%); Alojamento e alimentação (34,4%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (34,0%). Já as atividades que se destacaram no crescimento do pessoal ocupado assalariado foram: Artes, cultura, esporte e recreação (59,0%); Alojamento e alimentação (57,4%); Atividades administrativas e serviços complementares (48,8%); e Indústrias extrativas (47,7%).

Ao observar a diferença da taxa média de crescimento da receita líquida das empresas resilientes, em relação às demais empresas, as atividades que se destacaram foram: Artes, cultura, esporte e recreação; Alojamento e alimentação; e Atividades imobiliárias. As atividades que apresentaram a maior diferença da taxa média de crescimento de pessoal ocupado assalariado das empresas resilientes, em relação às demais empresas, foram: atividades Artes, cultura, esporte e recreação; Alojamento e alimentação; e indústrias extrativas.

Tabela 34 - Taxa média de crescimento da receita líquida e do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento de 2014, por resiliência - Brasil 2011/2014

Seções da CNAE 2.0	Taxa média de crescimento da receita líquida (%) (2011-2014)		Taxa média de crescimento do pessoal ocupado assalariado (%) (2011-2014)	
	Empresas resilientes	Empresas não resilientes	Empresas resilientes	Empresas não resilientes
Total	18,6	18,2	41,0	39,9
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	6,2	20,7	37,6	41,3
B Indústrias extrativas	23,6	43,8	47,7	32,6
C Indústrias de Transformação	17,0	16,8	39,1	39,1
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	24,0	17,7	38,9	36,0
F Construção	14,7	19,0	41,2	42,8
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	17,7	16,4	34,1	37,4
H Transporte, armazenagem e correio	24,4	18,0	42,5	39,6
I Alojamento e alimentação	34,4	16,2	57,4	33,2
J Informação e comunicação	35,7	32,0	39,5	37,4
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	34,0	26,3	30,6	39,6
L Atividades imobiliárias	18,2	6,7	32,4	40,1
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	19,6	13,8	40,0	40,6
N Atividades administrativas e serviços complementares	21,9	17,8	48,8	44,2
P Educação	15,3	19,2	31,6	33,7
R Artes, cultura, esporte e recreação	84,6	19,4	59,0	32,7
S Outras atividades de serviços	11,2	15,0	34,0	35,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio; e Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

Em suma, das 31 223 empresas de alto crescimento de 2014, 3 965 empresas (12,8%) eram resilientes – ou seja – continuaram crescendo 20% ou mais, em 2015. Ao comparar o perfil das empresas resilientes, com as demais empresas de alto crescimento de 2014, é possível observar que as primeiras estão concentradas na faixa de porte das empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, enquanto dentre as empresas não resilientes a concentração está nas empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas.

Ao observar as atividades que apresentaram maior percentual de empresas resilientes, as atividades que obtiveram destaque foram: Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades administrativas e serviços complementares; Educação; e Saúde humana e serviços sociais – todas pertencentes ao setor de Serviços. Vale destacar que, com exceção das Atividades administrativas e serviços complementares, as atividades que apresentaram maior resiliência também possuíam elevadas taxas de pessoal ocupado com ensino superior. Por outro lado, ao observar as taxas de crescimento de pessoal ocupado, entre 2014-2015, das empresas resilientes, as atividades que se destacaram na geração de pessoal ocupado possuíam taxas de pessoal ocupado com ensino superior inferiores à média de 11,3% (Alojamento e alimentação; Construção; Indústrias de transformação; e Atividades administrativas e serviços complementares) – com exceção da Atividade informação e comunicação.

Por fim, o comportamento das empresas resilientes durante o alto crescimento (2011-2014) não destoou do comportamento observado nas demais empresas de alto crescimento de 2014 – no que tange ao crescimento da receita líquida e do pessoal ocupado. Contudo, a participação da receita gerada pelas empresas resilientes no total da receita gerada pelas empresas de alto crescimento passou de 11,7%, em 2014, para 14,4%, em 2015.

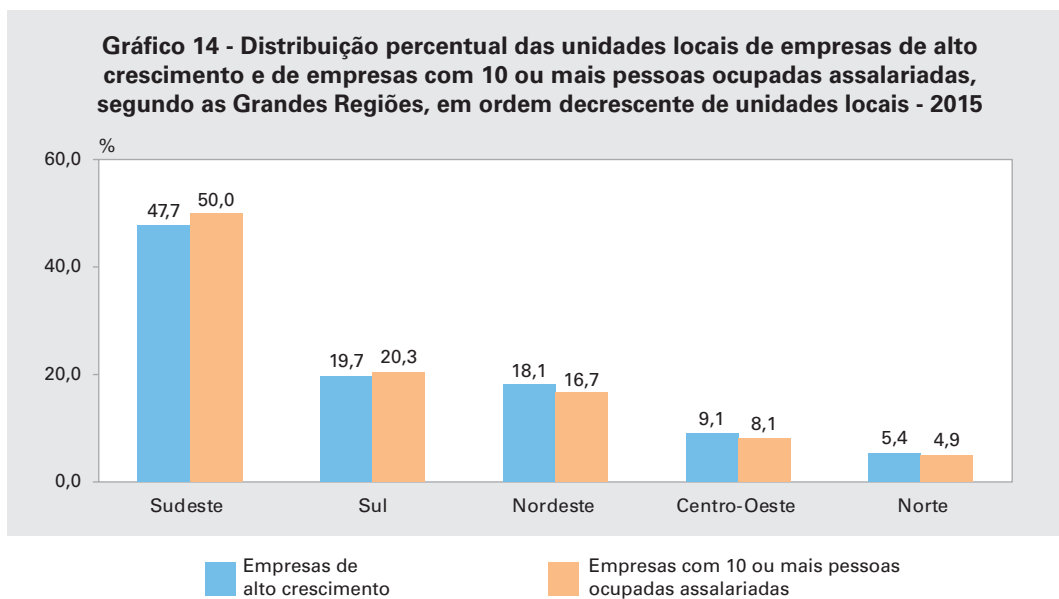
Análise regional das empresas de alto crescimento

A seguir, avalia-se a distribuição das Unidades Locais das empresas de alto crescimento no território brasileiro, por Grandes Regiões e Unidades da Federação.

Grandes Regiões

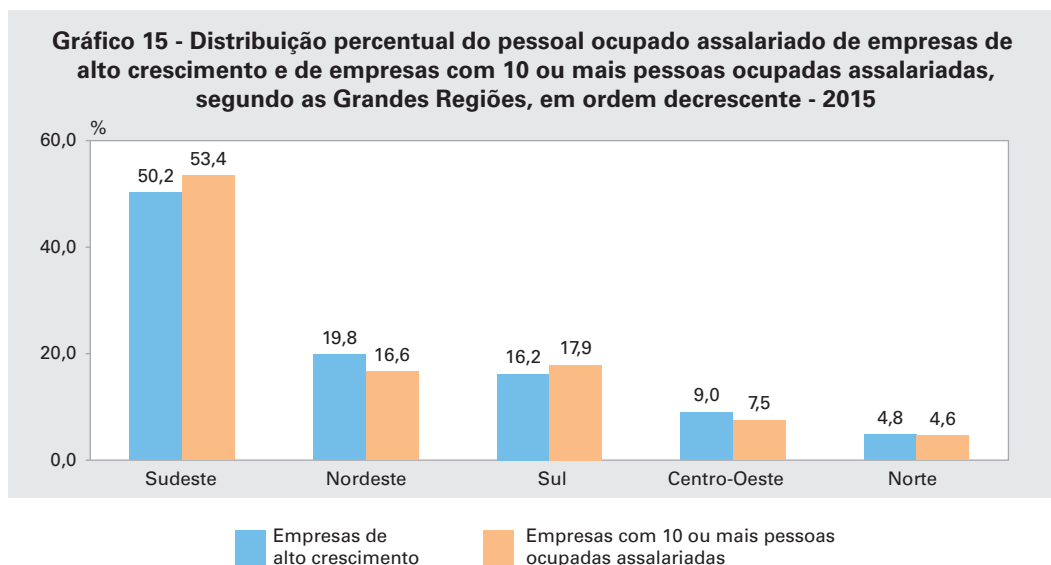
Este tópico apresenta a distribuição espacial das empresas de alto crescimento no Brasil. Tal como apresentado na seção **Notas técnicas** desta publicação, o conceito utilizado para a regionalização dos dados é a aquele que soma, para cada Grande Região ou Unidade da Federação, o número de Unidades Locais de cada empresa. A concentração de Unidades Locais das empresas de alto crescimento é maior nas Regiões Sul e Sudeste, o mesmo ocorrendo quanto ao pessoal ocupado assalariado nestas Unidades Locais. Inversamente, as menores taxas se encontram nas Regiões Norte e Centro-Oeste.

Os dados do Gráfico 14 revelam que quase metade das Unidades Locais das empresas de alto crescimento encontrava-se na Região Sudeste (47,7%), seguida pelas Regiões Sul (19,7%), Nordeste (18,1%), Centro-Oeste (9,1%) e Norte (5,4%). A distribuição das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas apresentou um padrão semelhante, com as Regiões Sul e Sudeste respondendo juntas por 70,3% das Unidades Locais.



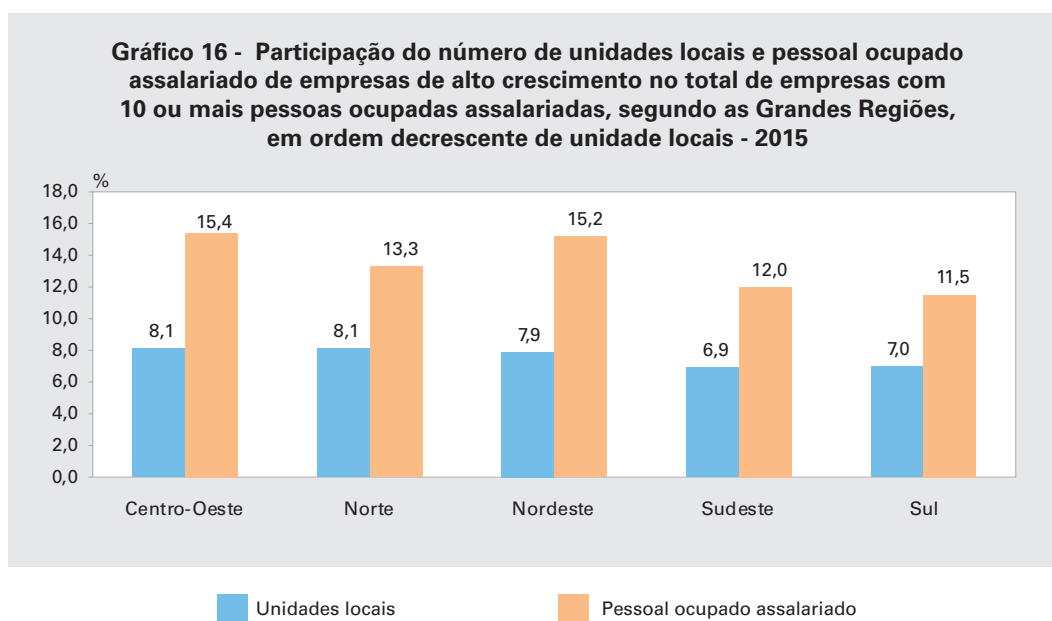
Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

O Gráfico 15 apresenta a distribuição do pessoal ocupado assalariado entre as Unidades Locais, por Grandes Regiões. Assim como verificado no gráfico anterior, existe uma predominância da Região Sudeste. Entre as empresas de alto crescimento, 50,2% do pessoal ocupado assalariado se encontra nesta região e, entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a taxa é maior, 53,4%. Na segunda colocação, figura a Região Nordeste, que concentra 19,8% do pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais das empresas de alto crescimento, vindo, a seguir, a Região Sul, com 16,2%. As Regiões Centro-Oeste e Norte ocupam a quarta e a quinta posições, com 9,0% e 4,8%, respectivamente. Já entre as Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a Região Sul apresenta-se em segundo lugar (17,9%), a Região Nordeste em terceiro (16,6%), seguida pelas Regiões Centro-Oeste (7,5%), e Norte (4,6%).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Por outro lado, em termos da participação de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o cenário é diferente, conforme mostra o Gráfico 17. As Regiões Norte e Centro-Oeste têm destaque, pois 8,1% das Unidades Locais das empresas destas regiões são de empresas de alto crescimento, seguidas pelas Regiões Nordeste (7,9%), Sul (7,0%) e Sudeste (6,9%). No caso da representatividade em termos de pessoal ocupado assalariado, a Região Centro-Oeste também figura em primeiro lugar (15,4%), seguido pelas Regiões Nordeste (15,2%), Norte (13,3%), Sudeste (12,0%) e Sul (11,5%).



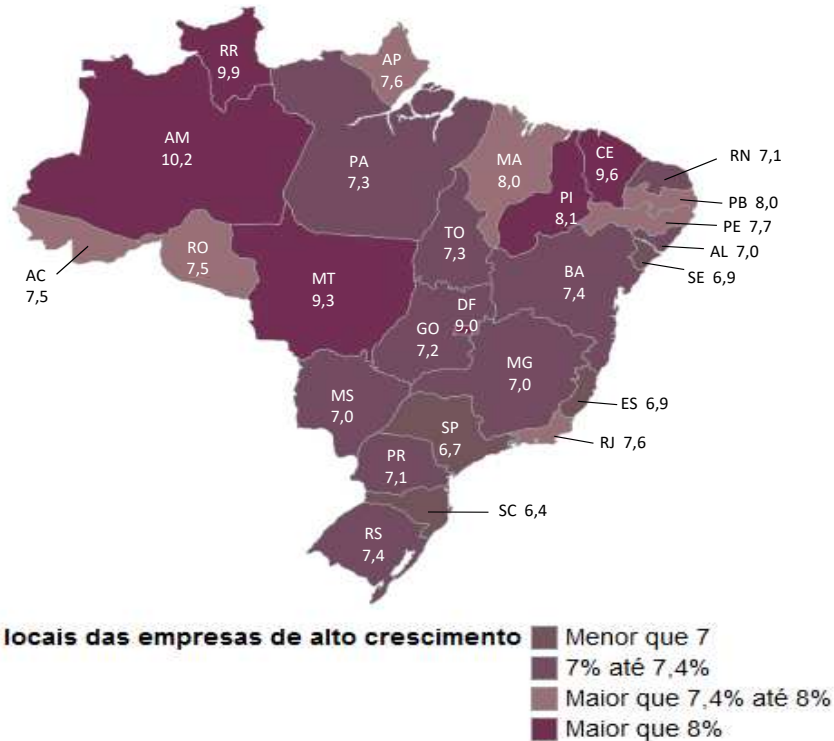
Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015.

Unidades da Federação

O Cartograma 1 mostra a representatividade de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por Unidade da Federação. Os dados indicam que, em 2015, as primeiras posições são ocupadas por Unidades da Federação das Regiões Norte e Nordeste. Amazonas (10,2%) e Roraima (9,9%) lideram o *ranking*, seguido pelo Ceará (9,6%). Por outro lado, as Unidades da Federação de menor representatividade estão concentradas principalmente nas Regiões Sul e Sudeste, com destaque para Espírito Santo (6,9%), Santa Catarina (6,4%) e São Paulo (6,7%).

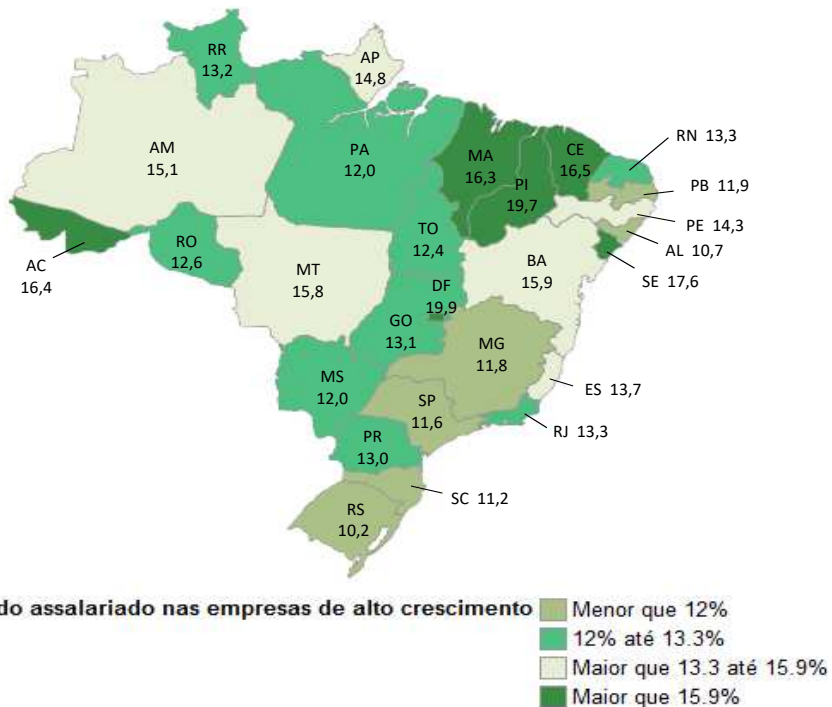
Os dados de representatividade do pessoal ocupado assalariado por Unidades da Federação, apresentados no Cartograma 2, evidenciam a maior representatividade das Unidades Locais das empresas de alto crescimento na Região Nordeste. As Unidades da Federação com maior concentração de pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais das empresas de alto crescimento em relação ao total ocupado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas são Distrito Federal (19,9%), Piauí (19,7%), Sergipe (17,6%) e Acre (16,4%), enquanto as menores proporções são concentradas nas Regiões Sul e Sudeste, com destaque para o Rio Grande do Sul (10,2%), Santa Catarina (11,2%), Minas Gerais (11,8%) e São Paulo (11,6%).

Cartograma 1 - Unidades Locais das empresas de alto crescimento em relação ao total das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Unidades da Federação - 2015



Fonte: IBGE, Coordenação de Geografia e Cadastro Central de Empresas 2015.

Cartograma 2 - Pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais de empresas de alto crescimento em relação ao total das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Unidades da Federação - 2015



Fonte: IBGE, Coordenação de Geografia e Cadastro Central de Empresas 2015.

Conclusões

O presente estudo apresenta um panorama das empresas de alto crescimento de 2015, no Brasil, analisando informações relevantes para o estudo destas empresas, como o porte, idade setores e seções de atividade, bem como as informações das variáveis econômicas – receita, valor adicionado e produtividade. O interesse pelo fenômeno do alto crescimento surgiu em um cenário de elevadas taxas de desemprego na Europa após a crise de 2008, e em 2015, sete anos depois, o estudo das empresas brasileiras de alto crescimento torna-se ainda mais relevante em um contexto de desaceleração econômica e desaquecimento do mercado de trabalho. Desta forma, a análise exploratória das empresas que mais geraram empregos entre 2013-2015 pode ser utilizada como material de apoio para estudos futuros sobre o tema, como estudos de políticas públicas que visem fomentar a geração de empregos no Brasil.

Em 2015, existiam 2,5 milhões de empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, no Brasil e, deste total, 25 796 eram empresas de alto crescimento (1,0%). Estas empresas ocupavam 3,5 milhões de pessoas ocupadas assalariadas, e pagavam R\$ 90,4 bilhões em salários e outras remunerações - um salário médio mensal de 2,7 salários mínimos. As empresas de alto crescimento representavam 5,4% das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. No entanto, apesar da baixa representatividade, as empresas de alto crescimento ocupavam o equivalente a 10,4% do total de pessoal ocupado assalariado das empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

No Brasil, entre 2012 e 2015, houve redução de 291,9 mil postos de trabalho assalariado (-0,9%). Em contrapartida, o pessoal ocupado assalariado das empresas consideradas de alto crescimento passou de 1,3 milhão, em 2012, para 3,5 milhões, em 2015 – aumento de 2,2 milhões pessoas ocupadas assalariadas (172,1%). A variação dos postos de trabalho assalariados nas empresas de alto crescimento entre 2012-2015 corresponde a 67,7% da variação nas empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

A maioria das empresas de alto crescimento estava na faixa de 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas em 2015 (55,2%). Em contrapartida, a importância desta faixa muda se considerarmos a participação relativa no total de pessoal ocupado, 12,6% do total. Já as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, apesar de sua baixa representatividade no total de empresas de alto crescimento (8,0%), apresentavam uma participação de 60,2% do total de pessoal ocupado assalariado neste grupo.

A média de idade das empresas de alto crescimento é 13,7 anos, inferior à média das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (15,3 anos). A faixa de idade que concentra o maior número de empresas de alto crescimento são empresas entre 10 e 20 anos (34,5%) – esta faixa também concentra o maior número de pessoal ocupado (33,8%), e os salários e outras remunerações (32,8%), das empresas de alto crescimento.

Em 2015, 61,9% do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento eram homens, e 38,1% mulheres. Apesar da baixa representatividade feminina, esta ainda foi superior à verificada entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (37,1%). Em relação ao nível de escolaridade, 12,6% do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento possuía ensino superior completo – taxa inferior à verificada nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (13,9%).

Do total das empresas de alto crescimento, 13,8% eram gazelas (3 560 empresas). Em 2015, as empresas gazelas possuíam 310,9 mil pessoas ocupadas assalariadas, pagavam R\$ 8,0 milhões em salários e outras remunerações, equivalente a um salário médio mensal de 2,7 salários mínimos.

Em 2015, a maioria das empresas de alto crescimento pertenciam ao setor de Serviços (33%). O *ranking* por setores de atividade é seguido pelo Comércio (26,5%), Indústria (19,9%), e Construção (11,2%). Ao observar a distribuição das empresas de alto crescimento por atividade econômica, as três atividades que se destacaram em 2015 foram: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (26,5%); Indústrias de transformação (18,7%); e Construção (11,2%). Em relação ao pessoal ocupado, os dados indicam que as empresas de alto crescimento de 2015 que mais empregaram foram as das seções: Atividades administrativas e serviços complementares (22,7%); Indústrias de transformação (21,4%); Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (17,1%); e Construção (11,2%).

No que diz respeito à participação das empresas de alto crescimento no total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, as atividades que se destacaram foram: Atividades administrativas e serviços complementares (9,3%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (8,4%); Informação e comunicação (8,4%); Construção (8,1%); e Transporte, armazenagem e correio (7,6%).

Em 2015, as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas geraram R\$ 1,9 trilhão em valor adicionado bruto. Desse total, as empresas de alto crescimento foram responsáveis por R\$ 225,7 bilhões (12,1%). A produtividade média das empresas de alto crescimento foi de R\$ 70,2 mil por empregado, 10,3% inferior à produtividade verificada nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (R\$ 78,3 mil por empregado). Por fim, vale destacar que as empresas de alto crescimento geraram uma receita líquida de R\$ 718,2 bilhões, de um total de R\$ 6,6 trilhões gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

As empresas de alto crescimento contínuo de 2015 cresceram de forma ininterrupta desde o triênio anterior (2010-2012). Do conjunto das empresas de alto crescimento em 2012, composto por 35 206 empresas, 36,2% (12 760 empresas) continuaram crescendo em 2013; 18,7% (6 566 empresas), em 2014; e, por fim, 6,0% (2 095 empresas), em 2015. Ou seja, em 2015, 2 095 empresas apresentaram taxas anuais de crescimento do pessoal ocupado assalariado, em média, superior a 20,0% desde 2010. Essas empresas, em 2015, ocupavam 780 682 pessoas assalariadas e pagavam R\$ 20,5 bilhões em salários e outras remunerações. Cabe destacar também que tais empresas, apesar de representarem 8,1% das empresas de alto crescimento de 2015, ocupavam 22,3% do total de pessoal ocupado assalariado e pagavam 22,7% do total de salários e outras remunerações.

A análise regional indicou que, a Região Sudeste apresenta a maior concentração de Unidades Locais e de pessoal ocupado, tanto das empresas de alto crescimento (47,7% e 50,2%, respectivamente) como das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (50,0% e 53,4%, respectivamente). Por outro lado, em termos da participação de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o cenário é diferente, e as Regiões Norte e Centro-Oeste têm destaque: 8,1% das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas assalariadas dessas regiões são de empresas de alto crescimento.

Ao observar a representatividade de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por Unidade da Federação, os dados indicam que, em 2015, as primeiras posições são ocupadas por Unidades da Federação das Regiões Norte e Nordeste. Já os dados de representatividade do pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais de empresas de alto crescimento em relação ao total de pessoal ocupado das unidades locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, evidenciam a maior representatividade da Região Nordeste.

Por fim, o tema específico deste ano se dedicou a observar as empresas resilientes: as empresas de alto crescimento de 2014 que continuaram crescendo 20% ou mais, em 2015. Das 31 223 empresas de alto crescimento de 2014, apenas 3 965 empresas (12,8%) eram resilientes. Ao comparar o perfil das empresas resilientes, com as demais empresas de alto crescimento de 2014, é possível observar que as primeiras estão concentradas na faixa de porte das empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, enquanto dentre as empresas não resilientes a concentração está nas empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas.

Ao observar as atividades que apresentaram maior percentual de empresas resilientes, as atividades que obtiveram destaque foram: Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades administrativas e serviços complementares; Educação; e Saúde humana e serviços sociais – todas pertencentes ao setor de Serviços. Vale destacar que, com exceção da atividade Atividades administrativas e serviços complementares, as atividades que apresentaram maior resiliência também possuíam elevadas taxas de pessoal ocupado com ensino superior. Por outro lado, ao observar as taxas de crescimento de pessoal ocupado, entre 2014-2015, das empresas resilientes, as atividades que se destacaram na geração de pessoal ocupado possuíam taxas de pessoal ocupado com ensino superior inferiores à média de 11,3% (Alojamento e alimentação; Construção; Indústrias de transformação; e Atividades administrativas e serviços complementares) – com exceção da atividade Informação e comunicação.

Por fim, o comportamento das empresas resilientes durante o alto crescimento (2011-2014) não destoou do comportamento observado nas demais empresas de alto crescimento de 2014 – no que tange ao crescimento da receita líquida e do pessoal ocupado. Contudo, a participação da receita gerada pelas empresas resilientes no total da receita gerada pelas empresas de alto crescimento passou de 11,7%, em 2014, para 14,4%, em 2015.

Referências

ACS, Z.; PARSONS, W.; TRACY, S. High-impact firms: gazelles revisited. *Small Business Research Summary*, Washington, DC: U. S. Small Business Administration - SBA, Office of Advocacy, n. 328, June 2008. Disponível em: <<http://permanent.access.gpo.gov/websites/www.sba.gov/advo/research/rs328.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

AHMAD, N.; HOFFMAN, A. *A framework for addressing and measuring entrepreneurship*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2008. 36 p. (OECD statistics working papers, 2008/02). Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/economics/a-framework-for-addressing-and-measuring-entrepreneurship_243160627270>. Acesso em: out. 2017.

AHMAD, N.; SEYMOUR, R. G. *Defining entrepreneurial activity: definitions supporting frameworks for data collection*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2008. 18 p. (OECD statistics working papers, 2008/1). Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/economics/defining-entrepreneurial-activity_243164686763>. Acesso em: out. 2017.

AUDRETSCH, D. B. *Determinants of high-growth entrepreneurship*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2012. [37] p. Trabalho apresentado no OECD/DBA International Workshop on High-growth firms: local policies and local determinants, realizado em Copenhagen, 2012. Disponível em: <http://www.oecd.org/cfe/leed/Audretsch_determinants%20of%20high-growth%20firms.pdf>. Acesso em: out. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom e evolução da taxa Selic*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/Copom/Port/taxaSelic.asp#notas>>. Acesso em: out. 2017.

BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório anual 2015. Brasília, DF, v. 51, 2015. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/?id=BOLETIMANO>>. Acesso em: out. 2017.

BRAZIL, Latin America and the Caribbean. Trade. Trade volume of goods and services, Volume of imports/exports of goods and services, percent change, 2012-2015. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: out. 2017.

BRAZIL, world, advanced economies, Euro area, European Union, emerging market and developing economies, Latin America and the Caribbean. National Accounts. Gross domestic product, constant prices, percent change, 2012-2015. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: out. 2017.

BULL, I.; WILLARD, G. E. Towards a theory of entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, New York: Elsevier, v. 8, n. 3, p. 183-195, May 1993. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0883902693900262>>. Acesso em: out. 2017.

CANTILLON, R. *Essai sur la nature du commerce en général*. London: Macmillan for the Royal Economic Society, 1931. 394 p.

CASSON, M. *The entrepreneur: an economic theory*. Totowa: Barnes & Noble, 1982. 418 p.

CLAYTON, R. L. et al. High-employment-growth firms: defining and counting them. *Monthly Labor Review*, Washington, DC: U.S. Bureau of Labor Statistics - BLS, v. 136, n. 6, p. 3-13, June 2013. Disponível em: <<http://www.bls.gov/opub/mlr/2013/06/mlr201306.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

CONTAS nacionais trimestrais. Tabelas completas 2012-2015. Rio de Janeiro: IBGE, [2017]. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

COUNTRY composition of WEO groups. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/02/weodata/groups.htm>>. Acesso em: out. 2017.

DAUNFELDT, S. O.; HALVARSSON, D. Are high-growth firms one-hit wonders? Evidence from Sweden. *Small Business Economics*, New York, v. 44, n. 2, p. 361-383, Feb. 2015. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11187-014-9599-8>>. Acesso em: out. 2017

DEMOGRAFIA das empresas 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 91 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 29). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/demografiaempresa/2015/default.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 89 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 15). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 87 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 19). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2010/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 99 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 22). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2011/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 87 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 24). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2012/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 91 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 26). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2013/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 83 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 28). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2014/default.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

EUROSTAT-OECD manual on business demography statistics. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD; Luxembourg: Statistical Office of the European Commission - Eurostat, 2007. 99 p. Disponível em: <<http://www.oecd.org/std/business-stats/eurostat-oecdmanualonbusinessdemographystatistics.htm>>. Acesso: out. 2017.

GLOBAL economic prospects: having fiscal space and using it. Washington, DC: World Bank Group, Jan. 2015. 193 p. Disponível em: <https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/GEP/GEP2015a/pdfs/GEP15a_web_full.pdf>. Acesso em: out. 2017.

HIGH-GROWTH enterprises: what governments can do to make a difference. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2010. 234 p. (OECD studies on SMEs and entrepreneurship). Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/high-growth-enterprises_9789264048782-en>. Acesso em: out. 2017.

HÉBERT, R. F.; LINK, A. N. *The entrepreneur: mainstream views and radical critiques*. 2nd ed. New York: Praeger, 1988. 196 p.

INDICADORES IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil 2012-2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua_mensal/default_retrospectiva.shtm> Acesso em: out. 2017.

INTERNATIONAL standard industrial classification of all economic activities - ISIC. Rev. 4. New York: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2008. 291 p. (Statistical papers. Series M, n. 4/rev. 4). Disponível em: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas.html>>. Acesso em: out. 2017.

KIRZNER, I. M. Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an austrian approach. *Journal of Economic Literature*, Pittsburgh: American Economic Association - AEA, v. 35, n. 1, p. 60-85, Mar. 1997. Disponível em: <<http://econfaculty.gmu.edu/pboettke/summer/summer%20docs/kirzner1997.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

LEE, N.; BROWN, R.; SCHLUETER, T. *Modes of firm growth*. Coventry: Enterprise Research Centre - ERC, 2016. 52 p. (ERC research paper, n. 46). Disponível em: <http://www.enterpriseresearch.ac.uk/wp-content/uploads/2016/05/ERC-ResPap46-LeeBrownSchlueter-RBNL_acks.pdf>. Acesso: out. 2017.

MEASURING entrepreneurship: a collection of indicators 2009 edition. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2009. 62 p. OECD-Eurostat Entrepreneurship Indicators Programme. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1581491>. Acesso em: out. 2017.

PENROSE, E. T. *The theory of the growth of the firm*. New York: Wiley, 1959. 272 p.

PESQUISA ANUAL DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO 2015. Rio de Janeiro: IBGE, v. 25, 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2015/default.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

PESQUISA ANUAL DE COMÉRCIO 2015. Rio de Janeiro: IBGE, v. 27, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=755>>. Acesso em: out. 2017.

PESQUISA ANUAL DE SERVIÇOS 2015. Rio de Janeiro: IBGE, v. 17, 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pas/pas2015/default.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

PESQUISA INDUSTRIAL 2015. Empresa. Rio de Janeiro: IBGE, v. 34, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2015/defaultempresa.shtm>>. Acesso em: out. 2017.

RELATÓRIO DE ESTABILIDADE FINANCEIRA. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, v. 14, n. 1, mar. 2015. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2015_03/refP.pdf>. Acesso em: out. 2017.

SANTOS, C. et al. Empreendedorismo e setor TIC: uma abordagem baseada em empresas de alto crescimento. In: PESQUISA sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br, 2014. p. 117-127. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: out. 2017.

SCHUMPETER, J. A. *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Cambridge [Estados Unidos]: Harvard University Press, 1934. 255 p. (Harvard economic studies, v. 46).

SÉRIES temporais. Setor externo. Taxas de câmbio. Taxas administrativas ou livres. Dólar americano (venda) - média de período - 3694 [2012-2015]. In: BANCO CENTRAL DO BRASIL. SGS: sistema gerenciador de séries temporais. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/series/port/aviso.asp>>. Acesso em: out. 2017.

SISTEMA nacional de índices de preços ao consumidor. Série histórica do IPCA 2012-2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm>. Acesso em: out. 2017.

WENNEKERS, S.; THURIK, R. Linking entrepreneurship and economic growth. *Small Business Economics*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, v. 13, n. 1, p. 27-55, Aug. 1999. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1008063200484>>. Acesso em: out. 2017.

WORLD economic outlook: April 2016: too slow for too long. Washington, DC: International Monetary Fund - IMF, 2016. 230 p. (World economic and financial surveys). Disponível em: <[file:///D:/Users/1367242/Downloads/_textpdf%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/1367242/Downloads/_textpdf%20(2).pdf)>. Acesso em: out. 2017

Glossário

consumo intermediário Soma do custo das operações industriais, comerciais e de serviços, aluguéis e arrendamento, arrendamento mercantil, publicidade e propaganda, fretes e carretos, prêmios de seguros, *royalties*, serviços prestados por terceiros, despesas com vendas, água e esgoto, viagens e representações e demais custos e despesas operacionais.

custos das operações da atividade principal Custos dos insumos necessários para a exploração da atividade principal exercida pela empresa.

custos de infraestrutura Gastos com água, esgoto e energia.

custos dos aluguéis e arrendamentos Gastos com aluguel e arrendamento de imóveis.

custos e despesas de pessoal *Ver* gastos de pessoal (total)

demais receitas (outras receitas) Toda e qualquer receita não proveniente do conceito de exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa.

despesas totais Somatório de todas as despesas declaradas pelas empresas de alto crescimento.

empresa Entidade empresarial com registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal, estabelecida no País.

empresa de alto crescimento Empresa com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, por um período de três anos. Para efeito do presente estudo, são consideradas as empresas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas no ano inicial de observação.

empresa de alto crescimento contínuo Empresa com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, por um período ininterrupto, desde o ano inicial de observação, superior a três anos.

empresa gazela Empresa de alto crescimento com até cinco anos de idade no ano de referência.

empresa resiliente Empresa de alto crescimento que apresentou crescimento de no mínimo 20% do pessoal ocupado assalariado no ano seguinte.

gastos de pessoal (total) Gastos com salários, retiradas e outras remunerações, valores referentes à parte do empregador das contribuições para as previdências social e privada, FGTS, indenizações trabalhistas e por dispensa incentivada, e outros benefícios concedidos aos empregados, tais como: auxílio-refeição, transportes, despesas médicas e hospitalares, creches, educação etc.

média de idade das empresas Razão entre o somatório das idades das empresas ativas no ano de referência e o total de empresas ativas neste ano.

outros custos e despesas Demais custos e despesas com aluguéis e arrendamentos, arrendamento mercantil, depreciação, amortização e exaustão, propaganda, fretes e carretos, impostos e taxas, prêmios de seguros, *royalties* e assistência técnica, variações monetárias passivas, despesas financeiras, resultado negativo de participações societárias, serviços não industriais prestados por terceiros, demais custos e despesas operacionais (como correio, telefone, etc.) e despesas não operacionais.

pessoal ocupado assalariado Pessoas efetivamente ocupadas no ano de referência, incluindo pessoas com vínculo empregatício formal, assim como aquelas sem vínculo formal, como membros da família e cooperativados com atividade na unidade.

pessoal ocupado total Pessoas efetivamente ocupadas no ano de referência, incluindo pessoas assalariadas com e sem vínculo empregatício, bem como proprietários e sócios com atividade na unidade.

produtividade Razão entre o valor adicionado bruto e o pessoal ocupado assalariado.

receita bruta Receita bruta proveniente da exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa, sem deduções dos impostos e contribuições (ICMS, PIS/PASEP, IPI, ISS, Simples Nacional, COFINS etc.), das vendas canceladas, abatimentos e descontos incondicionais.

receita operacional líquida Receitas bruta provenientes da exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa, com deduções dos impostos e contribuições (ICMS, PIS/ PASEP, IPI, ISS, Simples Nacional, COFINS etc.), vendas canceladas, abatimentos e descontos incondicionais.

receita total Cálculo de acordo com o âmbito do setor de atividade ao qual pertence a empresa¹.

salário médio mensal Razão entre o total de salários e outras remunerações praticados no ano de referência e o número médio de pessoas ocupadas assalariadas em atividade no ano, dividida por 13 meses.

salário mínimo mensal médio Valor médio do salário mínimo no ano, calculado a partir da soma dos valores do salário mínimo no ano, dividida por 13. Em 2015, o valor médio do salário mínimo mensal foi de R\$ 788,00 (setecentos e oitenta e oito reais).

salários e outras remunerações Importâncias pagas no ano a título de salários fixos, honorários, comissões, ajuda de custo, 13º salário, abono financeiro de $\frac{1}{3}$ das férias, participações nos lucros, dentre outras, às pessoas assalariadas com vínculo empregatício, sem dedução das parcelas correspondentes às cotas de previdência e assistência social (IAPAS/INSS) ou de consignação de interesse dos empregados (aluguel de casa, conta de cooperativa etc.).

salários, retiradas e outras remunerações Soma das importâncias pagas no ano, a título de salários fixos, pró-labore, retiradas de sócios e proprietário, honorários, comissões sobre vendas, ajuda de custo, 13º salário, abono de férias, gratificações e participação nos lucros (quando não resultantes de cláusula contratual). Não são deduzidas as parcelas correspondentes às cotas de previdência social (INSS), recolhimento de imposto de renda ou de consignação de interesse dos empregados (aluguel de casa, contas de cooperativas etc.). Não estão incluídas as diárias pagas a empregados em viagens, honorários e ordenados pagos a membros dos conselhos administrativo, fiscal ou diretor que não exerçam qualquer atividade na empresa, indenizações por dispensa incentivada e participações ou comissões pagas a profissionais autônomos. Os salários, retiradas e outras remunerações são investigados segundo os pagamentos ao pessoal ocupado assalariado ligado ou não à produção e ao pessoal ocupado não assalariado (proprietários e sócios).

taxa de empresas de alto crescimento Relação entre o número de empresas de alto crescimento e o número de empresas ativas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas no ano de referência.

taxa de empresas gazelas Relação entre o número de empresas gazelas e o número de empresas ativas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas com até cinco anos de idade no ano de referência.

¹ Para informações mais detalhadas, consultar as **Notas técnicas** que acompanham as publicações de resultados das pesquisas econômicas.

unidade local Endereço de atuação da empresa que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as unidades locais estabelecidas no País.

unidade local de empresa de alto crescimento Endereço de atuação de empresa de alto crescimento que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as unidades locais de empresas de alto crescimento estabelecidas no País².

valor adicionado bruto Diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário. Refere-se ao valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo.

valor bruto da produção Soma da receita líquida de vendas, variação de estoques de produtos acabados e em elaboração e produtos de fabricação própria realizada para o ativo imobilizado, deduzido do custo das mercadorias vendidas.

² Unidades locais ativas em um ano, mas inativas em outro do período de análise são consideradas. Assim, para 2015, o total de unidades locais inclui as unidades locais inativas em 2015, mas ativas em 2013 ou 2014, por exemplo.

Equipe técnica

Diretoria de Pesquisas

Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastro e Classificações

Francisco de Souza Marta

Gerência do Cadastros de Empresas e Estabelecimentos

Vinícius Mendonça Fonseca

Coordenação de Serviços e Comércio

Vânia Maria Carelli Prata

Coordenação de Indústria

Flávio Renato Keim Magheli

Elaboração do estudo

Planejamento

Isabella Nunes Pereira

Juliano Seabra (Instituto Endeavor Brasil)

Pedro Lipkin Peçanha Rosa (Instituto Endeavor Brasil)

Análise dos resultados

Isabella Nunes Pereira

Caroline Yukari Miaguti (Instituto Endeavor Brasil)

Elaboração dos comentários

Caroline Yukari Miaguti (Instituto Endeavor Brasil)

Tabulação

Hugo Segrilo Simas (Instituto Endeavor Brasil)

Colaboradores

Diretoria de Pesquisas

Coordenação de Serviços e Comércio

Maria Deolinda Borges Cabral

Coordenação de Indústria

Flávio Renato Keim Magheli

Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastro e Classificações

Adriane Gonzalez Rodrigues D'Almeida

Fabiano da Silva Giovanini

Fátima das Graças Macedo Barbosa

Gustavo Alexandre Nogueira da Costa

Katia Cilene Medeiros de Carvalho

Thiego Gonçalves Ferreira

Vinícius Mendonça Fonseca

Projeto Editorial

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Coordenação de Produção

Marise Maria Ferreira

Gerência de Editoração

Estruturação textual

Katia Vaz Cavalcanti

Leonardo Ferreira Martins

Marisa Sigolo

Diagramação tabular e de gráficos

Maria da Graça Fernandes de Lima

Solange Maria Mello de Oliveira

Diagramação textual

Solange Maria Mello de Oliveira

Programação visual da publicação

Fernanda Jardim

Luiz Carlos Chagas Teixeira

Mônica Pimentel Cinelli Ribeiro

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Gerência de Documentação

Pesquisa e normalização documental

Ana Raquel Gomes da Silva

Juliana da Silva Gomes

Juliana Chagas Moreira

Kleiton Moura Silva (Estagiário)

Lioara Mandoju
Nadia Bernuci dos Santos
Solange de Oliveira Santos
Vera Lúcia Punzi Barcelos Capone

Normalização textual e padronização de glossários

Ana Raquel Gomes da Silva

Elaboração de quartas capas

Ana Raquel Gomes da Silva

Juliana da Silva Gomes

Gerência de Gráfica

Ednalva Maia do Monte

Impressão e acabamento

Newton Malta de Souza Marques

Helvio Rodrigues Soares Filho

Série Estudos e Pesquisas

Números Divulgados

Informação demográfica e socioeconômica - ISSN 1516-3296

Síntese de indicadores sociais 1998, n. 1, 1999.

Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil, n. 2, 1999.

População jovem no Brasil, n. 3, 1999.

Síntese de indicadores sociais 1999, n. 4, 2000.

Síntese de indicadores sociais 2000, n. 5, 2001.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2000, n. 6, 2001.

Mapa do mercado de trabalho no Brasil 1992-1997, n. 7, 2001.

Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000, n. 8, 2002.

Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000, n. 9, 2002.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2000, n. 10, 2002.

Síntese de indicadores sociais 2002, n. 11, 2003.

Síntese de indicadores sociais 2003, n. 12, 2004.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do censo demográfico 2000, n.13, 2004.

Indicadores sociais municipais: uma análise da amostra do censo demográfico 2000, n.14, 2004.

Síntese de indicadores sociais 2004, n. 15, 2005.

Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000, n. 16, 2005.

Síntese de indicadores sociais 2005, n. 17, 2006.

Sistema de informações e indicadores culturais 2003, n. 18, 2006.

Síntese de indicadores sociais 2006, n. 19, 2006.

Tendências demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000, n. 20, 2007.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2007, n. 21, 2007.

Sistema de informações e indicadores culturais 2003-2005, n. 22, 2008.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2008, n. 23, 2008.

Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2008, n. 24, 2008.

Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil 2009, n. 25, 2009.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2009, n. 26, 2009.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010, n. 27, 2010.

Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010, n. 28, 2010.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2012, n. 29, 2012.

Tábuas abreviadas de mortalidade por sexo e idade - Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação, n. 30, 2013.

Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007- 2010, n. 31, 2013

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013, n. 32, 2013.

Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010, n. 33, 2014.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014, n. 34, 2014.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015, n. 35, 2015.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2016, n. 36, 2016.

Informação geográfica - ISSN 1517-1450

Saneamento básico e problemas ambientais em Goiânia, n. 1, 1999.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2002, n. 2, 2002.

Reserva ecológica do IBGE: ambientes e plantas vasculares, n. 3, 2004.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2004, n. 4, 2004.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2008, n. 5, 2008.

Vetores Estruturantes da Dimensão Socioeconômica da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco 2009, n.6, 2009.

Indicadores de Desenvolvimento Sustentável Brasil 2010, n. 7, 2010.

Geoestatísticas de Recursos Naturais da Amazônia Legal 2003, n. 8, 2011.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2012, n. 9, 2012.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2015, n. 10, 2015.

Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: Uma primeira aproximação, n. 11, 2017.

Informação econômica - ISSN 1679-480X

As micros e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001, n. 1, 2003.

Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil, n. 2, 2004.

Indicadores agropecuários 1996-2003, n. 3, 2004.

As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002, n. 4, 2004. 2. ed. 2004.

Economia do turismo: análise das atividades: características do turismo 2003, n.5, 2006.

Demografia das empresas 2005, n.6, 2007.

Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005, n.7, 2008.

As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2005, n.8, 2008.
Economia da saúde: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005, n.9, 2008.
Demografia das empresas 2006, n.10, 2008.
O Setor de Tecnologia da Informação e Comunicação no Brasil 2003-2006, n. 11, 2009.
Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2006, n.12, 2009.
Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2007, n.13, 2010.
Demografia das Empresas 2008, n. 14, 2010.
Estatísticas de Empreendedorismo 2008, n. 15, 2011.
Demografia das Empresas 2009, n. 16, 2011.
Demografia das Empresas 2010, n. 17, 2012.
Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2009, n. 18, 2012.
Estatísticas de Empreendedorismo 2010, n. 19, 2012.
As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2010, n. 20, 2012.
Demografia das Empresas 2011, n. 21, 2013.
Estatísticas de Empreendedorismo 2011, n. 22, 2013.
Demografia das Empresas 2012, n. 23, 2014.
Estatísticas de Empreendedorismo 2012, n. 24, 2014.
Demografia das Empresas 2013, n. 25, 2015.
Estatísticas de Empreendedorismo 2013, n. 26, 2015.
Demografia das Empresas 2014, n. 27, 2016.
Estatísticas de Empreendedorismo 2014, n. 28, 2016.
Demografia das Empresas 2015, n. 29, 2017.
Estatísticas de Empreendedorismo 2015, n. 30, 2017.

Se o assunto é **Brasil**,
procure o **IBGE**.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

ESTATÍSTICAS DE EMPREENDEDORISMO

2015

Com o lançamento desta publicação, o IBGE traz a público seu mais recente estudo sobre o tema empreendedorismo, realizado, como nas edições pregressas, com a colaboração técnica do Instituto Empreender Endeavor Brasil. As estatísticas são provenientes do Cadastro Central de Empresas - CEMPRE e das pesquisas econômicas anuais nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços, também do IBGE, e contemplam informações sobre o segmento empresarial formalmente constituído da economia brasileira.

A publicação traz considerações sobre os procedimentos metodológicos adotados na elaboração do estudo, os aprimoramentos introduzidos, os referenciais teóricos e conceituais, cujas definições são integradas às recomendações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (Organisation for Economic Cooperation and Development - OECD), além de notas sobre as bases de dados utilizadas. A análise dos resultados tem como objeto central as empresas de alto crescimento – aquelas com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos consecutivos e com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação – e discorre sobre a *performance* destas no triênio de 2013 a 2015. Os comentários contextualizam o cenário econômico internacional e seus reflexos na economia brasileira no período considerado, traçam um panorama geral das empresas ativas no Brasil e detalham, em particular, aquelas de alto crescimento, com informações sobre número, porte, idade média, setores de atividade econômica, postos de trabalho assalariado, sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado, salários e outras remunerações, valor adicionado bruto, produtividade do trabalho, entre outras características. Seus resultados são pautados na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0.

Para além do recorte tradicional das abordagens anteriores, o estudo ora apresentado focaliza, em especial, as empresas resilientes em 2015, cujo universo é formado pelas empresas de alto crescimento de 2014 que continuaram crescendo 20% ou mais no ano seguinte. Traçar esse perfil, cabe destacar, permite conhecer quais segmentos empresariais continuaram crescendo e gerando novos postos de trabalho em um cenário desfavorável ao desempenho econômico no Brasil.

Ao final da publicação, um glossário com os termos e conceitos considerados relevantes contribui para a compreensão dos resultados.

O conjunto dessas informações, também disponibilizado no portal do IBGE na Internet, concorre para o debate sobre a dimensão e a importância do empreendedorismo no País, assunto que tem relevância cada vez mais acentuada na economia, tanto em nível nacional quanto global.

Publicações complementares:

Demografia das empresas 2015

Estatísticas do cadastro central de empresas 2015

